



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Programa de Pós-Graduação em Educação

Dissertação

**O Baú dos Meus Guardados:**

Imaginários e lembranças das primeiras vivências escolares

**Annanda Diléia Jablonski**

Pelotas, 2011

**ANNANDA DILÉIA JABLONSKI**

**O Baú dos Meus Guardados:**

Imaginários e lembranças das primeiras vivências escolares

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lúcia Maria Vaz Peres

Pelotas, 2011

**Banca examinadora:**

.....  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lúcia Maria Vaz Peres (Orientadora)

.....  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Denise Marcos Bussoletti

.....  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Neiva Afonso Oliveira

.....  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Valeska Maria Fortes de Oliveira

## **Agradecimentos**

Por tudo o que vocês significam na minha vida e na formulação desta dissertação. Agradeço com carinho:

Ao PPGE da UFPel, pela oportunidade de integrar-me junto a seu corpo docente para realizar esta pesquisa.

A CAPES, pelo auxílio financeiro sem o qual seria difícil chegar até aqui.

Ao grupo GEPIEM, pela acolhida, amizade e exemplo de estudo.

Às professoras da banca – Neiva, Denise e Valeska – pela disponibilidade em realizar esta leitura e pelas contribuições que trouxeram a este trabalho.

À professora Denise – minha orientadora na especialização – por me ensinar a respeitar os silêncios e mais, por me fazer entender quando o silêncio quer falar.

À professora Rosária pela amizade, por apresentar-me ao mundo da Educação, à minha orientadora Lúcia e ao meu namorado Bruno.

A minha querida tia emprestada, Dona Jane, que com toda sua solicitude decorou belamente os Baús dos Meus Guardados.

Aos meus ex-colegas Luis Guilherme, Marlise, Marilene e à professora Teresinha, pela disponibilidade em participar desta pesquisa e por ajudarem a manter vivas as lembranças e guardados daquele tempo.

As minhas irmãs de coração – Bruna e Vanessa – com quem dividi por sete anos mais do que um apartamento, o meu dia-a-dia e a minha mais sincera amizade.

A minha orientadora Lúcia, que sabe como ninguém cultivar um jardim repleto de girassóis. Conhece o momento certo de regá-los e de podá-los. E como uma

experiente e sensível jardineira, me deu carinho, atenção e alguns puxões de orelha no momento certo, sem nunca perder a graça, a generosidade e a competência de uma grande orientadora. Obrigada por tudo!

À família Vieira, nas pessoas do seu Jorge, Dona Ângela, Gê e Bruno, pela presença constante nesse tempo de mestrado, pelas “sopinhas” no inverno depois das aulas e por tantas outras coisas que a faz representar a extensão da minha casa em Pelotas.

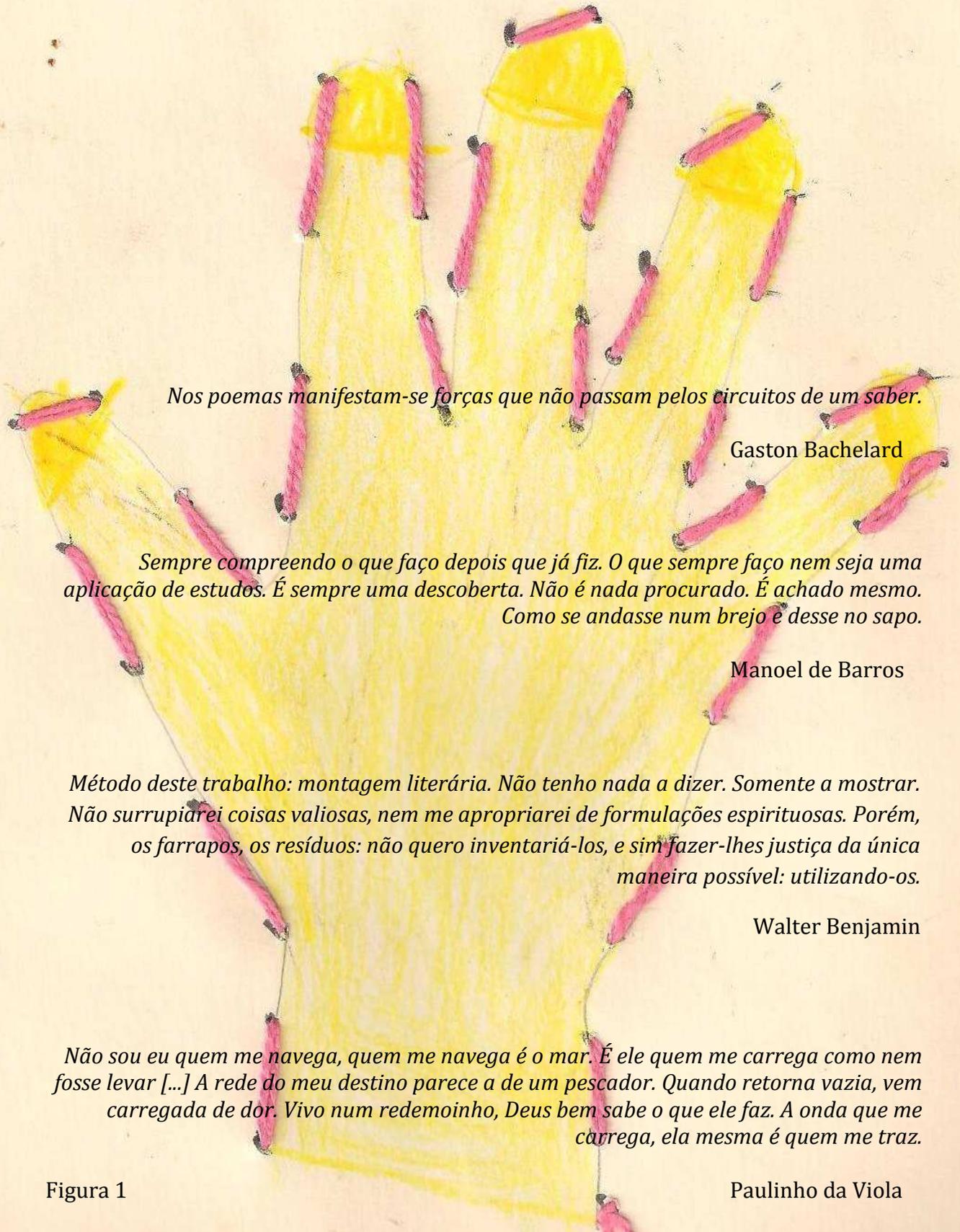
Ao meu nono (*in memoriam*) e a minha nona, pelo apoio e carinho que sempre tiveram comigo.

A minha irmã Anna e cunhado Dalton, por fazerem parte da minha vida e me presentear com as sobrinhas mais lindas do mundo.

À Anabella e Anallis – meus verdadeiros alecrins dourados – que tornam a minha vida imensamente mais feliz.

Ao meu pai e à minha mãe, que me deram a vida. Serei eternamente grata a vocês por tudo o que sou e serei. Obrigada pela oportunidade, apoio, carinho e amor incondicional. Amo vocês!

Àquele que acompanhou bem de perto todo o percurso deste mestrado, dividindo comigo todas as alegrias e angústias. Juntos, somos mais que um casal, somos uma dupla! E tu, mais que meu amigo, colega, namorado, és o amor mais lindo que a vida podia me dar! Obrigada por tudo! Te amo!



*Nos poemas manifestam-se forças que não passam pelos circuitos de um saber.*

Gaston Bachelard

*Sempre compreendo o que faço depois que já fiz. O que sempre faço nem seja uma aplicação de estudos. É sempre uma descoberta. Não é nada procurado. É achado mesmo. Como se andasse num brejo e desse no sapo.*

Manoel de Barros

*Método deste trabalho: montagem literária. Não tenho nada a dizer. Somente a mostrar. Não surrupiarei coisas valiosas, nem me apropriarei de formulações espirituosas. Porém, os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os.*

Walter Benjamin

*Não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar. É ele quem me carrega como nem fosse levar [...] A rede do meu destino parece a de um pescador. Quando retorna vazia, vem carregada de dor. Vivo num redemoinho, Deus bem sabe o que ele faz. A onda que me carrega, ela mesma é quem me traz.*

Figura 1

Paulinho da Viola

## Resumo

JABLONSKI, Annanda Diléia. **O Baú dos Meus Guardados:** Imaginários e lembranças das primeiras vivências escolares. 2011. 117 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Este trabalho trata-se de uma pesquisa sobre os imaginários e as lembranças das primeiras vivências escolares e teve como objetivo geral desenvolver um estudo sobre a relevância da memória e do imaginário como potências de autoformação. O foco teórico ancora-se nos estudos desenvolvidos pelo Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Imaginário, Educação e Memória (GEPiEM), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O sujeito principal foi a própria pesquisadora, tendo como questão de investigação o seguinte: que imagens emergem dos reservatórios da minha memória dos três primeiros anos escolares? Como forma de responder a essa questão, a pesquisadora buscou no seu Baú dos Guardados, todas as imagens-lembranças e recordações das referidas vivências. Também contribuíram para a pesquisa três ex-colegas daquele tempo, que atuaram como eco-evocadores de memórias. Nesse percurso, descobriu-se que as lembranças dos três primeiros anos escolares presentificam-se como ressonâncias, cujas repercussões fazem parte do processo de autoformação da pesquisada, no âmbito pessoal e profissional. Tal constatação possibilitou um maior autoconhecimento em torno das questões humanas e formadoras, sobretudo, em se tratando da apropriação destes reservatórios como potências formadoras de alunos, principalmente no que se refere ao primeiro contato com a instituição escola. Por isso, é possível inferir que a evocação das memórias e o resgate do imaginário como reservatório dos processos iniciais de formação são de suma importância para o trajeto autoformativo do ser humano. Esta pesquisa evidencia, portanto, que a memória e o imaginário desempenham papel fundamental no autoconhecimento e constituem-se em potências de autoformação, na medida em que ajudam a problematizar as imagens autoformadoras que habitam os reservatórios do imaginário humano repleto de sentidos construídos individual e socialmente.

**Palavras-chave:** Educação. Imaginário. Memória. Autoformação.

## Abstract

Jablonski, Annanda Diléia. **The Chest of My Saved:** Imagination and memories of the first school experiences. 2011. 117 f. Dissertation (MS) – Post-Graduation Program in Education. Federal University of Pelotas, Pelotas.

This work is a research about the imaginaries and memories of the first school experiences and aimed to develop a study on the relevance of memory and imaginary as potencies of self-formation. The theoretical focus is founded on studies developed by the Group of Studies and Research about Imaginary, Education, and Memory (GEPIEM), of the Federal University of Pelotas (UFPel). The main subject was the researcher herself, with the following investigation question: which images emerge from the reservoirs of my memory of the first three school years? As a way to answer this question, the researcher looked in her Chest of Saved, all the images-remembrances and recollections of those experiences. Also contributed to the research, three former colleagues of that time, who acted as eco-evokers of memories. Along the way, it was discovered that the memories of the first three school years become presents as resonances, whose repercussions are part of the process of self-formation of the researcher, personally and professionally. This finding allowed a greater self-knowledge about human and forming issues, mostly, when it comes to ownership of these reservoirs as forming potencies of students, especially in what refers to the first contact with the school institution. Therefore, it's possible to infer that the evocation of memories and the rescue of the imaginary as a reservoir of the initial processes of formation are extremely important to the path of the human being's self-formation. This research evidences, then, that the memory and the imaginary play a fundamental role in self-knowledge and constitute themselves into potencies of self-formation, as it helps to discuss the self-forming images which inhabit the reservoirs of the human imaginary full of individually and socially constructed meanings.

**Keywords:** Education. Imaginary. Memory. Self-formation.

## Lista de Figuras

Figura 1	Desenho da minha mão feito por mim no pré-escolar .....	5
Figura 2	Desenho feito por mim (1991) .....	18
Figura 3	Desfile de Sete de Setembro com trajes típicos poloneses com trajes típicos poloneses .....	18
Figura 4	Vista de frente da antiga Escola Santa Fé .....	21
Figura 5	Parte da turma do pré-escolar .....	21
Figura 6	Meu auto-retrato (2010) .....	28
Figura 7	Meu retorno à antiga escola Santa Fé .....	35
Figura 8	Trabalhinho feito de colagem com palitos de picolé .....	37
Figura 9	Quando eu era bebê .....	38
Figura 10	Hoje sou assim .....	38
Figura 11	Esta é a minha família .....	38
Figura 12	Meus coleguinhas na escola .....	38

Figura 13	O que faço num dia pela manhã .....	38
Figura 14	O que faço pela tarde .....	38
Figura 15	O que faço à noite .....	39
Figura 16	Esta é a minha casa .....	39
Figura 17	O que eu faço para ajudar minha família .....	39
Figura 18	O que eu gosto de fazer .....	39
Figura 19	O que sonho ser quando crescer: comerciária .....	39
Figura 20	Quando eu crescer serei assim .....	39
Figura 21	Encontro com meu ex-colega Luis Guilherme .....	46
Figura 22	Remexendo o Baú dos meus Guardados Com Luis Guilherme .....	46
Figura 23	Luis Guilherme rindo ao recordar da infância .....	49
Figura 24	Encontro com minha ex-colega Marlise .....	57
Figura 25	Remexendo o Baú dos meus Guardados com Marlise .....	57
Figura 26	Encontro com minha ex-colega Marilene .....	73

Figura 27	Remexendo o Baú dos meus Guardados com Marilene .....	73
Figura 28	Encontro com Teresinha, minha primeira professora .....	85
Figura 29	Remexendo o Baú dos meus Guardados com a professora Teresinha .....	85
Figura 30	Recebendo o diploma das mãos da professora Terezinha na formatura do pré-escolar (1991) .....	89
Figura 31	Diploma original: um dos guardados do meu Baú .....	89
Figura 32	Recebendo o diploma das mãos da professora Teresinha 20 anos depois .....	89

## Sumário

<b>INICIANDO A ESCRITA EM PEDAÇOS – A PROPÓSITO DE INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1 – FOCANDO O OLHAR NO PERCURSO DAS MINHAS LEMBRANÇAS</b> .....	14
<b>2 – REVELANDO AS ORIGENS DE UMA TRAJETÓRIA ESCOLAR E DE UM QUERER PESQUISAR</b> .....	18
<b>3 – CONVERSANDO SOBRE ALGUNS CONCEITOS CAROS A ESTE TRABALHO</b> .....	23
<b>3.1 – SOBRE IMAGINÁRIO</b> .....	23
<b>3.2 – SOBRE MEMÓRIA</b> .....	29
<b>3.3 – SOBRE AUTOFORMAÇÃO</b> .....	32
<b>4 – ABRINDO O BAÚ DOS MEUS GUARDADOS</b> .....	34
<b>5 – APRESENTANDO OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	41
<b>6 – REMEXENDO O BAÚ DOS MEUS GUARDADOS EM ENCONTROS COM OS ECO-EVOCADORES</b> .....	45
<b>6.1 – ENCONTRO COM MEU EX-COLEGA LUIS GUILHERME</b> .....	46
<b>6.2 – ENCONTRO COM MINHA EX-COLEGA MARLISE</b> .....	57
<b>6.3 – ENCONTRO COM MINHA EX-COLEGA MARILENE</b> .....	72
<b>7 – REPERCUTINDO EM MIM OS ENCONTROS COM OS ECO-EVOCADORES E REENCONTRANDO A MINHA PRIMEIRA PROFESSORA</b> .....	84

<b>8 – JUNTANDO OS PEDAÇOS, REINVENTANDO O BAÚ DOS MEUS GUARDADOS E DESCOBRINDO UM INFINITO INCOMPLETÁVEL .....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>100</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>103</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>109</b>

## INICIANDO A ESCRITA EM PEDAÇOS – A PROPÓSITO DE INTRODUÇÃO

*Ao som de: 'Alecrim, alecrim dourado que nasceu no campo sem ser semeado. Foi meu amor que me disse assim que a flor do campo é o alecrim', som daquele tempo, que fui buscar no fundo do meu baú... Embalo esta escrita e tento ser fiel ao meu tempo, meu momento de ser/estar pesquisadora.*

Esta dissertação que ora apresento é composta pelo que chamo de escrita em pedaços, não porque são fragmentos dispersos, desconexos e sem sentido, mas pela certeza de que sempre escolhemos o que narrar e que invariavelmente, não somos humanamente capazes de dar conta da totalidade do que somos. Somos sim, um infinito incompletável... Portanto, tais pedaços, aqui estão expressos através de nove capítulos onde tento organizar teórica e existencialmente o sentido deste estudo ao logo do percurso de dois anos de mestrado.

No capítulo 1 foco o olhar no percurso das minhas lembranças e apresento o objetivo geral desta pesquisa, bem como a questão que elaborei para atingi-lo. Revelo as origens da minha trajetória escolar no capítulo 2, onde discorro também sobre o desejo de pesquisar este tema. Os conceitos: imaginário, memória e autofomação, muito caros a este trabalho, são trazidos no capítulo 3. No capítulo 4 abro o Baú dos Meus Guardados, a fim de mostrar todas as lembranças e recordações daquele tempo.

Os procedimentos metodológicos são apresentados no capítulo 5, onde também trabalho outros conceitos utilizados nesta pesquisa. No capítulo 6 detalho os encontros com três ex-colegas (Luis Guilherme, Marlise e Marilene), ocasiões em que, juntos, remexemos o meu baú. As repercussões desses encontros começam a ser expostas no capítulo 7, onde conto também como foi o reencontro com a minha primeira professora. Enfim, no capítulo 8, procuro juntar os pedaços encontrados até então, com o intuito de defender a ideia do imaginário e da memória como potências de autoformação e nas últimas palavras, reúno alguns pedaços do quebra-cabeça da minha existência e traduzo em poema o meu infinito incompletável.

## 1 – FOCANDO O OLHAR NO PERCURSO DAS MINHAS LEMBRANÇAS

A minha infância está aqui dentro do peito e não sossega não tem jeito de fazer ela aquietar. Que nem criança ela se embala nesse enredo e me deixa com um medo de não saber não sonhar!

Ao focar o olhar no percurso das minhas lembranças, trago esta frase de Ítalo Calvino<sup>1</sup>, que encontrei em meio as minhas anotações e rabiscos: *“Eu não saberia dizer quando comecei a reparar nisso; talvez essas coisas tenham efeito sobre nós, mas não reparamos; depois se começa a juntar uma coisa à outra; e então de repente tudo ganha sentido”*. Essa ideia expressa muito bem a maneira como me sinto em relação ao tema de estudo e pesquisa que desenvolverei nas próximas páginas. Não saberia dizer quando foi exatamente que comecei a reparar na força e no modo como ele me toca. O que sei é que quando me dei conta, percebi que ele está em mim. O tema desta pesquisa está em mim!

Portanto, aqui caberia a seguinte pergunta: Se o tema desta pesquisa está em mim, por que pesquisá-lo? Justamente por isso. Procurei problematizar sobre as minhas primeiras vivências escolares, buscando as imagens que compunham os reservatórios do meu imaginário, as quais eu suspeitava terem se tornado autoformadoras, uma vez que fui em busca de melhor apropriação sobre o que vivi. Quis entender aquilo que passou, mas que continuou me afetando, através de lembranças, memórias, objetos ou da imaginação. Enfim, desejei pensar e tematizar sobre as imagens que compunham os reservatórios do meu imaginário das primeiras vivências escolares. Para isso, tive como questão de pesquisa e investigação a seguinte: **Que imagens emergem dos reservatórios da minha memória dos três primeiros anos escolares?**

Sabemos que os processos subjetivos, aqueles que acontecem no espaço íntimo do indivíduo – composto por emoções, sentimentos e pensamentos – são processos singulares e que, portanto pertencem ao si-mesmo, pois integram o domínio das atividades psíquicas. Pensando numa maior valorização desses

---

<sup>1</sup> Esta é uma citação de Ítalo Calvino que foi retirada de minhas anotações pessoais, por isso, a referência não está completa.

processos, em cada um dos diferentes alunos que compõem as nossas escolas, tive como objetivo geral **desenvolver um estudo sobre a relevância da memória e do imaginário como potências de autoformação**, sobretudo considerando a importância de um ensino-aprendizagem capaz de valorizar os processos subjetivos dos alunos.

A relevância em pesquisar e estudar essas questões tão peculiares e ao mesmo tempo tão arrebatadoras para mim, aliadas aos estudos em torno do imaginário, está na importância de pensar e apostar em práticas que levem em consideração “aspectos da emoção, do sonho, enfim de uma dimensão poética da vida [...] porque nelas reside o valor simbólico da expressão de quem busca ‘outras’ formas e modos de conhecer e, assim, se autoconhecer” (PERES e KUREK, 2008, p. 2). Esta pesquisa suscitou a ideia de que estudar as minhas primeiras lembranças e memórias escolares poderia possibilitar-me um maior autoconhecimento em torno das questões humanas e formadoras do meu ser.

No âmbito escolar e educacional, entender como se constituiu o processo de apropriações dos alunos no seu primeiro contato com a instituição escola, bem como analisar as relações entre suas vivências, seus processos de rememoração e imaginário é de suma importância, visto que é nessa fase que começam a se construir as primeiras experiências e aprendizagens escolares das crianças. Como reforça Delory-Momberger (2008), ao se referir à biografia educativa como fundamento dos saberes da ação,

As estruturas do mundo-de-vida elaborado na primeira infância são [...] as mais fecundas, e é na relação com essas estruturas primeiras que os indivíduos situam as experiências de socialização secundária que conhecem ao longo de sua existência (p. 116).

Nessa fase da vida, a experiência da escola toma forma, incorpora objetos e constrói saberes, comportamentos e valorizações. Por isso, buscar entender como funciona esse processo tão subjetivo e individual, ao mesmo tempo coletivo, significa mostrar interesse e preocupação com o que se passa em cada ser/aluno envolvido no processo de ensino-aprendizagem.

Quando decidi focar o olhar no percurso das minhas lembranças, comecei um processo de projeção, sobre o qual nos fala Josso (2004),

O processo de “projeção” apresenta-se como o oposto complementar e simétrico do processo de perda: o imaginário produz as imagens, os pensamentos, para preencher o efeito de vazio que o ilimitado e a “impermanência” provocam (p. 248).

Esse processo foi constituindo-se, consolidando-se e tomando força. Pensar sobre imaginário, memória e autoformação levou-me a uma experiência de autoconhecimento muito expressiva, pois fui buscar no reservatório da minha memória, as lembranças mais significativas para a minha formação pessoal e humana, o que constituiu mais tarde, o **Baú dos Meus Guardados**. Assim, penso que o imaginário como um *reservatório motor*, que “agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida” (MACHADO DA SILVA, 2006, p. 11-12), entrelaçado com a autoformação, encontram-se na linha que divide o plano da ação, impulsionada pelo primeiro, e o plano da reflexão que possibilita o segundo.

Cabe ressaltar, aqui, que a fase da minha vida para a qual atentei nesta pesquisa foi a dos três primeiros anos escolares que vivi na Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Santa Fé. Esse tempo refere-se aos anos de 1991, 1992 e 1993. Foi nessa escola que, aos seis anos de idade, tive o primeiro contato com um ambiente educacional, diferente do ambiente da minha casa, do meu lar<sup>2</sup>.

Ao participar do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Imaginário, Educação e Memória (GEPIEM), percebi a importância que o meu trabalho teria no campo educacional, com o apoio das discussões realizadas no interior desse grupo, o qual

tem potencializado estudos e práticas no ensino fundamental, ensino médio e técnico, na graduação, na formação continuada de professores e na pós-graduação. Dedicar-se, fundamentalmente, às pesquisas e práticas que promovam caminhos de reflexão e de sensibilização para os assuntos relativos ao Imaginário e a Educação na Formação Humana. Tem se voltado, desde 2007, às interfaces da memória através de trabalhos (auto) biográficos<sup>3</sup>.

Foi fazendo parte do GEPIEM, na condição de aluna regular de mestrado que tive a oportunidade de desenvolver esta pesquisa e procurar – à luz do Imaginário – outras formas de reinventar a formação e de experimentar a autoformação. Como afirmam Peres e Kurek (2008), com os estudos do imaginário,

<sup>2</sup> No capítulo seguinte, falarei mais sobre esta fase da minha vida.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/gepiem>>. Acesso em: 27 de junho de 2010.

podemos identificar diversas e diferentes possibilidades de se introduzir o sentimento no processo de educação com o intuito de trazer e de considerar o aluno

com tudo o que ele é, sua história de vida, seus aspectos emocionais, intelectuais, sem julgamentos, “contando” a coisa como ela é. Trata-se de despertar a imaginação, a sensibilidade e a criatividade, trabalhando saberes e aprendizados individuais e coletivos, sobretudo trabalhando o sentimento de pertença ao grupo, como alavancas para a criação. (p. 4 - 5)

A partir dessa pertença a este grupo, trago os conhecimentos e aprendizagens que junto a ele fui construindo e vivenciando. Como parte integrante dessa tribo que estuda o imaginário, sou mais uma na busca de entendimento dessas diferentes formas de olhar e ver, de tocar e sentir essa complexa teia que nos une e nos envolve, fortalecendo as relações, as aprendizagens e, sobretudo, as experiências humanas desse mundo. Trago, nesta pesquisa, tudo o que sou. Minha história de vida acompanha-me e se faz viva a partir dos pedaços de mim que transformo em palavras. Uma história e uma trajetória de formação<sup>4</sup> híbrida, que passou pelo mundo dos números falaciosamente conhecido como das “áreas duras” ao mundo conhecido das “ciências humanas”. Uma trajetória de formação – que passou do mesmo ao mesmo, pois ambos são verdadeiramente humanos – cuja origem bastante simples que será contada a partir de agora.

No capítulo seguinte, vou falar um pouco sobre as minhas origens, narrando de onde veio esta vontade de pesquisar sobre as minhas primeiras vivências escolares.

---

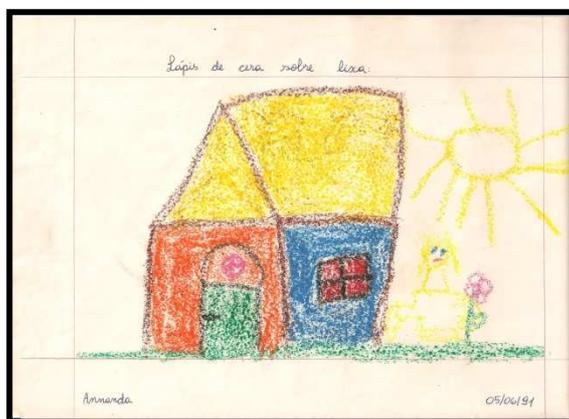
<sup>4</sup> Graduei-me em Licenciatura em Matemática (2008) pela UFPel; posteriormente, cursei Especialização em Educação (2008-2009) e Especialização em Ensino de Ciências e Matemática (2008-2009) na mesma instituição.

## 2 – REVELANDO AS ORIGENS DE UMA TRAJETÓRIA ESCOLAR E DE UM QUERER PESQUISAR

A minha casa fica lá detrás do mundo onde eu vou em um segundo quando começo a cantar.

Lupcínio Rodrigues

Sou natural da cidade de Guarani das Missões, localizada na região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Guarani, como a chamamos, é uma cidade muito pequena, com aproximadamente 9 mil habitantes, 5 mil residem na área urbana e 4 mil na área rural. Sua subsistência é basicamente agrária, destacando-se o plantio da semente de soja. A cidade é conhecida como a “Capital Polonesa dos Gaúchos”, já que, aproximadamente, 80% da sua população é formada por descendentes de poloneses.



**Figura 2-** Desenho feito por mim (1991)



**Figura 3-** Desfile com trajes típicos.

A colonização do município iniciou-se em 1891, e os primeiros colonizadores foram os suecos. Depois vieram os poloneses (dentre estes, as famílias dos meus tataravôs), os nativos e também os italianos, alemães, russos, portugueses, tchecoslovacos, austríacos, espanhóis, ucranianos e outros. Hoje existe uma grande miscigenação de etnias. A denominação “Guarani das Missões” foi assumida em

1950 e é de origem indígena e refere-se aos índios Guaranis que lá habitavam<sup>5</sup>. Foi nesta “pequena grande” cidade que vivi a maior parte da minha vida e que tenho o prazer de retornar para visitar minha família sempre que possível. Uma “cidade pequena”, que não possui cinema, semáforo, rua de mão única, circulação interna de ônibus e outras coisas típicas de “cidade grande”. Uma “grande cidade”, onde caminha-se a pé pelas ruas e toma-se chimarrão na praça ou em frente as casas, sem nenhum medo ou apreensão; onde eu adorava brincar de boneca e de casinha em cima das árvores, de “se esconder” ou de “pegar” com a vizinhança, tomar banho de chuva pelas ruas com meus amigos e viajar pelos meus sonhos sentada num balanço e olhando para o céu estrelado (ritual que ainda preservo quando estou lá). Foi nesta cidade que aprendi a valorizar as coisas simples da vida, a ter amor pelos animais, adoração pela poesia e respeito pelos silêncios. Como “**O Apanhador de Desperdícios**” de Manoel de Barros (2003), também eu

Uso a palavra para compor meus silêncios.  
 Não gosto das palavras  
 fatigadas de informar.  
 Dou mais respeito  
 às que vivem de barriga no chão  
 tipo água, pedra, sapo.  
 Entendo bem o sotaque das águas.  
 Dou respeito às coisas desimportantes  
 e aos seres desimportantes.  
 Prezo insetos mais que aviões.  
 Prezo a velocidade  
 das tartarugas mais que a dos mísseis.  
 Tenho em mim esse atraso de nascença.  
 Eu fui aparelhado  
 para gostar de passarinhos.  
 Tenho abundância de ser feliz por isso.  
 Meu quintal é maior do que o mundo.  
 Sou um apanhador de desperdícios:  
 Amo os restos  
 como as boas moscas.  
 Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.  
 Porque eu não sou da informática:  
 eu sou da invencionática.  
 Só uso a palavra para compor meus silêncios.

Também foi em Guarani que vivi a maior parte da minha trajetória escolar. Lá, estudei em três escolas diferentes: do pré-escolar à 2ª série, na antiga Escola

<sup>5</sup> Disponível em:

<<http://www.guaranidasmissoes.rs.cnm.org.br/portal1/municipio/historia.asp?ildMun=100143176>>.  
 Acesso em: 16 de abril de 2010.

Estadual de 1º Grau Incompleto Santa Fé (que hoje não funciona mais como escola e sim como sede da APAE<sup>6</sup> do município); da 3ª à 8ª série, na Escola Estadual de Ensino Fundamental João Przyczynski; e, do 1º ao 3º ano do ensino médio, na antiga Escola Técnica Cenecista José Sallet. Todas essas escolas nas quais estudei e onde tive a oportunidade de conhecer professores, colegas e outras pessoas maravilhosas com as quais convivi por algum tempo (ou que mantenho contato até hoje), foram palco de inúmeras descobertas, aprendizagens e muitos encontros dos quais recorro intensamente.

Mas, para explicar melhor como eu, pesquisadora e sujeito desta pesquisa, encarei o e deparei-me com o assunto desse trabalho, digo que foi uma questão de escolha, onde não eu/pesquisadora escolhi o tema da pesquisa, mas sim, fui escolhida por ele! Volto a dizer, com esta pesquisa, busquei entender aquilo que se passou e continuou me afetando, seja através de lembranças, memórias, objetos ou da imaginação. A fase da minha vida em que tive o primeiro contato com a escola está de tal forma intrínseca em mim que se torna fonte de inspiração para muitos dos meus devaneios, imaginações, poesias, criações, escritas, desenhos, sonhos, anseios e de fortalecimento para muitas de minhas atuais ações e valorizações. Valorizações de coisas da vida, como sentimentos de amizade, de solidariedade, de saudade e das coisas simples da vida.

Valores como modos de ser, de viver e de representar o mundo que tenho hoje, formadores do meu ser. Segundo a socióloga e antropóloga Marie-Christine Josso (2009), as dimensões de nosso ser no mundo dão-se em forma de um “ser de carne”, “ser de atenção consciente”, “ser de cognição”, “ser de imaginação”, “ser de sensibilidades”, “ser de emoções”, “ser de afetividade” e “ser de ação” (p.125-130). Sobre isso penso que meu objeto de pesquisa está intimamente relacionado ao último, o ser de ação, que, conforme a autora, combina e mobiliza as demais dimensões do ser de fora a alcançar em seu movimento a transformação desejada. Desse modo, penso que o meu “ser de ação” mobilizou-me na busca de respostas para a minha questão de pesquisa, da melhor resposta possível.

---

<sup>6</sup> Associação de pais e amigos dos excepcionais.

Quando penso na minha infância, logo me vem à mente lembranças daquele tempo, daquele lugar, daquelas pessoas. Quanto ao tempo: pré, primeira e segunda séries, ao lugar: a antiga Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Santa Fé e às pessoas: colegas, professoras, merendeiras, amigos e conhecidos. Foi lá que conheci novos amigos e pude dividir a sala de aula com outros já conhecidos, como vizinhos e amigos.



**Figura 4-** Frente da antiga escola.



**Figura 5-** Parte da turma do pré-escolar.

Por tratar-se de uma escola localizada em cidade pequena, normalmente as turmas que iniciam com um grupo de alunos permanecem com o mesmo grupo nas séries seguintes, por inexistir mais de uma turma da mesma série. E foi o que aconteceu com a minha turma. Salvo alguns colegas que trocaram de escola e outros que vinham de outras cidades, a turma que iniciou comigo no pré-escolar continuou até a 2ª série (sendo que na 3ª fui eu quem mudou de escola). Tenho ótimas lembranças daquele tempo, colegas, amigos e professoras que guardo para sempre na memória, no coração e no **Baú dos Meus Guardados**<sup>7</sup>. Momentos que ainda hoje trago fortemente registrados em meu ser e que acredito terem sido fundamentais para a minha formação humana, pois representam o meu primeiro contato com uma instituição social fora da família, ainda que aos seis anos de idade não tivesse nenhuma noção disso.

Da primeira infância à adolescência, a experiência da escola evolui, toma formas (identificação, distanciamento, objetivação) e incorpora “objetos” (pessoas, comportamentos, saberes). No entanto, em todas as idades, ela representa uma *deslocalização* dos pertencimentos, das identidades, dos

<sup>7</sup> Mais adiante, apresentarei a você, caro leitor, o **Baú dos Meus Guardados**.

saberes de origem ou de proximidade, e a *integração* a um espaço *público* de regras sociais, comportamentos codificados e saberes objetivados. (DELORY- MOMBARGER, 2008, p. 114)

Penso que ao tomar contato com a escola, a criança tem a oportunidade de fazer parte de um ambiente de configuração diferente da familiar, que pode lhe proporcionar a experiência de uma vida social com regras e limites que deverão ser seguidos para que o bem-estar comum seja alcançado. São valorizações da vida em sociedade que nem sempre podemos vivenciar na família, ou que, muitas vezes, é somente nela que encontramos. As passagens da minha infância que felizmente me perseguiram e me arrebataram são as mesmas que transformam as minhas concepções de infância, minhas lembranças, meus sentimentos, minhas vontades, meu imaginário. Elas despertaram-me um desejo incomensurável de pesquisar, estudar, buscar entender o que houve de tão forte e significativo nessa fase de minha vida, nesses três anos que estudei na referida escola. Seria o “motor do Imaginário” agindo aqui?

No próximo capítulo, discutirei sobre alguns conceitos muito caros a esta pesquisa.

### 3 – CONVERSANDO SOBRE ALGUNS CONCEITOS CAROS A ESTE TRABALHO

São três os principais conceitos que sustentam esta dissertação: Imaginário, Memória e Autoformação. Conceitos estes que fazem parte do objetivo geral desta pesquisa, que foi “desenvolver um estudo sobre a relevância da memória e do imaginário como potências de autoformação”. Para isso, convido-te agora, caro leitor, a conhecer um pouco sobre o que consegui extrair de cada um desses conceitos, importantes para o meu tema de estudo.

#### 3.1 – SOBRE IMAGINÁRIO

Para iniciar o estudo sobre este conceito, começo trazendo um dos trabalhos desenvolvidos para estimular as conversações e trocas no projeto “Cirandas do Imaginário<sup>8</sup>”. Este trabalho consistiu na elaboração de um material áudio-visual<sup>9</sup> que buscou, no senso comum, o significado do termo: Imaginário.

Foi querendo saber o que as pessoas com seu saberes próprios – pessoas nas ruas, não estudosas desse conceito – sabem ou interpretam sobre o Imaginário, que eu e meu ex-colega<sup>10</sup>, juntos, saímos por algumas ruas da cidade de Pelotas à procura de depoimentos sobre o que é Imaginário. Percorremos lugares como a

---

<sup>8</sup> Eventos realizados pelos grupos de pesquisa GEPEIS/UFSM (Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Imaginário Social) e GEPIEM/UFPel (Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação, Imaginário e Memória) com o “intuito de fortalecer os grupos e sua visibilidade na comunidade universitária, em ambas as localidades: Santa Maria e Pelotas, respectivamente. [...] Esse projeto teve como objeto principal reunir pessoas para pensar e debater temas que não fazem parte do currículo instituído, mas que estão na base das representações sobre o entorno da vida humana. Nesse sentido, as “Cirandas do Imaginário” foram realizadas no ano de 2009, com o intuito de mobilizar os saberes que dormitam em cada pessoa, através das rodas de discussão” (PERES et. al, 2010, p. 2).

<sup>9</sup> Trata-se do trabalho audiovisual intitulado “O que é Imaginário?” (**APÊNDICE A.1**)

<sup>10</sup> Bruno Carvalho Vieira, mestre em Educação pela FaE - UFPel.

movimentada Avenida Duque de Caxias, ruas do Bairro Fragata e a Praça Coronel Pedro Osório, no centro da cidade. Abordamos sujeitos na rua, na calçada, no pátio de suas casas, em meio ao seu chimarrão da tarde, crianças brincando, idosos em bares, entre outras pessoas, em inúmeras e diversas situações. Contamos com a opinião de, aproximadamente, sessenta pessoas, de todas as idades e ideias. Perguntávamos a elas: **“O que é Imaginário pra ti?”**, e elas nos respondiam e nos surpreendiam a cada resposta.

Além do constrangimento causado por uma câmera<sup>11</sup>, era perceptível que muitas pessoas sentiam medo de errar a resposta – na ilusão de que há certo ou errado para a questão. Entretanto, com a ajuda de Juremir Machado da Silva (2006), estudioso deste conceito, aprendemos que não há para o Imaginário uma definição formulada e acabada, já que se trata de um conceito muito amplo. Segundo ele,

Todo imaginário é um desafio, uma narrativa inacabada, um processo, uma teia, um hipertexto, uma construção coletiva, anônima e sem intenção. O imaginário é um rio cujas águas passam muitas vezes no mesmo lugar, sempre iguais e sempre diferentes. (MACHADO DA SILVA, 2006, p. 8)

Também, por isso, foi importante buscar no senso comum o significado desse termo, como forma de tentar entender como se dá essa construção coletiva do conceito, já que, segundo o autor, “todo sujeito é um inseminador de imaginários” (p. 9) bem como “submete-se a um imaginário preexistente” (idem).

Expressões como: “*Não sei*”, “*Sei lá*”, “*Não tô lembrado*”, “*Posso pensar um pouco?*”, “*Puxa, aí tu me pegasse!*”, “*É ou não é?*”, etc. mostravam a dúvida, a insegurança e a espera pela confirmação da resposta dada. Curioso e engraçado foi saber que a questão suscitou discussão até mesmo num boteco, onde conseguimos arrancar algumas respostas e devaneios em torno da questão, formulados em meio a uma certa ausência de sobriedade. Mas, vieram de crianças, entre três e seis anos de idade, as respostas mais inusitadas e surpreendentes. Um menino, em meio a sua brincadeira no parque da praça, respondeu-nos: “*Imaginário pra mim é eu!*”; enquanto uma outra menina diz: “*Sou eu brincando!*” e outro menino ainda: “*É um boneco que fica na nossa cabeça!*”. Essas respostas foram ditas com muita

---

<sup>11</sup> Levávamos conosco uma câmera de vídeo para registrar com sons e imagens todas as expressões e respostas dos entrevistados.

convicção e propriedade. Sem dúvidas nem “rodeios” e com a essência e sabedoria que só as crianças conseguem expressar.

Percebo que cada pessoa que respondeu a nossa pergunta sobre o que era para ela Imaginário expressou em palavras ou até mesmo em suspiros parte do seu próprio Imaginário, sobre o que é Imaginário. E mesmo eu, ao iniciar este trabalho, possuía uma ideia, uma suposição sobre o que iria encontrar no meu Imaginário que expressasse, de certa forma, aquilo que eu buscava, que eu queria encontrar, aquilo que me movia para certa atividade. Machado da Silva (2006) compara o imaginário com um motor.

Motor, o imaginário é um sonho que realiza a realidade, uma força que impulsiona indivíduos ou grupos. Funciona como catalisador, estimulador e estruturador dos limites das práticas. O imaginário é a marca digital simbólica do indivíduo ou do grupo na matéria do vivido. Como reservatório, o imaginário é essa impressão digital do ser no mundo. Como motor, é o acelerador que imprime velocidade à possibilidade de ação. O homem age (concretiza) porque está mergulhado em correntes imaginárias que o empurram contra ou a favor dos ventos (p.12)

É nessa comparação, de Machado da Silva, que encontro respaldo para responder à questão que finalizou o capítulo anterior. Acredito que, sim, foi o “motor do imaginário” que impulsionou meus desejos, vontades e ações referentes a esta pesquisa de mestrado. Foram os imaginários relacionados às minhas primeiras vivências escolares que me empurraram e me levaram a pesquisar, a estudar e a buscar entender o que houve de tão forte e significativo na mencionada fase da minha vida em que estudei naquela escola.

Na obra “As Tecnologias do Imaginário” (2006), Machado da Silva ressalta que a palavra Imaginário virou moda no final do século XX, o que para Gilbert Durand e Michel Maffesoli não era novidade alguma. Segundo Silva, para alguns seguidores das ideias de Jacques Lacan ou de Cornelius Castoriadis o que estava em curso era um deslocamento conceitual inaceitável ou, pelo menos, uma confusão entre imaginário e simbólico. O que houve realmente, conforme o autor, foi uma invasão do termo imaginário no espaço viral da mídia, ganhando espaço, devorando palavras e impondo-se com sonoridade poética e categórica. Isso trouxe também confusões e dúvidas a respeito do conceito e do significado de Imaginário. Conceito tão ambíguo e raramente definido pelos que o usam.

Pudemos constatar – depois de colher as opiniões das pessoas nas ruas e de assistir ao produto final em forma de vídeo - que duas confusões foram recorrentes: a de que o Imaginário não é real e a de que Imaginário é sinônimo de imaginação. Falas que demonstraram isso foram as seguintes: “*O que não é real*”, “*É uma coisa que não existe*”, “*É algo que tu imagina e que fica distante de ti, fica só na imaginação*”, “*Não é realidade, nada real, tudo que se imagina...*”, “*É imaginação*”.

Entretanto, ao contrário do que normalmente se pensa e do que propõe o dicionário ao definir imaginário: “Imaginário: Fantástico, ilusório, quimérico, fabuloso, inventado, hipotético, suposto. **Ant.** Real” (BARBOSA, 2004, p. 297) e real: “Real: 1. Verdadeiro, verídico, autêntico, legítimo. **Ant.** Fictício, imaginário” (BARBOSA, 2004, p. 452). Tenho aprendido com Machado da Silva (2006), e também nos debates teóricos no interior do grupo de pesquisa, que todo Imaginário é sim, real, e todo real é sim, Imaginário. Estranho? Talvez não se pensarmos, como ele, no sentido de que todo Imaginário é produção de uma realidade, de uma história, de um acontecimento, de uma vida. Podemos dizer que estudá-lo, podemos dizer que é uma forma de estudar a vida.

Sobre esta ideia, Peres e Oliveira (2002, p. 163) salientam dizem que “os estudos do imaginário acionam no pesquisador necessidades de novas aprendizagens por outros campos do conhecimento, que não somente o da educação [...]. Este é o território dos significados e dos sentidos construídos individual e socialmente”. Assim, entendo que remexer as lembranças que tenho daquele tempo – mais do que mergulhar no *reservatório motor* da minha memória – foi uma forma de juntar os pedaços da minha história dos três primeiros anos escolares, com o propósito de problematizar as imagens autoformadoras que emergiram desse reservatório, com todos os sentidos e significados construídos individual e socialmente.

Como descreve Machado da Silva (2006), “o Imaginário, no fundo, é uma concepção positiva das coisas, uma ideia de que, sim, os nossos sonhos, utopias e aspirações acabam nos movendo para as realizações.” (p. 8) Essa “coisa” que me levou a querer pesquisar sobre os tempos do meu primeiro contato com a escola está enraizada em meu imaginário e impulsionou-me a uma série de vontades e realizações. É um embalo que embala e me embala, que atiça, cutuca e causa! “(...) é uma espécie de poesia da vida, que se não mede como somos, permite-nos

compreender um pouco melhor porque agimos de uma maneira e não de outra” (idem).

A propósito da poesia, da pesquisa e do conhecimento, após a leitura do livro “A Chama de uma Vela”, de Gaston Bachelard (1989), pude compreender que sonhar à luz de uma vela é sonhar um sonho solitário. Um sonho que encontro no brilho da chama, da chama que vibra, dança e aquece, da chama que queima. O Imaginário, como a chama acesa, move nossos sentidos para ações e realizações impetuosas e fugazes daquilo que queima e agita, àquilo que move e realiza! Nesse sentido, a vela como um elemento do meu imaginário queima e me impulsiona para a realização desta pesquisa; impulsiona-me para a busca, para as leituras, para a troca e para a resposta da minha questão e também para um “narrar-se” que se revela através da escrita e das imagens.

Defendemos a ideia de que o imaginário de quem narra e escreve guarda tanto as experiências de vida singulares, quanto coletivas. Ambas, podem emergir a cada escrita, **abrindo caminhos novos, revelando conceitos, ideias, descobertas**. O ato de refletir, escrever e narrar a própria história pode propiciar um melhor aprender para si, mas não só. Também, pode enriquecer os conhecimentos sobre esta temática, bem como possibilitar o encontro com as ideias mais inesperadas e surpreendentes, que emergem dos muitos outros que coabitam a história de vida de cada pessoa. (PERES, 2009, p. 3)

Levada pelas palavras de Bachelard (1989), fui revelando conceitos e abrindo novos caminhos em direção a mim mesma. Descobri que um sonho que se tem à luz de uma vela pode ser uma realização que se cumpre, onde à luz do Imaginário, que, por sua vez, transforma nossas forças em fogo. Um fogo ardente e quente que aquece e realiza. Em seus devaneios sobre a Chama de uma Vela, o autor nos suscita imagens e vertigens e nos leva para dentro da chama, dentro do brilho solitário. Por vezes leva-nos a sentir uma solidão que não é nossa, mas é do outro. Essa chama desperta sentidos e sensações, escritas e transpirações. No calor da vela, os pingos de suor vão brotando da pele, movimentando os dedos e se expressando no papel, numa escrita única, inexplicável, mas potente. Potente no seu poder de impulsionar, mover, deslocar, animar, aquecer, mexer, vibrar, vibrar e vibrar. E, nessa vibração, vou descobrindo-me e redescobrimo-me. Uma velha Annanda nova, e uma nova Annanda velha, que se refaz a partir de cada narrativa, a partir de cada vibração da chama da vela.

Em 2010, tive a oportunidade de exercitar essa descoberta sobre o meu si-mesmo, participando de um mini-curso<sup>12</sup>, no qual fomos – eu e os demais participantes – instigados a “revisitar a própria identidade”. A proposta era que cada pessoa fizesse, de alguma maneira, o seu auto-retrato. Foram disponibilizados objetos como lápis de cor, giz de cera, tesoura, cola e revistas para auxiliarem no trabalho. Ao ler a seguinte frase no quadro: “A identidade é um retrato que faço de mim no presente. Não é igual ao que fui e nem ao que serei”, senti-me desafiada a retratar o que estava se passando comigo naquele instante. E foi o que fiz. Abaixo, trago o desenho, o auto-retrato de uma pessoa/estudante/pesquisadora que vive entre as nuances da rigidez e da claridade do “dia” e a flexibilidade e a escuridão da “noite”. Alguém que se reconhece apaixonada pela vida e pela natureza, que tem no seu coração a família, um amor e os amigos, que encara sua primeira viagem de avião, do Rio Grande do Sul a São Paulo, como uma oportunidade de aprender um pouco mais sobre as artes de viver, conhecer e formar.



**Figura 6-** Meu auto-retrato (2010)

<sup>12</sup> Este mini-curso aconteceu por ocasião do IV CIPA (Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica), realizado entre os dias 26 e 29 de julho de 2010, na USP, São Paulo-SP.

### 3.2 – SOBRE MEMÓRIA

A memória guardará o que valer a pena. A memória sabe de mim mais que eu; e ela não perde o que merece ser salvo.

Eduardo Galeano

Para conhecer um pouco sobre o conceito de memória, busquei declarações de Ivan Izquierdo, doutor em medicina, neurocientista e pesquisador respeitado na área de fisiologia da memória, que escreveu inúmeros artigos e livros tratando desse tema. Em entrevista<sup>13</sup> ao site do doutor Drauzio Varella<sup>14</sup>, Izquierdo define memória como a “aquisição, a conservação e a evocação de informações” e explica que ela pode ser de qualquer tipo. A memória “pode ser interna, oriunda de pensamentos e de estímulos que o organismo pode gerar, ou vir de fora dele, dos estímulos que chegam pelos sentidos”. No momento em que remexemos em coisas, guardados, fotografias do passado, por exemplo, ou quando sentimos um cheiro, escutamos uma música que remete a nossa infância, a memória, nesse caso, é gerada por estímulos que vêm dos sentidos, vêm de fora.

Segundo Izquierdo, a memória começa a formar-se desde a vida intra-uterina, quando aprendemos até mesmo o sotaque materno, daí a origem do termo “língua materna”, e não, paterna. Quando perguntado sobre como se dá a fixação das memórias, Izquierdo afirma que isso acontece de forma “mais ou menos automática” e que, no âmbito em que se faz a memória, uma vez iniciado o processo, é “ativada uma série de sistemas bioquímicos em sequência, dos quais cada um depende do anterior”. Diz ainda que “essa cadeia é modulada pela emoção, pelo sentimento, e a memória só fica mais ou menos completa depois de três a seis horas da sua aquisição”.

Izquierdo explica que a nossa memória é classificada ao longo do tempo e que “quando a reproduzimos, às vezes acrescentamos alguma coisa ou mudamos outras”. É como se, ao evocar determinadas memórias, eliminássemos os sentimentos e lembranças desagradáveis. Talvez isso explique por que não lembramos de momentos que foram marcantes para outra pessoa que vivenciou

---

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://www.drauziovarella.com.br/ExibirConteudo/5242/sobre-a-memoria>>  
Acesso em: 13 de Novembro de 2010.

<sup>14</sup> Drauzio Varella é médico cancerologista, formado pela USP.

conosco a mesma situação. Cada um carrega a força e o peso de suas lembranças e inconscientemente escolhe aquelas que vão ficar e as que vão sendo esquecidas.

Entre outros autores que tratam deste conceito, trago agora a autora Vera M. A. T. Brandão<sup>15</sup> utiliza-se de estudos em torno da memória e vem ao encontro do teórico Maurice Halbwachs<sup>16</sup>, a quem faz referência e toma como ponto de apoio em muitos de seus trabalhos. Brandão (2005) afirma que

a memória estabelece a identidade, cada memória é única, mas esta faz parte simultaneamente, das comunidades - restritas ou ampliadas - das quais participamos ligando-nos também às memórias comuns, sócio-históricas. Ao trabalharmos com as histórias dos sujeitos, como narrativas, ficam evidentes as lembranças individuais entrelaçadas às memórias coletivas, e como parte da memória histórica que as contextualiza (p. 2).

O que ela quer dizer é que a memória, apesar de ser única e própria de cada indivíduo, também faz parte dos grupos e comunidades dos quais participamos. A autora exemplifica dizendo que muitas das lembranças que temos como nossa, individual, podem ter sido “incorporadas como tais porque nos apropriamos dos relatos contados por pais, tios, avós, sobre fatos vividos no seio da família” (p. 3), e, depois, ao longo da nossa vida, por colegas de escola, de trabalho ou de outros grupos sociais dos quais fazemos parte. Acredito que assim todas as lembranças que guardo sobre as minhas primeiras vivências escolares foram também sendo construídas coletivamente, com influências de todos aqueles que dividiram comigo aquelas experiências, como meus ex-colegas. Também, por isso, eles terão um lugar especial nesta pesquisa, atuando nela como eco-evocadores das minhas lembranças, como veremos mais adiante.

Brandão explica que é esta a ideia que defende Halbwachs (1990), que “toda a lembrança liga-se a um contexto social mais amplo [...] e mesmo tida pelo indivíduo como única, prende-se de alguma maneira ao contexto social mais amplo” (idem). Ela salienta que “lembrar é reconstruir o passado a partir dos quadros sociais do presente, é uma lembrança consciente”. É o que pretendo também quando vou

---

<sup>15</sup> Pedagoga pela USP. Mestre e Doutora em Ciências Sociais - Antropologia, pela PUC/SP. É pesquisadora e possui estudos na área de gerontologia, memória autobiográfica entre outras.

<sup>16</sup> Maurice Halbwachs foi autor de duas obras, consideradas clássicas, uma publicada postumamente – A Memória Coletiva – cuja primeira edição é de 1950.

buscar as minhas lembranças escolares, reconstruir o meu passado, sem perder a noção do contexto em que estou inserida neste momento, o contexto de aluna/ pesquisadora/ aprendiz em busca de pedaços e de seus pedaços.

Martha Lourenço Vieira, que escreveu o instigante artigo: “A metaforização da memória ou a Dialética da rememoração em Walter Benjamin” (2007), traz-nos escritos e reflexões benjaminianas sobre a atividade de rememoração e sobre a perda da memória, o esquecimento. Ela esclarece que, para Benjamin, “rememorar é tecer, é construir uma trama. Essa trama é construída na urdidura do esquecimento” (p. 21). É como se lembrar e esquecer fossem duas coisas que funcionam juntas, uma completando a outra, como opostos complementares. “O esquecimento é a urdidura, portanto, a base para a construção da trama da lembrança. É sobre ele que tecemos as nossas lembranças” (idem). A autora explica que essa ideia, aparentemente contraditória, é “a chave para a compreensão do sentido de memória em Benjamin [...]. Rememorar é, pois, semantizar, dar sentido, desfazer na trama os fios do esquecimento” (idem)

Encaro esta pesquisa com os ensinamentos de Benjamin, de que a memória não é simplesmente

a faculdade de reter conhecimentos e fatos vividos no passado, mas a capacidade de reconhecer as impressões deixadas por eles e (re)significá-los no presente, produzindo sobre elas um novo sentido e com elas estabelecendo uma nova relação. Ela é, assim, constitutiva do sujeito, é o que torna possível o ato de rememoração (VIEIRA, 2007, p. 2)

Procuro fazer de todos os momentos de rememoração e esquecimentos oportunidades de ressignificar todas as experiências vividas no passado, olhando elas de outro jeito, de outra forma. Uma forma mais humana que valoriza as experiências e a presença do outro na nossa vida.

### 3.3 – SOBRE AUTOFORMAÇÃO

Para iniciar o estudo sobre o conceito de *autoformação*, trago algumas palavras da professora, doutora em Filosofia, Neiva Afonso Oliveira, que nos ajudam a entender melhor sobre o conceito de *formação*.

Formação é um conceito filosófico, por sinal, muito caro à tradição filosófica. No sentido específico que esta palavra assume em filosofia e também, em pedagogia, e em relação com o termo correspondente ao termo em alemão (*Bildung*<sup>17</sup>) indica processo de educação ou de civilização, que se expressa nas duas significações de cultura, compreendida de uma lado como educação, de outro como sistema de valores simbólicos, ou a própria cultura construída a partir da educação<sup>18</sup>.

A antropóloga e socióloga suíça Marie-Christine Josso, autora de várias obras entre elas, “Experiência de Vida e Formação” (2004), discorre sobre os conceitos de *formação* e *autoformação*, afirmando que “formar-se é integrar-se numa prática o saber-fazer e os conhecimentos, na pluralidade de registros<sup>19</sup> [...]. Aprender designa, então, mais especificamente, o próprio processo de integração” (p. 39). Assim, começamos a entender que o que torna uma experiência formadora é “uma aprendizagem que articula, hierarquicamente: saber-fazer e conhecimentos, funcionalidades e significação, técnicas e valores num espaço-tempo que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para a situação” (idem)

Cecília Warschauer esclarece, na apresentação da obra de Josso (2004), que “falar em autoformação e autonomia, entretanto, não significa aprender sozinho,

---

<sup>17</sup> “À primeira vista, a morfologia bastante simples da palavra *Bildung* poderia sugerir uma nitidez semântica em seu uso que, de fato, está bem longe de ser verdadeira. *Bild*, em geral, significa *contorno*, *imagem* ou, mais precisamente, **forma** – e o prefixo – *ung* assinala o processo segundo o qual essa forma seria obtida, o que nos permitiria traduzí-la em português por **formação**. Intuitivamente, a relação dessa expressão com a teoria pedagógica ou com a filosofia da cultura é bastante evidente; mas, se procurarmos explicar precisamente que valores estão em jogo nesse processo e que tipo de resultado eles devem tornar legítimo, será fácil constatar que o estabelecimento de uma base conceitual universal, ou mesmo unânime, seria praticamente impossível”. Este trecho foi retirado do artigo intitulado “Sobre o conceito de educação (*Bildung*) na filosofia moderna alemã” escrito pelo doutor em Filosofia, Fabiano de Lemos Britto, disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/15522/15522.PDF>> . Acesso em: 18 de Janeiro de 2010.

<sup>18</sup> Trecho retirado do parecer que esta professora concedeu no momento da qualificação do projeto desta dissertação, que aconteceu no dia 27 de Setembro de 2010.

<sup>19</sup> Esses “registros” a que a autora se refere, são: o psicológico, psicossociológico, o sociológico, o político, o cultural e o econômico.

nem muito menos prescindir do formador” (p. 9). Trata-se de um “caminhar com o aprendente” de forma a auxiliá-lo a “reconhecer sua humanidade singular” (idem). Ou seja, a prática de formação e os processos que a envolvem não acontecem isolados, eles “dão-se a conhecer, do ponto de vista do aprendente, em interações com outras subjetividades” (JOSSO, 2004, p. 38). Assim, a formação torna-se um “conceito gerador em torno do qual vêm agrupar-se [...] conceitos descritivos: processos, temporalidade, experiência, aprendizagem, conhecimento, subjetividade, identidade” (idem). Todas as interações e processos que envolvem a formação, dão-lhe força, caráter de mudança e de transformação. Mudança naquele ou para aquele que se forma, pois “a formação é sempre um processo de transformação individual, na tripla dimensão do saber (conhecimentos), do saber-fazer (capacidades) e do saber-ser (atitudes)” (NÓVOA, 2010, p. 185).

Josso (2004) nos fala, também, sobre a importância da *narração de si mesmo* no processo de autoformação, através da utilização do recurso das *recordações-referência*, que marcam o percurso de uma vida.

Falar de recordações-referências é dizer, de imediato, que elas são simbólicas do que o autor compreende como elementos constitutivos da sua formação. A recordação-referência significa, ao mesmo tempo, uma dimensão concreta ou visível, que apela para as nossas percepções ou para as imagens sociais, e uma **dimensão invisível, que apela para emoções, sentimentos, sentidos ou valores**. A recordação-referência pode ser qualificada de experiência formadora, porque o que foi aprendido (saber-fazer e conhecimentos) serve, daí para a frente, quer de referência a numerosíssimas situações do gênero, quer de acontecimento existencial único e decisivo na simbólica orientadora de uma vida (p. 40).

Nesta pesquisa, busquei minhas lembranças e recordações das primeiras vivências escolares, pois elas configuram experiências que utilizo para narrar a minha história, bem como para percebê-la como um meio de formação, transformação e autoformação. Nesse sentido, pode-se dizer que “essa história me apresenta ao outro em formas socioculturais, em representações, conhecimentos e valorizações, que são diferentes formas de falar de mim, das minhas identidades e da minha subjetividade” (p. 41).

#### 4 – ABRINDO O BAÚ DOS MEUS GUARDADOS

Enfim, é chegado o momento em que você, prezado leitor, tomará contato com pedaços muito caros à constituição da minha memória escolar e caros também à minha formação pessoal, profissional e humana. É chegada a hora de retirar o pó que encobre o passado, revirar as lembranças, rememorar, caminhar na direção das recordações, respirar fundo e abrir o **Baú dos Meus Guardados**. Abrir aquele que guarda o que por sempre guardei; o “Guardar” de que nos fala o poema de Antonio Cícero (1996).

##### GUARDAR

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.  
Em cofre não se guarda coisa alguma.  
Em cofre perde-se a coisa à vista.  
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.  
Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.  
Por isso melhor se guarda o vôo de um pássaro  
Do que um pássaro sem vôos.  
Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,  
por isso se declara e declama um poema:  
Para guardá-lo:  
Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:  
Guarde o que quer que guarda um poema:  
Por isso o lance do poema:  
Por guardar-se o que se quer guardar.

Guardei no meu baú muitas lembranças materiais e imateriais daquele tempo, daquela escola, daqueles colegas. Anos depois, ao retornar àquele lugar em busca de registros, senti acordando a Annanda criança de um sono do qual ela sempre se fez alheia.

Um sono que ela no fundo não dormiu. Um sono acordado! Do sono talvez só o sonho... Digo um sono acordado porque nunca verdadeiramente me afastei daquele tempo, das lembranças, dos guardados. Estive sempre ali, junto deles, fitando-os, velando-os e sendo por eles iluminada.



**Figura 7** – Meu retorno.

No dia em que voltei na minha antiga escola para procurar fotos daquele tempo<sup>20</sup>, era domingo e ela encontrava-se fechada. Graças à boa vontade da minha vizinha – que é a responsável pela APAE – pude entrar na minha antiga escola naquela tarde. Como sempre, foi muito emocionante entrar lá. Aquela escadaria, ah... aquela escadaria! Tantas vezes fizemos eu e meus colegas aquela brincadeira de esconder pedrinhas em uma das mãos e o outro adivinhar. Quando subo aquela escada, parece que o tempo corre em câmera lenta. Parece que o relógio anda bem mais devagar só para deixar aflorar em mim todas as sensações de saudade a que tenho direito de sentir.

Soares (1991) nos mostra que “na lembrança o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo aqui e o agora” (p. 37). Assim, por mais que nos esforcemos para recuperar o passado tal como ele foi, encontramos apenas o nosso pensamento atual sobre ele, ou seja, o presente projetado sobre o passado, a lembrança viva do passado misturada com a fugacidade do presente. Um passado inseparável do presente: isso é o que se encontra. E é como o sinto ao remexer as lembranças daquele tempo. Sinto-as presentes. São recordações que tomo como **imagens-lembranças**<sup>21</sup>, ou seja, rerepresentações dos meus vividos, tipo forças que impulsionaram-me até o momento e as quais retiro agora do fundo do **Baú dos Meus Guardados**:

<sup>20</sup> Como já disse em outro momento deste texto, o prédio da antiga Escola Santa Fé é hoje, sede da APAE do município, mas todo o material da antiga escola permanece naquele local. Nesse dia, retornei naquele lugar em busca de lembranças em forma de fotografias e outros registros do tempo em que estudei lá.

<sup>21</sup> Este conceito será trabalhado melhor no capítulo seguinte.

Lembro daquele **pátio, no lado da escola**, um pátio estreito e comprido onde brincávamos de, se não me falha a memória, “cada coelho em sua toca”. Lembro como se fosse hoje, a professora riscava com giz vários círculos no chão que representava a toca de cada aluno, e, ao sinal dela, tínhamos que trocar de toca. Alguém sempre ficava sem toca e tinha que sair da brincadeira. Era muito bom brincar disso.

Lembro que na hora do recreio quase sempre **ajudava a secar a louça para as merendeiras**. Elas adoravam. Lembro também de uma merenda clássica que a minha mãe sempre fazia para eu levar: sanduíche com pepino, mortadela e margarina. Sou capaz de sentir o gosto dele agora, só de lembrar.

A **sala dos surdos**, onde todos os alunos tinham desejo de entrar, era um **lugar cheio de mistérios e cobiçado por todos** os alunos. Certa vez, pela minha amizade com os alunos e alunas surdas – com os quais eu sempre compartilhava a minha merenda – pude entrar na sala de aula deles. Aquilo representou uma conquista para mim.

Uma **senhora, que morava do lado da escola** – não sei se ainda mora lá, **fazia picolés** de morango e de leite com Nescau. Ela usava forminhas de iogurte, então, eles tinham um formato arredondado. No verão, íamos lá durante os recreios comprar seus picolés. Era uma fila de alunos na casa dela. Gostaria de poder sentir novamente aquele gosto.

Lembro quando uma colega fez **xixi em sala de aula** porque a professora não a deixou ir ao banheiro. A professora pensou que fosse uma desculpa para passear, mas não era. A turma toda ficou constrangida, e a colega chorava de vergonha. A professora, então, muito arrependida, conduziu-a para fora da sala.

A lembrança das **orações** conduzidas por uma certa professora, **antes de começar a aula** fazem com que eu sinta uma grande paz interior. Cantos religiosos, como “Mãe do céu Morena” transportam-me diretamente para aquele salão repleto de alunos em fila.

Durante esse tempo também tive uma **briga com uma coleguinha**. Agarramo-nos pelos cabelos dentro da sala de aula. Metade da turma torcia para ela e a outra metade para mim. Final da história: as duas foram parar na secretaria.

Em outra vez, talvez na 2ª série, durante um desfile caipira na escola, eu, como sempre muito desastrada, deixei cair o sapato velho e grande que havia

pegado emprestado da minha mãe. Todos acharam engraçado, mas, por fim, acabei ganhando o primeiro lugar.

Lembro de uma **apresentação de teatrinho** com música que a minha turma fez; todos os alunos tinham um papel, e eu era a árvore! Ficava toda a apresentação escondida atrás de uma árvore de papelão. Mesmo sem aparecer, lembro que cantava bem alto as músicas da peça.

Recordo dos **trabalhinhos que fazíamos no pré** com a professora Teresinha. Eram trabalhos bem coloridos, alguns com giz de cera, tinta, linha de costura. Em uma dessas vezes, pintamos com giz de cera em cima de uma lixa daquelas de limpar fogão à lenha. No entanto, há um trabalhinho especial do qual, na época, senti muito orgulho. Era uma casinha feita no papel com palitos de picolé e pintada com tinta. Fiz toda a parede da casa forrada de palito e todo mundo achou maravilhosa, o que me deixou orgulhosa daquele trabalho.



**Figura 8** – Trabalho de colagem.

Delory-Momberger (2008) esclarece que “o modo como os alunos vivem, representam e significam a escola e o que fazem ali não podem deixar de corresponder, sob formas diversas, ao modo como eles próprios ‘se narram’ e o que eles narram sobre si mesmos” (p.114). A partir da ideia de narrar-se, continuo a mexer no **Baú dos Meus Guardados** e encontro alguns desenhos feitos por mim no pré-escolar. Desenhos em que a Annanda criança narrou em imagens sua própria e ainda pequena trajetória, sua rotina, seus amores e seus sonhos:

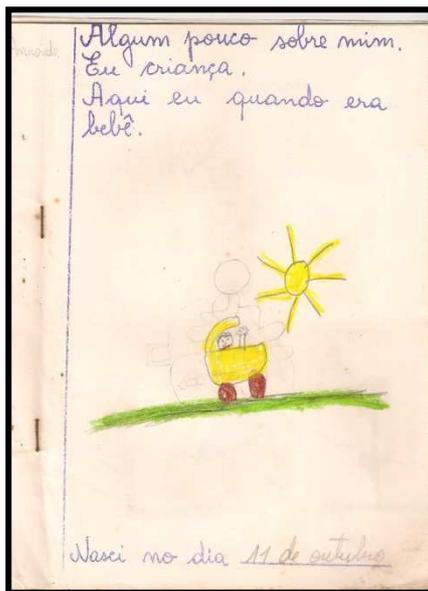


Figura 9 – Quando eu era bebê.

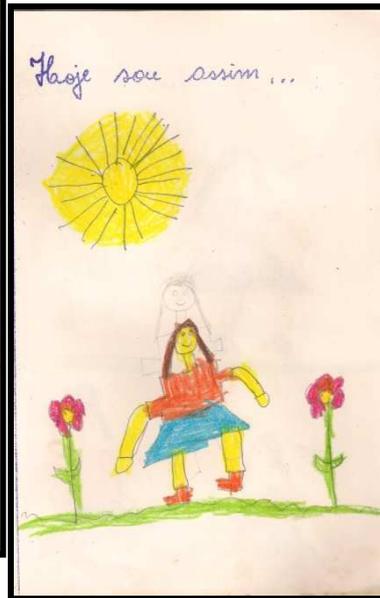


Figura 10 – Hoje sou assim.

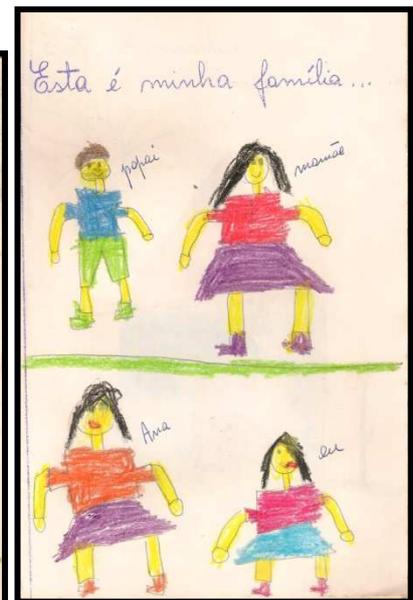


Figura 11 – Minha família.

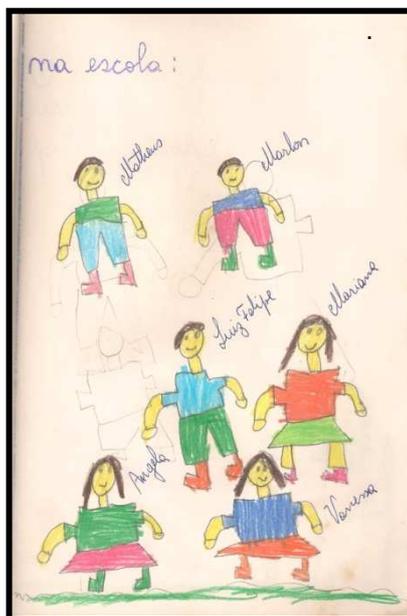


Figura 12 – Meus coleguinhas.

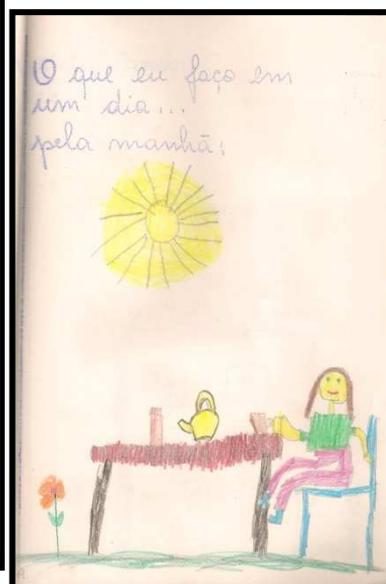


Figura 13 – O que faço pela manhã.



Figura 14 – O que faço à tarde.

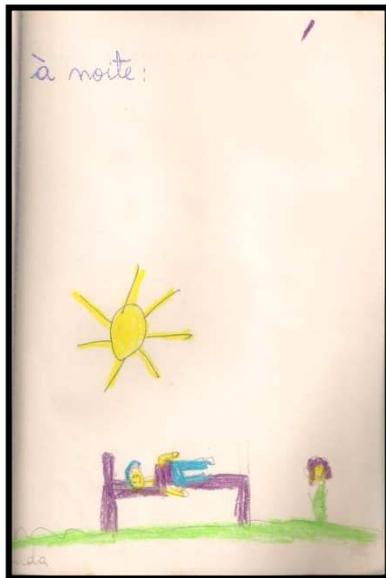


Figura 15 – O que faço à noite.

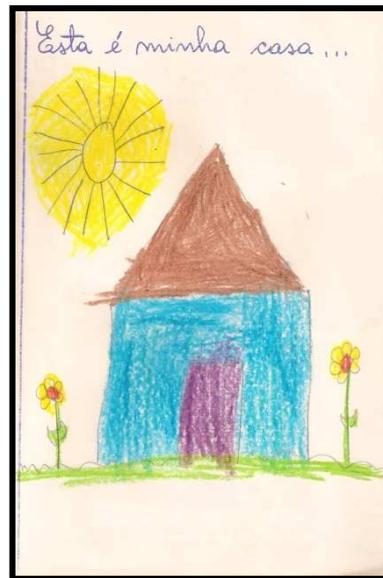


Figura 16 – Minha casa



Figura 17 – Como ajudo em casa.

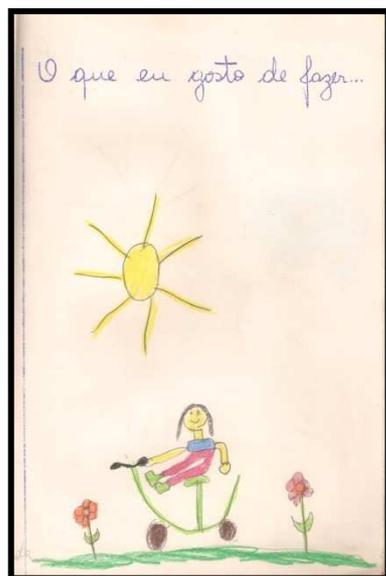


Figura 18 – O que gosto de fazer.

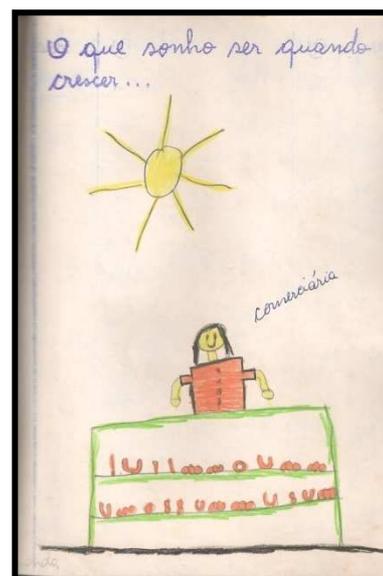


Figura 19 – O que sonho ser.

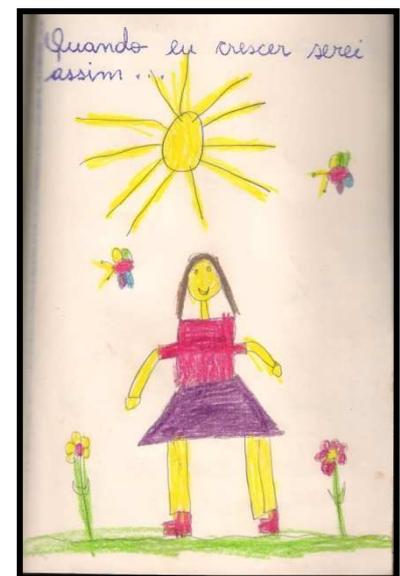


Figura 20 – Como serei quando crescer.

Assim como o sol, presente na maioria dos desenhos acima – até mesmo naquele que representa a noite – as lembranças da minha infância estão presentes em mim e me fazem feliz cada vez que, através da memória e dos meus guardados, posso revisitá-las.

Assim vou abrindo o **Baú dos Meus Guardados** e mostrando, aos poucos, os **guardados** que lá estão justamente por possuírem maior valor simbólico para mim. Todos os guardados apresentados acima foram por mim escolhidos devido à força de representação de um período de minha infância escolar que não tenho como narrar, senão por imagens-lembranças e outros guardados. Cada um deles representa um reencontro comigo mesma, no qual a memória é ponte entre o hoje e as vivências passadas.

Peres (2009), ao tratar sobre a memória ancorada em estudos do filósofo e epistemólogo Gaston Bachelard e do antropólogo Gilbert Durand, afirma que “as emanações da memória assemelham-se às ressonâncias simbólicas” (p. 105). Ela diz ainda que essas emanações acontecem por vias das representações e valorizações como uma forma de reencontro consigo mesmo. A tomada de consciência sobre o vivido dispõe de duas maneiras diferentes de representar o mundo: a direta e a indireta. Segundo Peres, na obra durandina, percebe-se que

Na consciência direta a própria coisa parece estar presente na mente, como na percepção ou na simples sensação. Enquanto que na indireta, o objeto não pode se apresentar à sensibilidade “em carne e osso”. O objeto ausente é re-(a)presentado à consciência por uma imagem, no sentido amplo do termo. Ou seja, a consciência dispõe de diferentes graus de imagem (PERES, 1997, p. 121)

A propósito da citação, não tendo mais o objeto em “carne e osso”, busquei reapresentar à consciência o que vivi, remexendo aquilo que teve sentido para mim. Isso fez eu me sentir lá: em cada risco mal feito no papel, em cada sol presente em quase todos os desenhos, em cada sorriso escondido atrás da árvore. Assim, percebo que o caminho das narrativas pode “manter ‘vivas’ as imagens que nos foram marcantes como potencializadoras de ‘novos’ e outros movimentos” (PERES, 2008, p. 319).

## 5 – APRESENTANDO OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

É preciso manter os fósforos secos, para que possamos riscá-los e queimá-los a qualquer momento.  
Lúcia Maria Vaz Peres

O caminho que venho trilhando na escrita deste texto possui alguns desvios que ora nos levam para a discussão de conceitos ora para a apresentação dos meus guardados e da minha história. Entretanto, são caminhos que se cruzam e se entrecruzam assim como a apresentação desta metodologia cruzará agora esta escrita. Não sem antes tomar emprestadas as palavras de Machado da Silva (2006) quando ele afirma que “método é caminho que se faz caminhando. Logo, só se conhece, de fato, o caminho feito ao final da caminhada. Metodologia é um conjunto de procedimentos adotado para começar a abrir o caminho” (p. 83).

Dessa forma, elenco agora os procedimentos que já abriram o caminho desta pesquisa, bem como os procedimentos adotados para continuar a caminhada em busca de outros pedaços:

### 1º PROCEDIMENTO

Levantamento<sup>22</sup> de todos os **guardados** que compuseram o **Baú dos Meus Guardados**. Entre eles, estão: **imagens-lembranças**, fotos, desenhos, trabalhos, diploma, dentre outros. Estes guardados foram escolhidos a partir da sua importância para a minha formação e continuam presentes nos reservatórios da minha memória dos três primeiros anos escolares.

---

<sup>22</sup> Tudo aquilo que foi encontrado neste levantamento, já foi apresentado no capítulo anterior, momento do texto reservado para abrir o **Baú dos Meus Guardados**.

As **imagens-lembranças**, que apresentei no capítulo anterior e que fazem parte dos meus **guardados**, são imagens que se reapresentam a mim (PERES, 2004). Este conceito, para essa autora, a partir da leitura de Gaston Bachelard (2006), refere-se às forças subjetivas profundas, às vezes ocultas e outras vezes invasoras. São percepções e imagens individuais e coletivas, vividas, misturadas e guardadas como lembranças em movimento. Isso quer dizer que diante de novas vivências e percepções, essas imagens-lembranças podem deslocar-se e atualizar-se de um lugar profundo para regiões dinâmicas.

Em cada uma dessas “imagens-lembranças” descritas anteriormente, elenquei trechos que constituem os **núcleos de imagem**. Segundo Peres (1999), os núcleos de imagens possibilitam “reconstruir o conjunto a partir do fragmento, de frases curtas ou enunciados que desencadeiam um campo simbólico de sentidos, das significações e das representações” (p. 60) os quais acenam nesta pesquisa, para um outro ponto de vista na formação. Abaixo, destaco os núcleos de imagem na tentativa de construir o conjunto a partir dos fragmentos.

- O pátio, no lado da escola;
- Ajudar a secar a louça para as merendeiras;
- A sala dos surdos, lugar cheio de mistérios e cobiçado por todos;
- A senhora que morava do lado da escola e fazia picolés;
- Xixi em sala de aula;
- As orações antes de começar a aula;
- A briga que tive com uma coleguinha;
- O desfile caipira na escola;
- A apresentação de teatrinho;
- Os trabalhos que fazíamos no pré-escolar.

Todos esses núcleos de imagem foram escritos um a um em papel cartolina de forma que pudessem ser manipulados pelos meus ex-colegas enquanto remexessem o baú. Esse baú foi construído em madeira de forma que tomasse vida para além do seu sentido metafórico. Assim, dentro dele, coloquei todos esses papéis, contendo as frases escritas – com os núcleos de imagens – e também todos os outros guardados, como trabalhos, fotos e o meu diploma da pré-escola.

## 2º PROCEDIMENTO

Contato e encontro com três ex-colegas do tempo em que estudei na Escola Santa Fé, cujos nomes são: Luís Guilherme, Marlise e Marilene. Esses ex-colegas atuaram nesta pesquisa como **eco-evocadores** das minhas lembranças escolares, ao passo que juntos fomos remexendo no Baú dos Meus Guardados.

Como isso funcionou? Da seguinte maneira:

Primeiramente, é necessário esclarecer que a escolha dos três ex-colegas foi feita devido à maior facilidade em contatá-los, já que dois deles (Marlise e Marilene) residem em Guarani das Missões e o outro (Luís Guilherme) numa cidade vizinha chamada Santo Ângelo. Após contatá-los e fazer o convite para participarem da pesquisa, agendei um encontro com cada um, individualmente.

Em cada encontro, levei comigo o **Baú dos Meus Guardados**, contendo os **núcleos de imagens** (pinçados a partir das **imagens-lembranças** levantadas no 1º procedimento) e os outros **guardados** que compuseram o Baú e que já foram apresentados anteriormente. Dessa maneira, remexemos, eu e meus ex-colegas, o Baú dos Meus Guardados em encontros recheados do sentimento de saudade.

Posteriormente, a partir daquilo que estes guardados evocaram (ou não) nos meus ex-colegas, ou seja, a partir das lembranças, saudades ou esquecimentos que os guardados evocaram neles, fiz uma reflexão sobre como estas evocações ecoaram em mim, pesquisadora e sujeito desta pesquisa. Dessa forma, tomei como **eco-evocador**<sup>23</sup> cada um dos meus ex-colegas que participaram da pesquisa, no sentido de fazerem eco às minhas lembranças.

Acreditando na possibilidade de dar forma ao vivido através da narrativa, estou trazendo, nesta escrita, pedaços da minha trajetória de vida, através da uma “narrativa inacabada”, em que “o narrador [...] narra ‘desde de dentro’. Narra o pouco que sabe . Tenta narrar o que não sabe por meio das vozes dos atores envolvidos

---

<sup>23</sup> Este termo foi pensado, durante uma orientação, para ressaltar o lugar e o papel dos meus colegas na pesquisa.

na trama em construção” (MACHADO DA SILVA, 2006, p. 83). Dessa maneira, procurei narrar “desde de dentro” o pouco que sei. E agora, tento narrar o que não sei por meio das vozes dos “atores envolvidos na trama em construção”, ou seja, por meio das vozes de três ex-colegas daquele tempo – Luís Guilherme, Marlise e Marilene. Eles expressaram os ecos, evocados a partir dos meus guardados, e, posteriormente, evocaram ecos em mim com aquilo que lembraram. Eles funcionaram como evocadores de memórias individuais e coletivas, como guardiões daquele tempo. São, portanto, ECO pela possibilidade de narrar coisas que foram importantes para mim. Entretanto, fica claro aqui que nem todos os meus guardados produziram ecos nos meus ex-colegas, bem como nem todas as suas evocações produziram ecos em mim, pois é natural que muitas das vivências e lembranças de cada pessoa tenham um sentido particular que podemos não encontrar em outrem, mesmo que este tenha vivenciado a mesma situação, pois se trata de um sentido que vai sendo construído pela história pessoal de cada um.

Julgo ser importante registrar, aqui, que antes de ingressar no curso de Mestrado em Educação e justamente por razões da elaboração do pré-projeto (necessário para aspirar a uma vaga no curso), eu já havia contatado e interrogado alguns dos meus ex-colegas (dos três primeiros anos escolares) através de um site de relacionamentos na internet. Ainda que as questões e os objetivos iniciais daquela abordagem fossem diferentes do que trago formulado hoje nesta pesquisa, julgo ser de muita valia trazer alguns achados desses primeiros contatos (ANEXO A).

### **3º PROCEDIMENTO**

Organização e seleção de todo o material coletado em forma de imagens fotográficas e audiovisuais, gravações de áudio e material escrito pelos ex-colegas. Posterior análise e estudo do tema, embasando-o e estruturando-o conforme as teorias estudadas. Esse procedimento foi sempre orientado para responder a minha questão de pesquisa no intuito de **desenvolver um estudo sobre a relevância da memória e do imaginário como potências de autoformação.**

## **6 – REMEXENDO O BAÚ DOS MEUS GUARDADOS EM ENCONTROS COM OS ECO-EVOCADORES<sup>24</sup>**

Todas as lembranças e recordações que guardo com carinho no Baú dos Meus Guardados possuem a presença muito forte de pessoas com as quais compartilhei aprendizagens e descobertas durante minhas primeiras vivências escolares. Foram colegas, professoras, merendeiras, amigos... todos guardados nos reservatórios da minha memória. Pessoas que em sua maioria não sei aonde se encontram hoje e qual rumo tomaram em suas vidas. Outras, que ainda vejo de passada; e outras poucas com quem mantive algum contato via internet.

Foi pensando nessa dimensão coletiva dos processos de formação humana que busquei reencontrar alguns colegas daquela época – o Luis Guilherme, a Marlise e a Marilene – para atuarem como eco-evocadores das minhas memórias nesta pesquisa. Isso significa que a função deles foi ressonar os ecos da minha própria memória a partir daquilo que escolhi como significativo no meu trajeto formativo. Ele e elas puderam, também, falar de suas lembranças singulares, instaurando em mim outros ecos com aquilo que enunciavam. Como já ressaltei em páginas anteriores, os três ex-colegas constituíram-se em eco-evocadores de memórias individuais e coletivas, como uma espécie de guardiões daquele tempo. Tornam-se, por isso, eco-evocadores pela possibilidade de rememorar os acontecimentos que foram importantes para mim, mas a partir dos seus pontos de vista.

Reencontrar esses ex-colegas, vinte anos depois, para remexer o Baú dos Meus Guardados e promover uma conversa sobre aquele tempo de escola e suas lembranças foi uma experiência reveladora. Experiência tal que revelou detalhes,

---

<sup>24</sup> A partir de agora, utilizarei recursos gráficos em forma de elipse e em diferentes cores, para apresentar algumas falas advindas dos encontros com os meus ex-colegas. As falas do Luís Guilherme, da Marlise, da Marilene e minhas estarão em elipses de cores azul, amarelo, verde e rosa, respectivamente. Posteriormente, as falas da professora Teresinha serão apresentadas na cor de laranja.

lembranças, guardados, esquecimentos, singularidades e intimidades também. A cada encontro, descobri uma nova lembrança que evocada pelos meus ex-colegas ressonaram e repercutiram em mim de alguma maneira. Segundo Bachelard (1998),

As ressonâncias dispersam-se nos diferentes planos da nossa vida no mundo; a repercussão convida-nos a um aprofundamento da nossa própria existência. Na ressonância ouvimos o poema; na repercussão o falamos, ele é nosso. A repercussão opera uma inversão do ser. Parece que o ser do poeta é o nosso ser (p. 7).

Conforme essa ideia, abordo neste capítulo, detalhes dos encontros entre meus três ex-colegas e eu, juntamente com algumas ressonâncias/ecos que as suas falas e memórias foram causando em mim como repercussões que serão trabalhadas no capítulo 7, na busca de um aprofundamento da minha própria existência.

## 6.1 – ENCONTRO COM MEU EX-COLEGA LUIS GUILHERME

O encontro com meu ex-colega e amigo Luis Guilherme Lappe (Lule, como costume chamá-lo) aconteceu no dia 12 de Novembro de 2010, sexta-feira. O local escolhido foi o campus da Universidade em que ele estuda, na cidade de Santo Ângelo, e o horário, 10h30min da manhã. Sentamos num gramado debaixo de uma árvore, e ali convidei-o para remexer comigo o Baú dos Meus Guardados.



**Figura 21** – Encontro com Lule.



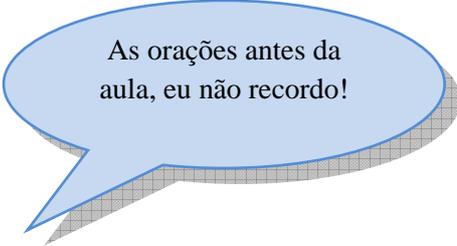
**Figura 22** – Remexendo o Baú.

Antes, expliquei a ele novamente que se tratava da minha pesquisa de Mestrado e que sua participação seria de extrema importância. Disse, ainda, que naquele Baú estavam reunidos os meus guardados da época em que estudamos na Escola Santa Fé, e pedi que pudéssemos conversar sobre eles para relembrar daqueles fatos, daquelas pessoas, daqueles momentos...

Então, juntos, abrimos o **Baú dos Meus Guardados** e lá de dentro Lule retirou o seguinte guardado:

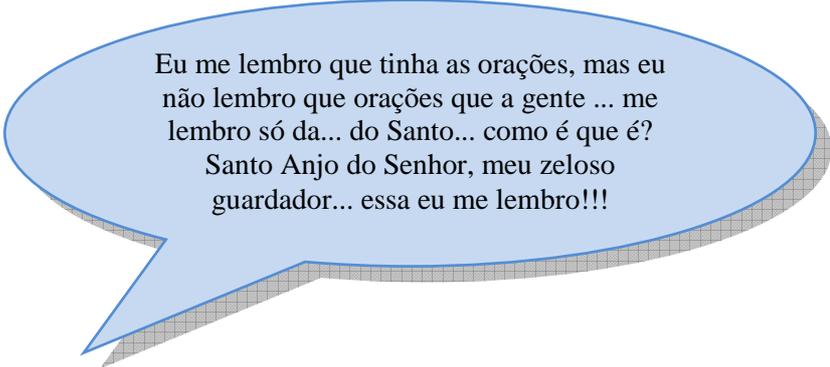
### **AS ORAÇÕES ANTES DE COMEÇAR A AULA**<sup>25</sup>

E sem pensar muito logo falou:



As orações antes da aula, eu não recordo!

Entretanto, enquanto falava, pareceu que as suas lembranças iam surgindo. Então ele disse:



Eu me lembro que tinha as orações, mas eu não lembro que orações que a gente ... me lembro só da... do Santo... como é que é? Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador... essa eu me lembro!!!

E parecendo surpreso com a sua própria memória, Lule lembrou com carinho da professora **Margarida**<sup>26</sup> que fazia as orações e atuava também como

---

<sup>25</sup> Todos os **núcleos de imagens**, pinçados a partir das **imagens-lembranças**, que fizeram parte do Baú dos Meus Guardados serão apresentados dessa forma (negrito, caixa alta e com bordas externas) a partir de agora.

fonoaudióloga na escola. Na época, ele possuía problema de gagueira e tinha que frequentar a sala onde ela atendia.

O próximo guardado retirado do Baú foi: **O PÁTIO DA ESCOLA**

No pátio da escola, eram só os guris fugindo das gurias (risos). Tinha do lado e atrás. Que daí a gente sempre fugia por um lado e pelo outro. E na frente, quando mais tarde a gente foi começar a jogar bola e vôlei. Mas bem mais tarde, depois, acho que tu já não tava lá no colégio mais, nessa época em que era jogado vôlei...

Comentei com Lule que realmente eu não lembrava da gente jogando vôlei naquele pátio. Ele confirmou, dizendo que no pátio que ficava ao lado da escola a gente só brincava de “amarelinha” e “sapata”.

Ao retirar do Baú o próximo guardado, **AJUDAR A SECAR A LOUÇA**

Lule afirmou não lembrar desse fato, mas disse lembrar muito dos lanches:

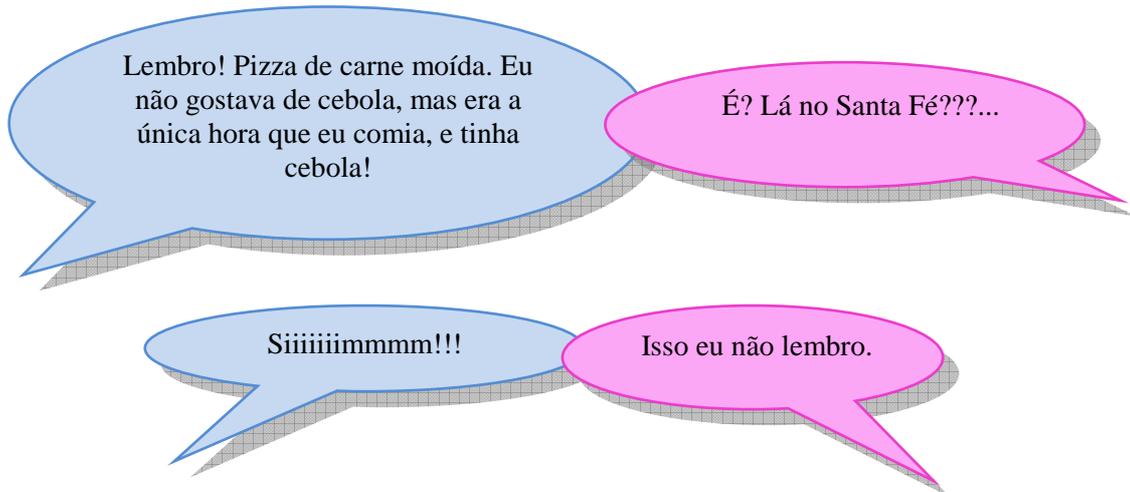
Eu me lembro dos lanches! Dos lanches eu me lembro mais!

É? E o que tu lembra?

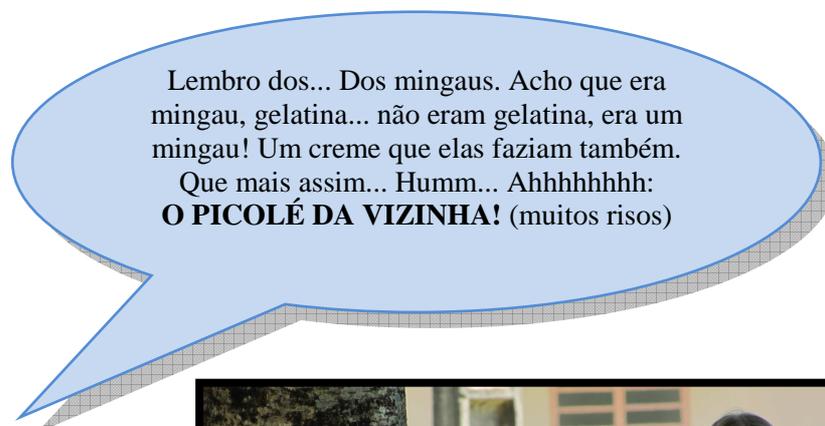
Pizza de... de carne moída!

Tu lembra disso? Eu não lembro...

<sup>26</sup> Por razões éticas e como forma de manter o sigilo referente a nomes de pessoas citadas nesta pesquisa, utilizei **tipos de flores** para substituir os nomes das mulheres e **tipos de árvores** para substituir os nomes dos homens. Mantive apenas os nomes dos três ex-colegas – Luis Guilherme, Marlise e Marilene – e da professora Teresinha, os quais assinaram um documento consentindo tal utilização. (APÊNDICES B, C, D e E)



Este trecho da conversa demonstra como as lembranças foram sendo evocadas em Luis Guilherme. Um guardado referente a “secar a louça” fez Lule lembrar dos lanches da escola e daqueles de que mais gostava. Lembrou, também, dos inesquecíveis “picolés da vizinha” até mesmo antes de retirar do baú este guardado, como demonstra sua fala a seguir:

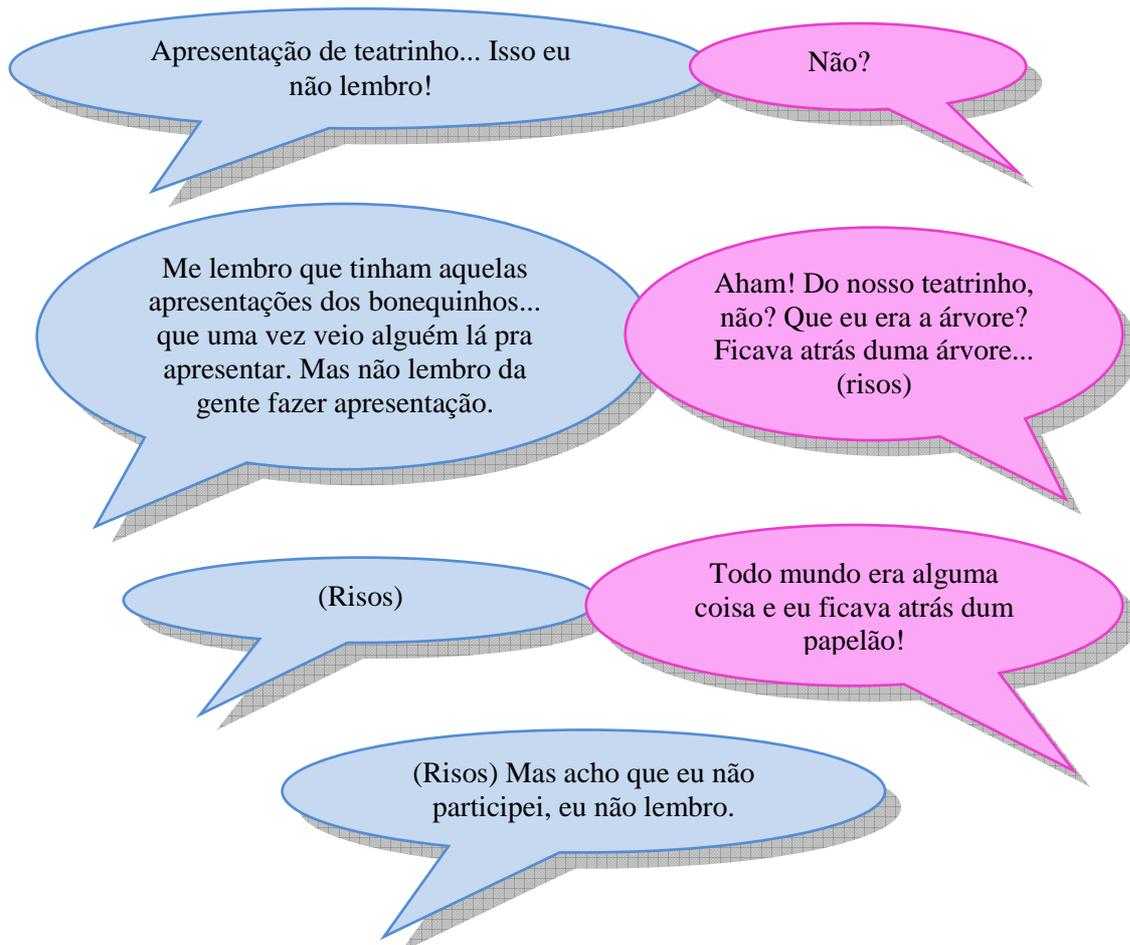


**Figura 23** – Lule rindo ao recordar da infância.

Sua expressão, ao lembrar dos picolés da vizinha, era como se eles fossem algo do qual não se podia esquecer. Mas continuou a remexer no Baú, sem mais nada falar sobre isso.

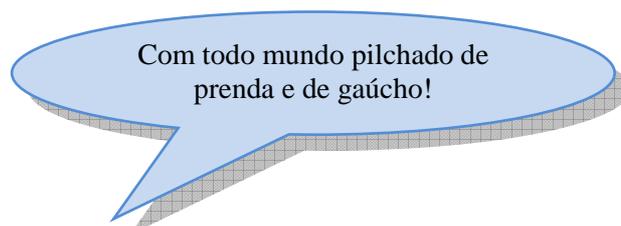
Lule retirou, então, outro guardado:

### **APRESENTAÇÃO DE TEATRINHO**



Sobre o próximo guardado retirado do Baú: **DESFILE CAIPIRA**

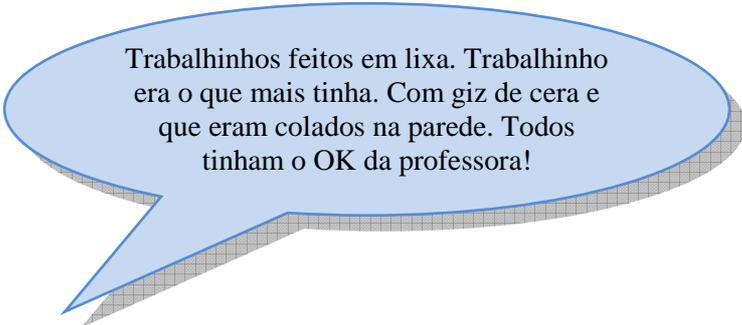
Lule afirmou lembrar só dos desfiles de Sete de Setembro e do dia do Gaúcho, como ele disse:



Ao retirar o guardado **BRIGA COM UMA COLEGUINHA**, Lule lembrou de outra briga que aconteceu, ao mesmo tempo da minha, entre ele e um colega. Lembrou afirma ter ficado “do meu lado” e que o outro colega ficou “do lado” da menina com quem eu tive o desentendimento.

Sobre o guardado: **TRABALHINHOS DO PRÉ**

Lule lembrou:

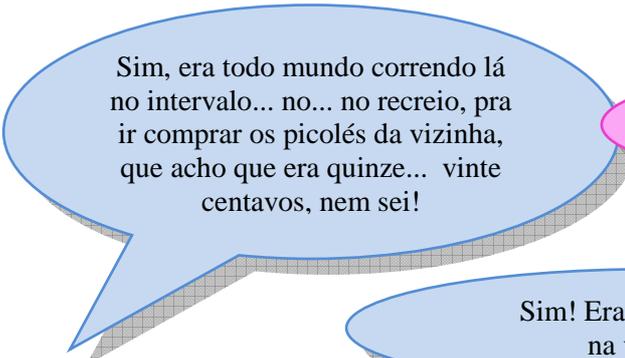


Trabalhinhos feitos em lixa. Trabalho era o que mais tinha. Com giz de cera e que eram colados na parede. Todos tinham o OK da professora!

Ao retirar do Baú o guardado:

**A SENHORA QUE MORAVA AO LADO DA ESCOLA E FAZIA PICOLÉS**

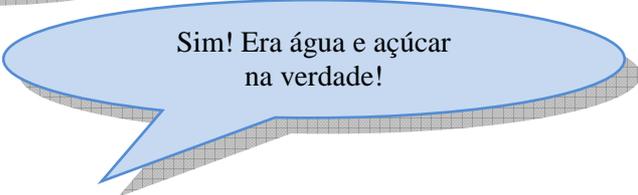
Lule demonstrou lembrar muito bem.



Sim, era todo mundo correndo lá no intervalo... no... no recreio, pra ir comprar os picolés da vizinha, que acho que era quinze... vinte centavos, nem sei!



Era muito barato e era muito booomm!



Sim! Era água e açúcar na verdade!

O próximo guardado, **A SALA DOS SURDOS,**

fez Lule lembrar, novamente, que a frequentava por causa da sua gagueira. Nessa sala também eram atendidos os alunos com algum problema referente à fala.

Lule foi retirando os outros guardados e fazendo comentários a respeito.

Sobre o guardado **XIXI NA SALA DE AULA,**

ele revelou o seguinte:

Esse fato eu lembro porque foi a professora **Ibisco**? Um dia que ela tava braba e a... não me lembro o nome... **Crisântemo**? Eu não me lembro o nome... daí ela fez xixi na sala e eu me lembro de quem que ajudou a limpar! Foi tu, não foi? Tu e mais uma! Tu e a dos cabelinhos cacheadinhos... a **Orquídea**! A **Orquídea** que ajudou! Não... foi a **Orquídea** que fez xixi...

Esse trecho da conversa demonstra a imprecisão na fala de Lule por não lembrar exatamente qual foi a colega que fez xixi na sala de aula. Mais adiante, ao encontrar umas das professoras nas fotografias, Lule afirmou ter certeza de que este fato aconteceu na 2ª série. O que eu discordo, pois acredito ter sido na 1ª.

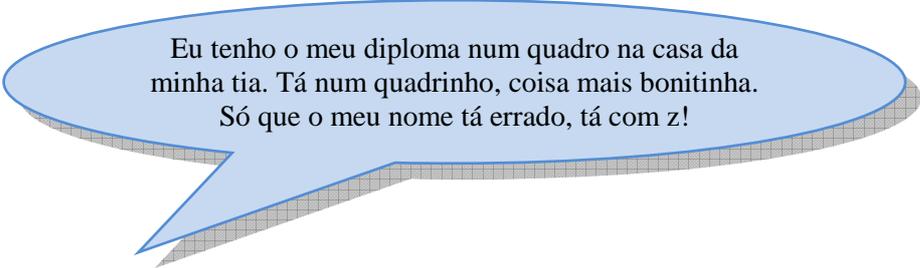
Ao remexer nas fotografias, Lule vai lembrando da escola, das salas de aula, banheiros, pátios, dos eucaliptos na frente da escola, da sala do refeitório. Lembrou até das “orelhas de abano” que eu tinha quando era pequena e que me chamavam de “Annanda Geléia” por causa do meu segundo nome “Diléia”. Reconheceu vários colegas nas fotos e lembrou de alguns nomes e fatos:

Eu me lembro que sempre a gente esperava todo mundo pra ir embora juntos.

Lembrou, também, ao ver uma colega em uma das fotos, o seguinte:

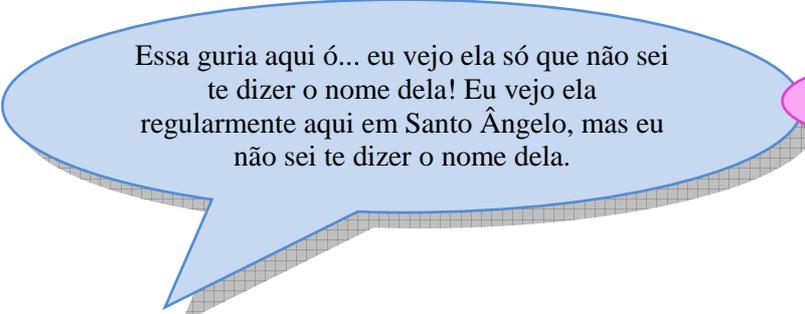
Uma vez que eu tinha ganhado uma bola de aniversário e tinha levado lá pro colégio, e nós indo todo mundo embora, a **Hortênsia** bateu na bola, a bola foi pra rua, um carro cruzou em cima e a bola ficou oval. Eu nunca mais falei com ela!

Ao ver a foto em que estou recebendo o diploma do pré-escolar das mãos da professora Teresinha, Lule comentou:

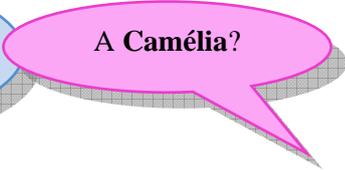


Eu tenho o meu diploma num quadro na casa da minha tia. Tá num quadrinho, coisa mais bonitinha. Só que o meu nome tá errado, tá com z!

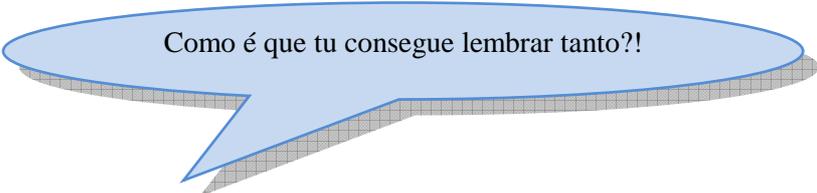
Apontando para uma ex-colega na foto, Lule contou:



Essa guria aqui ó... eu vejo ela só que não sei te dizer o nome dela! Eu vejo ela regularmente aqui em Santo Ângelo, mas eu não sei te dizer o nome dela.



A **Camélia**?

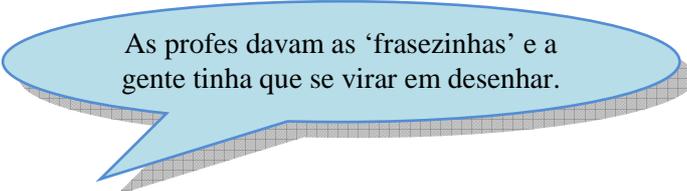


Como é que tu consegue lembrar tanto?!

Esta fala de Luis Guilherme remete àquela ideia de que as vivências podem possuir sentidos diferentes para as pessoas que compartilharam juntas a mesma fase, acontecimento ou fato. Depende de como aquela vivência (ou aquela pessoa) ficou registrada na sua memória. No caso do Lule, ele pode não lembrar o nome da colega por diversos motivos, enquanto eu, na condição de quem mantinha contato com ela também fora da escola e com quem brincava regularmente, possuo talvez mais repertórios na memória referentes à colega, e, por isso, as lembranças de seu nome.

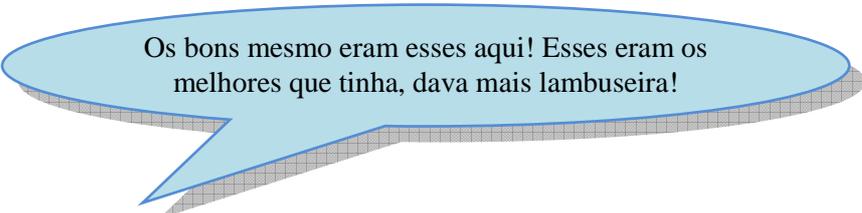
Seguimos a remexer o Baú e, ao encontrar os trabalhos daquela época, Lule afirmou não possuir mais nenhum, salvo os que a tia dele guardou na sua casa em Guarani. Ele lembrou do caderno de caligrafia, dos trabalhos com costura e com cola colorida. Em tom de brincadeira, reclamou que em um dos trabalhos no qual desenhei os colegas, ele não estava presente. Afirmou, ainda, ter guardado o “Meu Primeiro Livrinho” e outro com pintura de giz de cera na lixa.

Segundo ele,



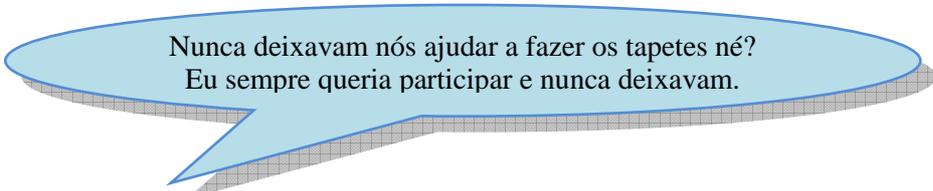
As profes davam as ‘frasezinhas’ e a gente tinha que se virar em desenhar.

E ao tirar do Baú um trabalhinho feito com tinta guache, ele revelou:



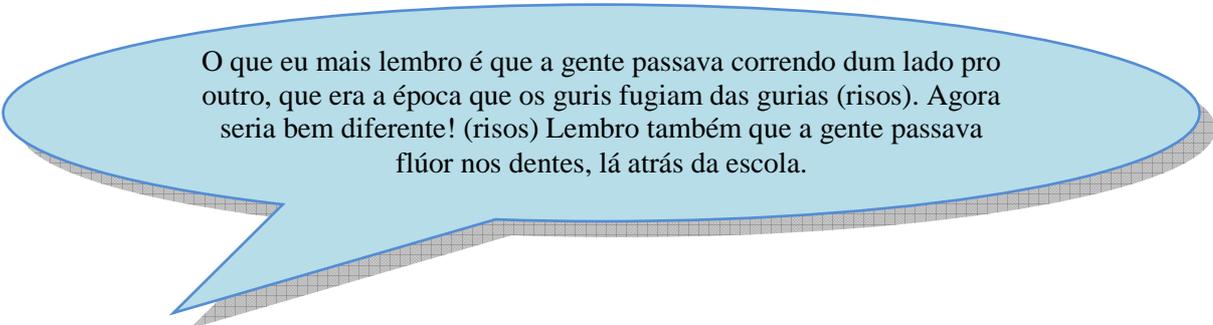
Os bons mesmo eram esses aqui! Esses eram os melhores que tinha, dava mais lambuseira!

Referindo-se à procissão de Corpus Christi, ele demonstra certa insatisfação dizendo:



Nunca deixavam nós ajudar a fazer os tapetes né?  
Eu sempre queria participar e nunca deixavam.

Quando perguntei o que mais Lule lembrava daquele tempo de escola, ele respondeu:



O que eu mais lembro é que a gente passava correndo dum lado pro outro, que era a época que os guris fugiam das gurias (risos). Agora seria bem diferente! (risos) Lembro também que a gente passava flúor nos dentes, lá atrás da escola.

Lule recordou de alguns acidentes que ocorreram com ele na escola:

Tu lembra uma vez que eu bati com a cabeça no portão de ferro? Entrou um ferro aqui assim! (apontando para a cabeça) E outra vez, que estavam jogando vôlei, e eu tava jogando futebol, daí eu fui correndo pra pegar a bola e eu me enforquei na rede do vôlei e bati a cabeça no chão!

Quase no final da nossa conversa, perguntei para Lule se ele lembrava de algum canto daquela época? Ele movimentou com a cabeça sinalizando negativamente. Então, eu comecei a cantar...

*Mãe do Céu Morena...*

Lule acompanhou fazendo o som da melodia. Então puxei:

*Alecrim, Alecrim dourado...*

E, para a minha surpresa, Lule me acompanhou cantando:

*... que nasceu no campo sem ser semeado. Foi meu amoor, que me disse assim, que a flor do campo é o alecrim!*

Nesse momento, senti meu coração palpitar de emoção por constatar que algo tão representativo para mim, como aquele canto, também foi lembrado pelo

meu ex-colega Luis Guilherme. Aquele momento evocou, em mim, lembranças da gente, quando pequenos, cantando na sala de aula com a professora Teresinha. Foi muito bom sentir aquilo!

Continuando nossa conversa, Lule evocou uma lembrança que eu não tinha – ou estava esquecida no reservatório da minha memória – mas que ressonou em mim quando ouvi ele contar:

Lembro que a gente ia pintar a rua.  
Na frente da praça. A gente ia  
desenhar na rua.

Nossa! Eu não lembrava  
disso...

Era quase em frente à casa da  
minha tia perto da praça.

Siiiiimm! E a prefeitura  
doava as tintas. Cada aluno  
recebia um baldinho!

Referindo-se novamente aos picolés que comprávamos na vizinha, Lule contou:

Lembro que, às vezes, pra ir comprar  
mais rápido os picolés, a gente pulava  
pelo canto lá daquele corredor  
cumprido, sabe? Pulava pelo canto,  
pra ir comprar mais rápido antes que  
uns fizessem a volta. (Risos)

Putz! Isso acho que era mais  
coisa dos guris. Acho que  
eu era uma das que faziam a  
volta (risos)!

Ou a gente pedia pra ela atirar pra nós!

A lembrança dos picolés da vizinha estava muito viva em nós. Ir comprar os picolés era um momento muito esperado na escola, e, assim que a diretora “batia a sineta”, todos corriam para lá. Conversar com Lule sobre isso despertou em mim uma vontade grande de retornar à casa da Dona **Jasmim** e provar novamente o gosto daquele picolé.

Ao final de nossa conversa, pedi a ele que escrevesse algumas linhas sobre o nosso encontro, suas impressões ou sobre o que aquele momento significou-lhe. Essa escrita poderia ser entregue em outra ocasião (ANEXO B).

## 6.2 – ENCONTRO COM MINHA EX-COLEGA MARLISE

O encontro com a minha ex-colega Marlise aconteceu no dia 13 de Novembro de 2010, sábado, às 13h30min. Já havíamos combinado esse encontro na sexta-feira, e então, no sábado, escolhemos o Parque de Exposições de Guarani das Missões, um lugar bonito e tranquilo, como local para sentarmos e remexermos o Baú dos Meus Guardados.



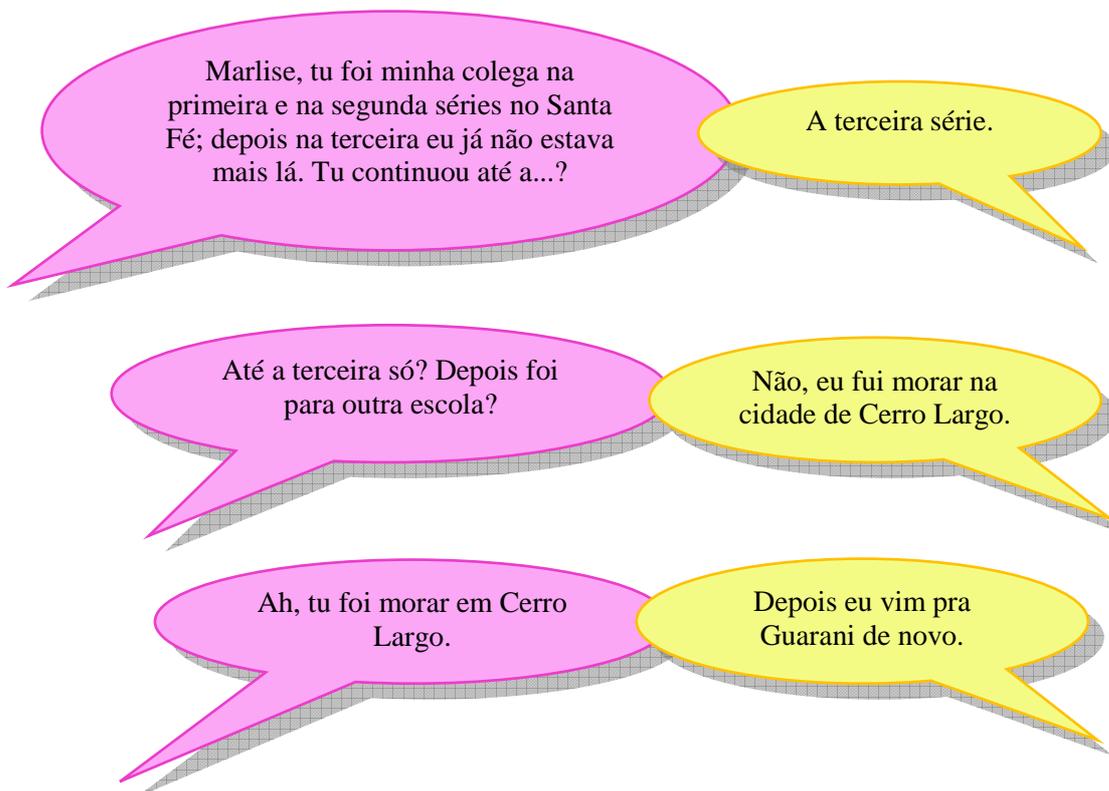
**Figura 24** – Encontro com Marlise.



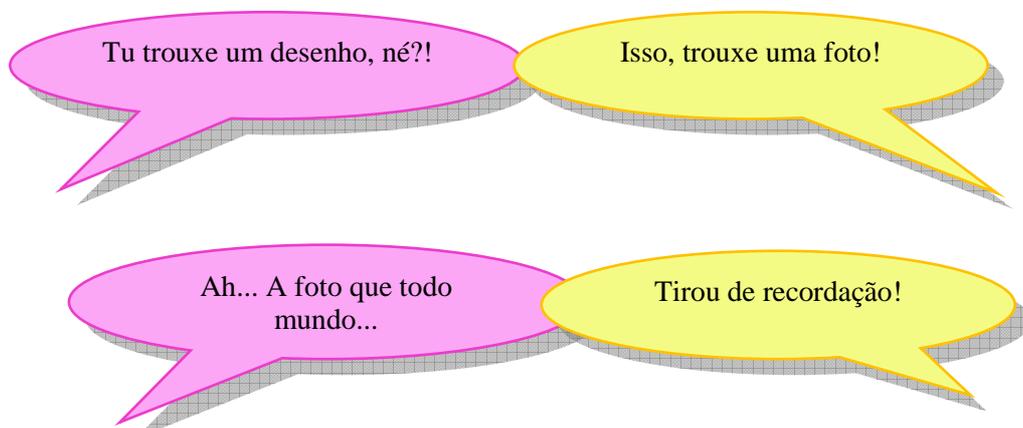
**Figura 25** – Remexendo o Baú.

Além de morar perto da minha casa e de brincarmos juntas quase todos os dias, Marlise foi minha colega na 1ª e 2ª séries, o que aumentou ainda mais o repertório de lembranças.

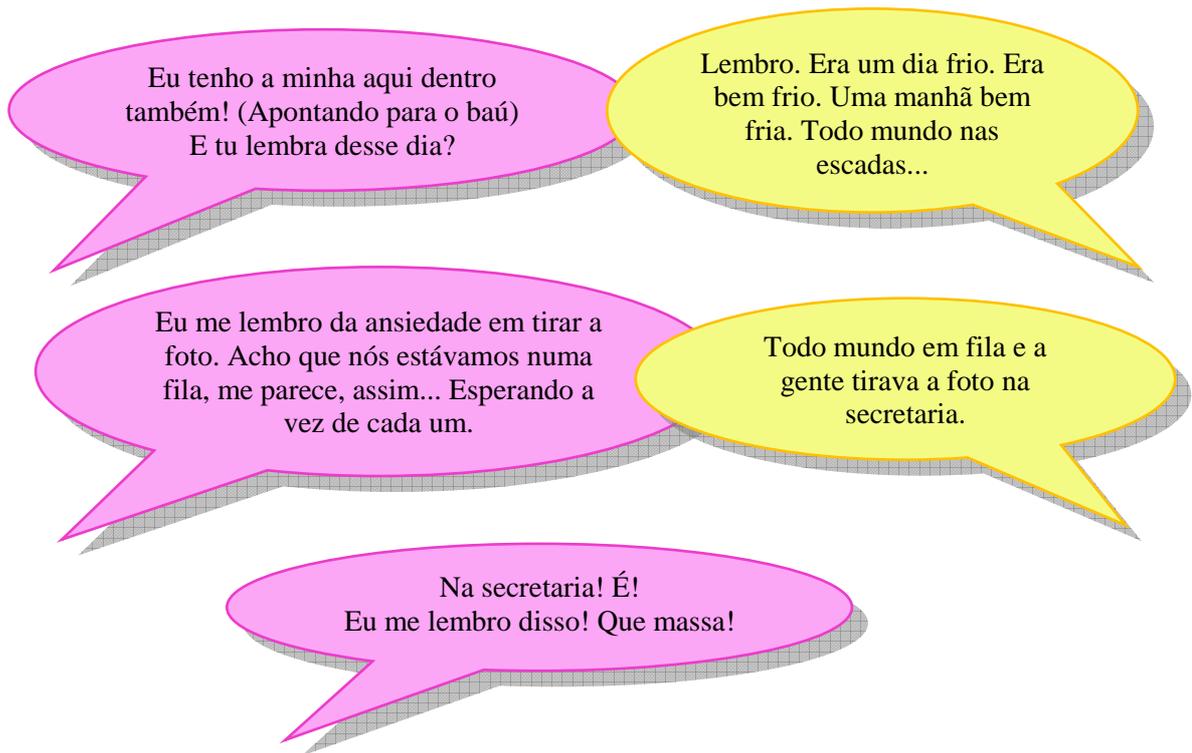
Abaixo, trago o início da nossa conversa.



Então, expliquei à Marlise do que se tratava minha pesquisa de mestrado, procurando fazer com que se sentisse livre para falar sobre as suas lembranças e sobre aquilo que tivesse vontade. Percebi que ela tinha trazido algo<sup>27</sup> consigo e perguntei:



<sup>27</sup> A foto trazida por Marlise encontra-se no (ANEXO C).



Antes mesmo de começarmos a remexer o baú, tivemos um belo momento de rememoração. Senti alegria ao saber que Marlise ainda guardava aquela fotografia. Não sei explicar bem o porquê, mas é como se ela estivesse assumindo um papel de guardiã das minhas memórias. Ver a imagem da Marlise pequena fez lembrar-me vários momentos da nossa infância. É como se aquela menina da fotografia estivesse batendo na porta da minha casa – como ela fazia quase todas as manhãs – convidando-me para ir brincar. Hoje sou eu que bato a sua porta e a convido para brincar comigo. Brincar de “mulher grande”<sup>28</sup> e revisitar aquelas lembranças remexendo o Baú dos Meus Guardados.

Então, Marlise mexeu no Baú e retirou lá de dentro o primeiro guardado:

### **AS ORAÇÕES ANTES DE COMEÇAR A AULA**



<sup>28</sup> Brincar de “mulher grande” era uma das brincadeiras prediletas nossa. Consistia em pegar roupas, sapatos, colares, brincos, bolsas e outros objetos que pertenciam às nossas mães e fazermos de conta que éramos mulheres adultas.

A gente se reunia no salão lá, não sei se tu lembra, no refeitório...

É, e tinha as missas também. As missas com a professora **Margarida**.

Com a **Margarida**. Isso! Não sei se tu se lembra dum canto que nós cantávamos com ela e que eu lembro muito que é: “Mãe do céu morena...”

Me lembro! (risos)

Tu lembra? Essa música pra mim foi muito marcante!

E daí tinha aquela... tinha outras também de Nossa Senhora. Ela sempre gostava muito. Me lembro que ela tinha os alunos especiais, né?! E ela sempre estava envolvida com eles.

A professora **Margarida** nunca nos deu aula, mas continua sendo lembrada pelos seus movimentos dentro da escola, naquela época. Além de trabalhar com os alunos surdos, ela ajudava outros alunos com problemas referentes à fala e ainda, como era muito religiosa, sempre tomava a frente das orações e iniciativas religiosas dentro da escola. Os cantos que ela nos ensinava ainda estão guardados na memória.

Então, Marlise retirou outro guardado do baú: **A SALA DOS SURDOS**

O que tu se lembra da sala dos surdos?

Eu me lembro das pessoas. Até hoje eu tenho contato assim de “oi”, cruzar na rua. Tem uma menina que fazia aula lá que já fala!

Marlise também se lembrou de um colega surdo que sempre sentava junto com outro colega que o ajudava nas suas atividades.

Seguindo a conversa ela retirou do baú:

### **O PÁTIO DO LADO DA ESCOLA**

Tu lembra?

Do ladinho aqui?

Aquele lá, do lado de lá,  
comprido, estreito e  
comprido.

Aham! Onde jogávamos,  
brincávamos lá...

Lembra das nossas  
brincadeiras lá? Não sei  
se tu lembra...

Lembro! Eu lembro que a gente corria  
bastante atrás também e fazia a volta  
aqui do lado depois. E que tinha a  
dona **Jasmim** lá em cima do lado.

(Risos)

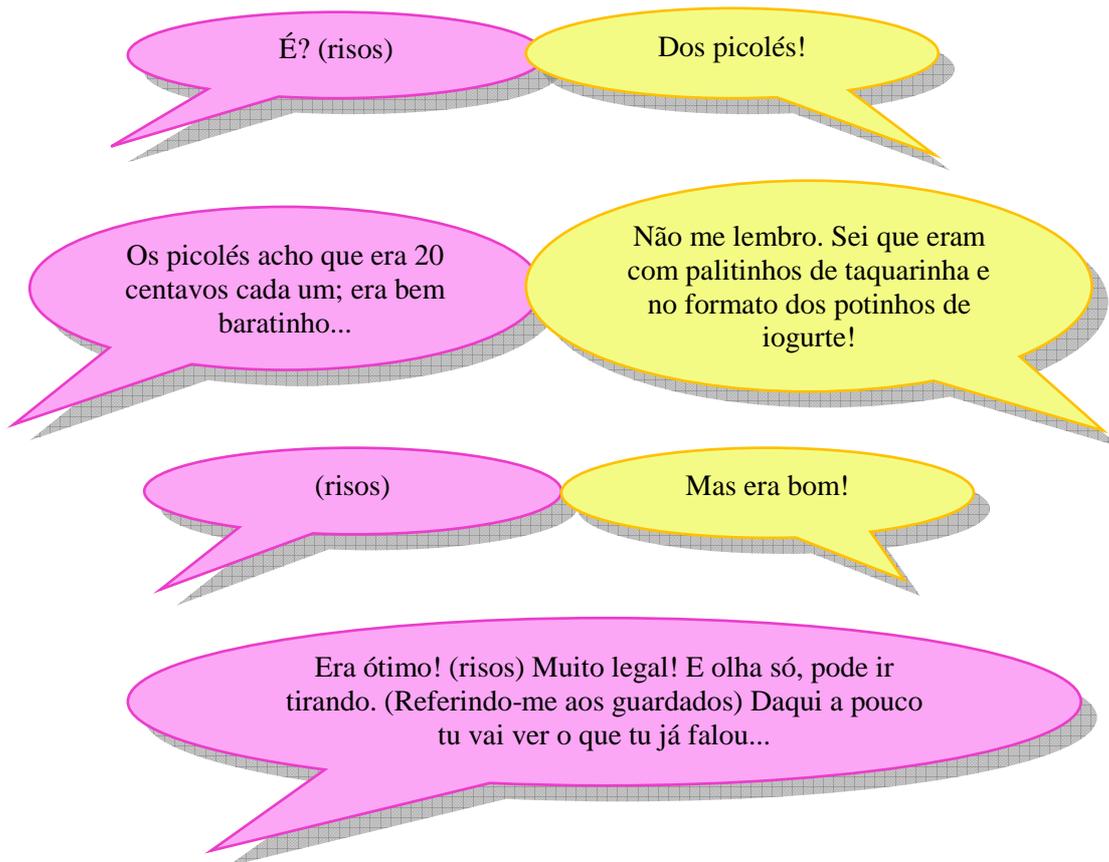
Tu comprava picolé lá  
também? (Risos)

Siiimm! Tu lembra? Acho que  
foi a coisa mais marcante pra  
todo mundo.

Os picolés da Dona  
**Jasmim!**

O que tu lembra Marlise,  
disso?

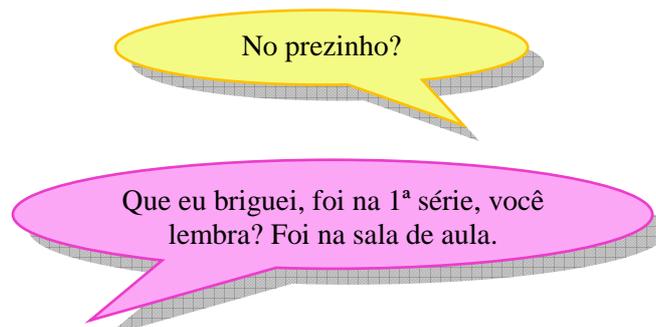
Que todos os dias depois da aula ou  
no recreio a gente ia lá comprar. E  
uma vez, ah, eu comprava fiado, né,  
daí uma vez ela atacou a minha mãe  
lá na loja, que a mãe fazia rancho lá,  
daí ela disse que eu tava devendo  
um monte de coisa; a mãe chegou  
em casa e brigou comigo.



Assim como o Lule, Marlise também trouxe à tona as lembranças dos picolés da vizinha antes mesmo de retirar do baú o guardado referente a esta memória, o que demonstra o quanto isto foi significativo para todos. Cada um traz uma contribuição adicional para esta lembrança. O Lule lembrou que os guris pulavam o muro para chegar na frente, a Marlise lembrou que os palitos eram de taquarinha, dessa forma a memória e o nosso imaginário sobre esse período vão se ressignificando e tomando outras dimensões coletivas, para além das individuais.

O próximo guardado pinçado foi:

### **BRIGA QUE TIVE COM UMA COLEGUINHA**



Marlise disse não lembrar a briga. Fato que para mim foi marcante a ponto de ainda permanecer registrado na minha memória. Várias são as possibilidades que levaram Marlise a não lembrar a briga, entre elas a sua ausência na aula naquele dia ou esquecimento mesmo. Afinal, nem tudo que nos é significativo também o é para os outros que dividiram conosco as mesmas vivências.

Referindo-me ao próximo guardado, **AJUDAR A SECAR A LOUÇA PARA**

**AS MERENDEIRAS**, perguntei:

Isso te traz alguma lembrança?  
Tu não ajudava elas a secar?

Não, eu não...

Acho que era a **Orquídea** que ajudava a fazer isso comigo. Eu me lembro que nós íamos lá no recreio e depois da merenda nós ficávamos secando a louça e ajudando. Aí, às vezes, a gente até ganhava mais um potinho de sagu ou alguma coisa que tinha no dia da merenda; ganhava mais alguma coisa por ter ajudado elas.

Não. Eu acho que eu gostava mais de ficar brincando e correndo!

E das merendeiras assim... de quem tu lembra?

Marlise lembrou de todas as merendeiras e citou nomes e características marcantes de cada uma. Lembrou também das professoras, diretora e coordenadoras que passaram pela Escola na nossa época. Então, prosseguimos:

**APRESENTAÇÕES DE TEATRINHO**

Tu lembra de alguma coisa?

Não! Dos teatrinhos?  
Humm...

Marlise não se lembrou dos teatrinhos e então contei a ela sobre a apresentação que a nossa turma fez no pré em que eu representava uma árvore e ficava atrás de um papelão.

Sobre o próximo guardado, **O DESFILE CAIPIRA NA ESCOLA** comentamos:

Sempre tinha, né?!

Sim. E tu se lembra dos desfiles?

Lembro das festas que tinha.

Eu me lembro das pipocas que eles davam pra nós, assim, com melado.

Em formato de bolinha...

É !!! Em formato de bola! (risos)

É... me lembro!

Que delícia!

É, eles sempre faziam as festinhas (referindo-se as pessoas da escola). Não tinha escolha dos caipirinhas também?

Tinha!

Tu nunca ganhou?

Para “caipirinha” eu não concorri. Mas lembro de uma vez em que todos desfilaram vestidos de caipira, e eu estava com um calçado muito grande da minha mãe. Na hora do desfile, eu perdi o tamanco, daí fiquei toda envergonhada, botei o tamanco e saí toda sem jeito. Todo mundo achou graça e pensaram que eu fiz de propósito. Daí eu fiquei em primeiro lugar! Eu nunca vou me esquecer que o prêmio era um quadro, daqueles de madeira, assim, do Leandro e Leonardo. E o presente do segundo lugar, que foi uma outra menina que ganhou, era um enfeite de gesso em forma de sorvete, bem mais bonito.

Ah, aqueles sorvetes de gesso que tinha?!

Isso! Eu lembro que eu fiquei achando o prêmio do segundo lugar tão mais bonito que o meu (risos).

E tu tem o quadro ainda, Annanda?

Não! Não tenho mais o quadro. Lembro que a gente fez também uma almofada que eu também não me lembro se foi no Pré ou se foi em outra série.

Acho que no Pré. Na 1ª ou na 2ª a gente fez um quadro que teu pai deu as madeirinhas e a gente pintou. Daí a professora desenhava barquinho ou margarida, a gente escolhia o que queria. Eu me lembro que eu tinha um barquinho.

Ah, e a gente só pintou na madeira?

É! Tinha umas madeirinhas assim que a gente pintou com tinta guache.

Eu acho que tô me lembrando disso... Mas eu não tenho esse quadro. Eu acho que, depois que tu falou, eu tenho a impressão que o meu era de margarida.

Eu acho que a tua era a margarida, sim! Porque tinha ali na tua casa, na entrada assim, tinha ela pendurada.

Tinha pendurada ali, né?! Se não me engano era branca com miolo amarelo. Gente! Eu to me lembrando disso, Marlise. Nossa! Não tenho mais isso!

A fala e rememoração da Marlise ressonaram em mim, fazendo-me lembrar, por exemplo, de um quadro com uma margarida pintada por mim nos pedaços de madeira doados pelo meu pai à turma da escola. Senti certa tristeza por não ter mais aquele quadro comigo.

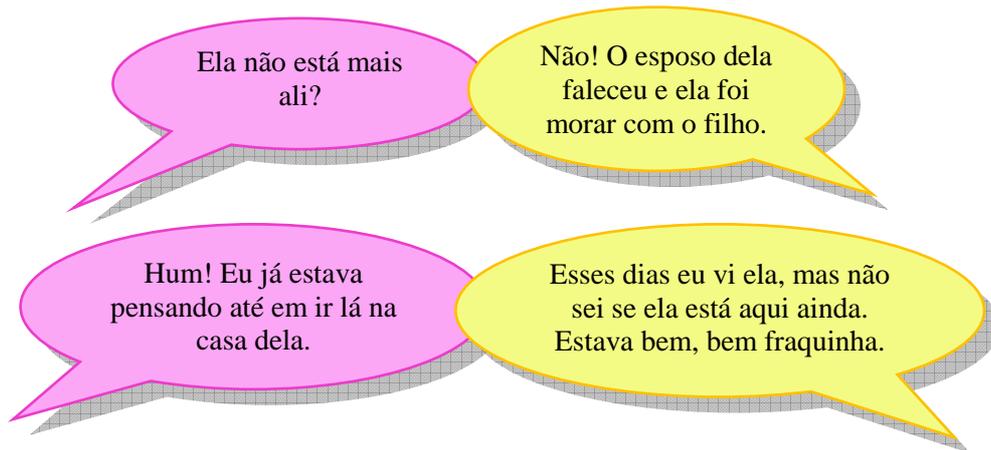
Continuando, Marlise então retirou o guardado referente ao que ela já havia lembrado, antes mesmo de mexer no baú:

### **A SENHORA QUE MORAVA AO LADO DA ESCOLA E FAZIA PICOLÉS**

(risos). Nos potinhos de iogurte.

De iogurte, né?! Eu sempre comia os de leite com Nescau porque o chocolate escorria pro fundo e depois virava a cobertura. Docinho assim! Ah, era tão bom! Parece que eu sinto o gosto daquele picolé! (risos) A Dona **Jasmim**, né?! Ela mora ali ainda, será?

Não tenho certeza. Mas parece que ela foi embora.



Essa fala da Marlise me deixou um pouco triste. Pois a Dona **Jasmim** e seus picolés fizeram muito “a nossa alegria” no tempo de escola, e saber que ela não estava muito bem, entristeceu-me. Em função disso, não tirei da cabeça a ideia de, quem sabe, ainda procurá-la. Continuando a conversa, perguntei a Marlise:



Olhando as fotografias, Marlise reconheceu-se em uma delas e reconheceu alguns colegas e professoras também. Ambas recordamos e conversamos sobre alguns colegas da época. Marlise, então, esboçou estar gostando daquele nosso encontro:

É bom recordar assim, né?!

É, né?!

Vendo assim as coisas a gente vai se lembrando...

Sobre a foto de lembrança escolar da 2ª série, que todos os alunos tiraram na secretaria em frente aos livros, e que ela levou para me mostrar, Marlise relembrou:

Eu chorei bastante pra ganhar essa foto (risos)!

Chorou? Como assim?

Porque a mãe não queria que eu tirasse.

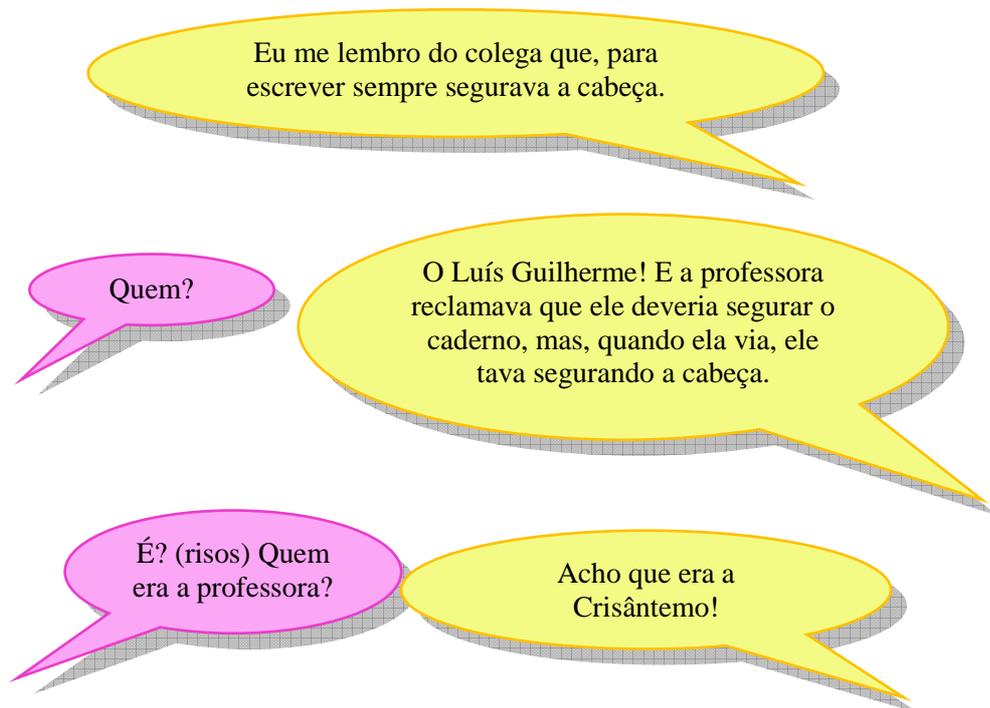
Marlise se lembrou de outra situação:

Eu me lembro que uma vez nós brigamos, daí tu e a **Orquídea** corriam na frente da minha casa, se escondiam e me ficavam me enticando!  
(risos)

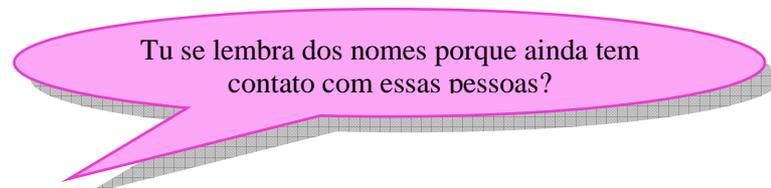
Capaz? (risos)

Daí corriam, faziam a volta na quadra e desciam de novo (risos).

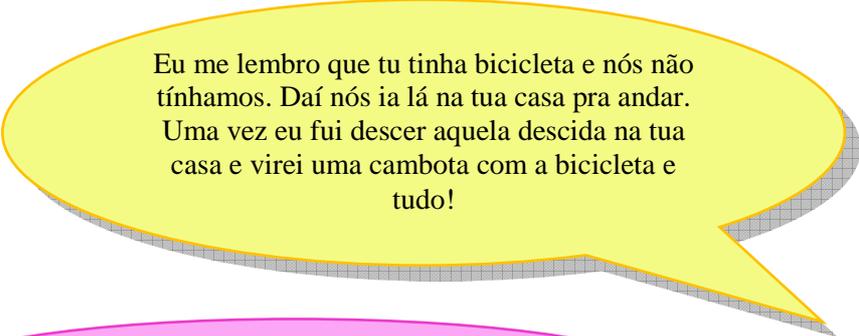
Falando dos colegas, Marlise lembrou:



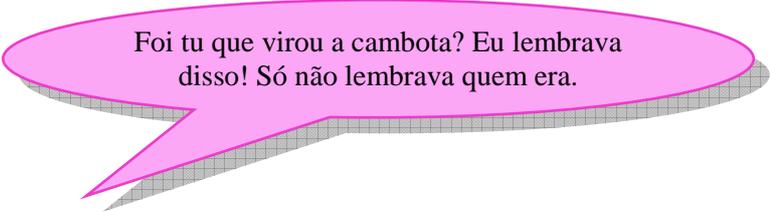
Observando a colega olhar as fotos e comentar, percebi que ela lembrava com facilidade o nome das pessoas, então perguntei:



Marlise explicou que lembrava muito da época da escola, mas que sabia de tantos nomes porque ainda tinha contato “de vista” com alguns. Quando começamos a olhar os trabalhos daquela época, Marlise afirmou lembrar, mas disse que não os têm mais devido às mudanças de endereço, situações em que muitas coisas se perdem. Ao ver um desenho em especial – de uma bicicleta – ela recordou um fato:



Eu me lembro que tu tinha bicicleta e nós não tínhamos. Daí nós ia lá na tua casa pra andar. Uma vez eu fui descer aquela descida na tua casa e virei uma cambota com a bicicleta e tudo!



Foi tu que virou a cambota? Eu lembrava disso! Só não lembrava quem era.

Falando das nossas brincadeiras de infância, Marlise recordou o seguinte: fazíamos casinhas construídas no chão com pedras pequenas, como se fossem a planta da casa, nas quais as pessoas eram representadas com palitos de fósforo. Ela lembrou também que, certa vez, eu dei uma de minhas Barbies a ela.

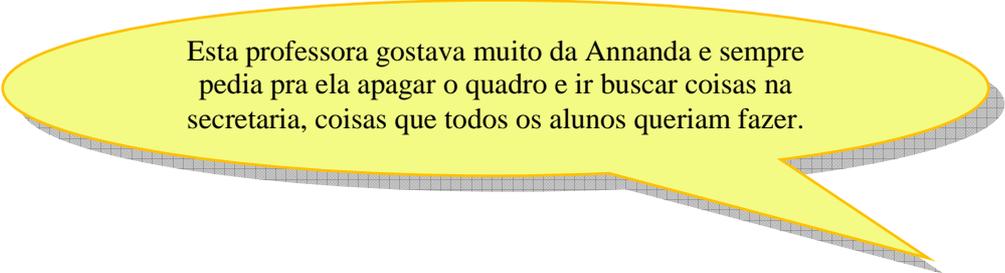
Lembramos de uma vez em que meu pai inventou, no verão, uma piscina de lona na sacada da minha casa. Todas as crianças da vizinhança – inclusive a Marlise – iam lá para tomar banho e brincar na “Piscilona”, como chamávamos.

Outras coisas que a colega relembrou enquanto ia mexendo nos guardados: o diário que fizemos na semana do livro relatando tudo o que fazíamos naqueles dias; o “meu primeiro dicionário”; lembrou que teve que fazer muitas aulas de caligrafia quando pequena.

Após remexermos todos os guardados contidos no Baú, perguntei à Marlise o que mais ela lembrava e que havia lhe marcado mais na época em que estudou na escola Santa Fé. Então, ela lembrou com carinho de uma brincadeira que fazíamos no recreio. Brincávamos nas escadas da secretaria de “adivinhar a pedrinha”, onde alguém escondia em uma das mãos uma pedrinha e os outros tinham que escolher uma das mãos. Quem acertasse a mão da pedra, descia um degrau. Marlise também recordou que no recreio, as professoras colocavam discos da Xuxa num aparelhador de som para os alunos cantarem e dançarem.

Intriga-me pensar como era possível fazermos tanta coisa durante o recreio, já que comíamos a merenda da escola, corríamos para comprar os picolés da dona **Jasmim** e ainda sobrava tempo para brincarmos muito.

Marlise recordou a ocasião em que uma colega caiu do muro e quebrou o braço e que a outra colega, certa vez, caiu embaixo de um ônibus quando ia para a escola. Lembrou também da professora da 2ª série que não era muito bem quista pelos alunos por ser muito rígida. Ela disse:



Esta professora gostava muito da Annanda e sempre pedia pra ela apagar o quadro e ir buscar coisas na secretaria, coisas que todos os alunos queriam fazer.

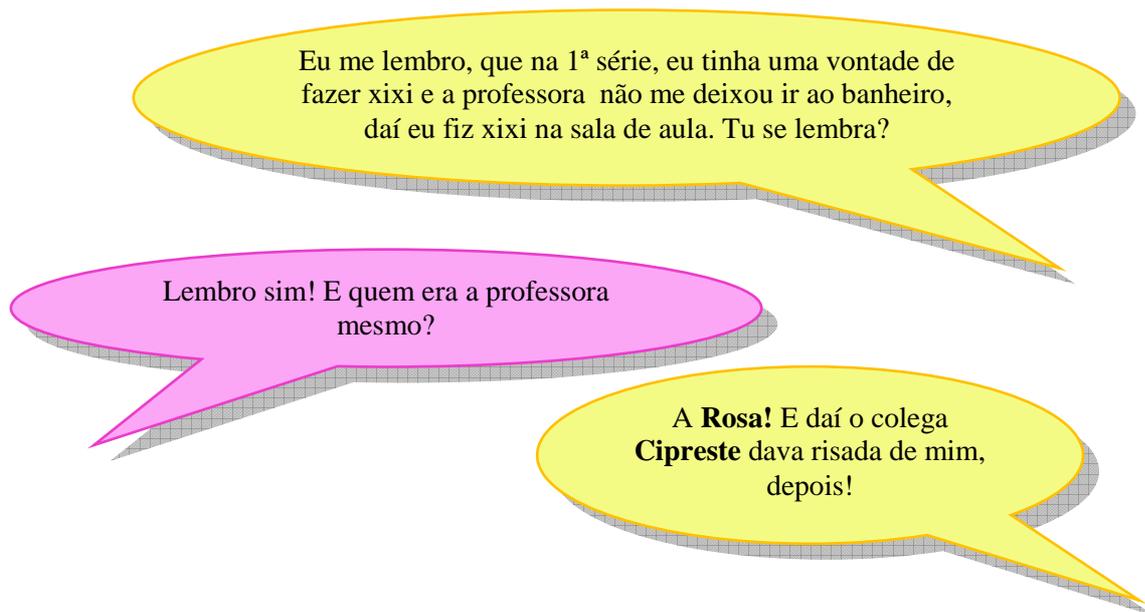
Marlise também relatou o episódio da colega que, por conta de uma ocasião em que esta professora chamou a atenção com muita rigidez, apareceu na aula no dia seguinte com a tabuada bem decorada. Lembrou do colega que era surdo e de seu temperamento agressivo, recordando também das paixões infantis pelas colegas.

Semelhante ao que aconteceu com a colega que precisou decorar a tabuada, Marlise lembrou de um episódio envolvendo outra colega a qual foi “ridicularizada” pela professora pelo fato de ter escrito seu nome errado em uma prova. Isto me fez pensar em como nós, naquele tempo, éramos solidários àqueles que sofriam com alguma situação vexatória.

Ambas, eu e Marlise demos conta que não lembramos muito das apresentações de dias festivos, tais como o dia das mães e o dia dos pais. A colega lembrou que quase venceu uma competição de estourar balões, que gostava muito de correr e, assim como eu, adorava a brincadeira de “pular elástico”.

Marlise contou também que ficou em recuperação na primeira série e que, em um dos dias de prova, ela inventou que precisava sair e foi embora, mas, na verdade, só não queria estar lá porque as colegas mais próximas estavam de férias em casa. Porém, no outro dia, após pensar que seria ruim ter que repetir de ano, resolveu voltar à escola e fazer a prova.

Quase no final da nossa conversa, Marlise lembrou de um fato que foi muito marcante para mim e para os outros colegas da turma com os quais conversei; um fato do qual ela foi a protagonista:



Contou ainda que a professora **Rosa**, de quem gostávamos muito, ficou muito arrependida por não tê-la deixado ir ao banheiro. Isso nos levou a comentar sobre a diferença entre as professoras **Rosa** e **Crisântemo**, pois a primeira era muito tranqüila enquanto a segunda, era muito rígida, chegando ao ponto de não permitir os alunos a olharem para trás, na sala de aula.

Ao final de nossa conversa, pedi a Marlise, assim como fiz com o Lule, que escrevesse algumas linhas sobre o nosso encontro e o que ele significou para ela; e disse que esta escrita poderia ser entregue em outra ocasião (ANEXO D).

### 6.3 – ENCONTRO COM MINHA EX-COLEGA MARILENE

O encontro com a minha ex-colega Marilene (Nininha como costume chamá-la) aconteceu no domingo, dia 14 de Novembro de 2010, por volta das 14h30min no gramado em frente à minha casa em Guarani das Missões. Da mesma forma que aconteceu com os outros ex-colegas, também a contatei anteriormente para combinar essa nossa conversa.



**Figura 26** – Encontro com Marilene.



**Figura 27** – Remexendo o baú.

Inicialmente, expliquei à Marilene do que se tratava a minha pesquisa e contei que estava ali para remexer, com ela, o Baú dos Meus Guardados. Dessa forma, Nininha foi retirando, um a um, os guardados do Baú e falando sobre eles.

O primeiro guardado retirado foi:

### **DESFILE CAIPIRA NA ESCOLA**

Nininha disse não lembrar exatamente do desfile caipira, mas sim das festinhas caipiras organizadas pelas professoras com brincadeiras, fogueira, etc.

Outro guardado retirado foi a

### **FOTO DE RECORDAÇÃO ESCOLAR**

Quanto a isto, afirmou lembrar muito bem e garantiu que ainda guarda a dela em sua casa, mas disse que não a achou para trazer para o encontro.

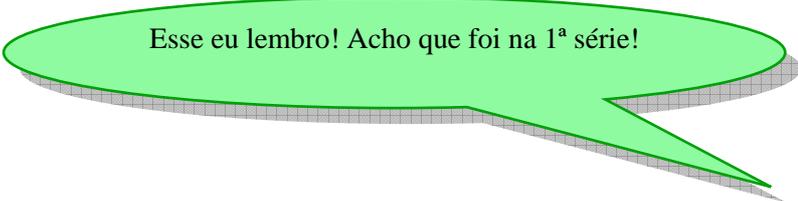
Eu vou ter que procurar! Vou dar mais uma olhadinha!

Diz ela, demonstrando a vontade em encontrar aquela fotografia.

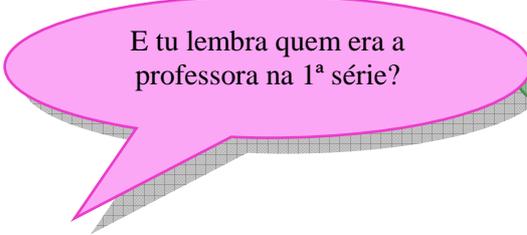
Ao retirar o próximo guardado:

### **MEU PRIMEIRO DICIONÁRIO**

Nininha afirmou:



Esse eu lembro! Acho que foi na 1ª série!

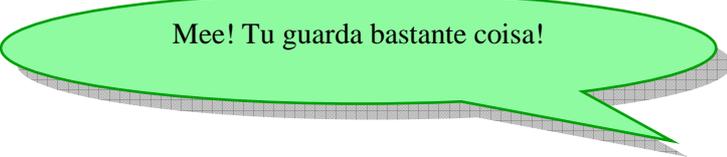


E tu lembra quem era a professora na 1ª série?



Na 1ª série foi a **Rosa**, no pré a Teresinha e na 2ª a **Crisântemo**!

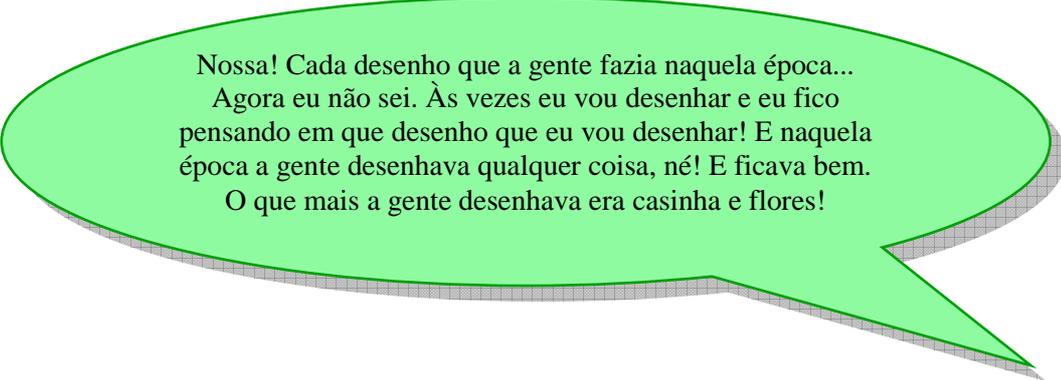
Espantada com a quantidade de guardados no meu baú, Nininha disse:



Mee! Tu guarda bastante coisa!

Explicou que devido às inúmeras mudanças de casa da sua família muitas coisas se perderam.

Nininha remexeu os desenhos e trabalhos feitos no pré-escolar com cola colorida e disse lembrar-se de tudo aquilo.



Nossa! Cada desenho que a gente fazia naquela época...  
Agora eu não sei. Às vezes eu vou desenhar e eu fico pensando em que desenho que eu vou desenhar! E naquela época a gente desenhava qualquer coisa, né! E ficava bem.  
O que mais a gente desenhava era casinha e flores!

Isso levou-me a refletir novamente sobre a importância da liberdade que se concede a criança para que ela crie a partir de seu próprio repertório, de sua própria imaginação. Um papel em branco tornar-se um universo de possibilidades e a partir de um traço, podem surgir coisas inimagináveis. Esta é uma oportunidade essencial para as crianças experimentarem, e com o passar dos anos, cultivarem. Pessoalmente, gosto muito de desenhar e cultivo isso ainda. Não tenho vergonha

dos meus rabiscos, pelo contrário, acho-os lindos. Sempre muito coloridos expressam no papel parte daquilo que estou vivendo, que estou sendo.

O próximo guardado retirado foi: **MEU PRIMEIRO LIVRO** com a data de 1991. Então ela comentou:

Esses tempos atrás, com a mãe, estive vendo umas fotos e eu achei o diploma do pré. E ontem eu fui procurar e eu não achei! Em algum lugar está.

Continuando, Nininha retirou do Baú a frase: **PÁTIO DA ESCOLA**

Quase continua a mesma coisa.

Tu se lembra como ele era? O que tu lembra? O que nos fazíamos lá?

Nininha então foi lembrando-se de detalhes daquele pátio:

Do lado do banheiro ali tinha um corredor onde nós brincávamos de se esconder. Do outro lado tinha um parquinho.

Ao retirar do Baú a foto que registrou o meu aniversário, comemorado na minha casa e onde a turma foi prestigiar a minha festinha, Nininha exclamou:

Ah, o aniversário da Annanda! Esse eu lembro! A felicidade nossa em vir na casa da Annanda. (Risos)

Olhando as demais fotos, Nininha reconheceu alguns ex-colegas, lembrou de outros e em algum momento não reconheceu a si própria. Enquanto olhava as

fotos, foi contando dos colegas com quem ela ainda matem contato e daqueles que foram embora e nunca mais soube notícias. Ao ver a foto de desfile de 20 de Setembro, Nininha lamentou que hoje em dia nem se façam mais estes desfiles na cidade.

De repente, ao pinçar do baú a foto em que eu estava recebendo o diploma das mãos da professora Teresinha, Nininha exclamou:

Esta foto eu tenho! Essa eu tenho! Achei duas coisinhas.

Então, Nininha me alcançou a foto<sup>29</sup> de que falava. Na imagem, vi Nininha pequena vestida com o traje de formatura.

Eu tava procurando o diploma e eu sei que a minha mãe tem, porque eu tava vendo umas fotos e eu até falei: oh o meu diploma do pré, e não sei aonde foi parar aquilo agora!

Nininha também mostrou-me o outro achado: um diploma<sup>30</sup> de melhor mãe do mundo, que demos para nossas mães em 1992, na 1ª série.

Esse minha mãe guardou!

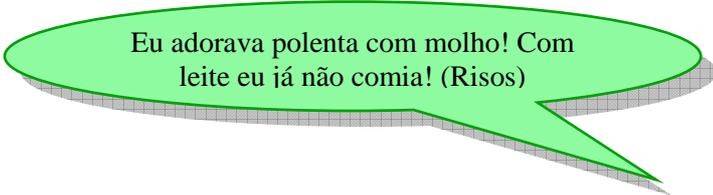
Naquele momento fiquei impressionada, pois estava ali um guardado que eu não tinha.

*'Diploma de melhor mãe do mundo, pelo menos, do nosso pequeno mundo familiar onde a senhora é uma estrela de primeira grandeza!' Que jóia, tu guardou! Eu não me lembro de ter isso! Até eu vou ver com a mãe se ela guardou. De repente numa caixa de cartões e coisas. Que legal!*

<sup>29</sup> Em (ANEXO E).

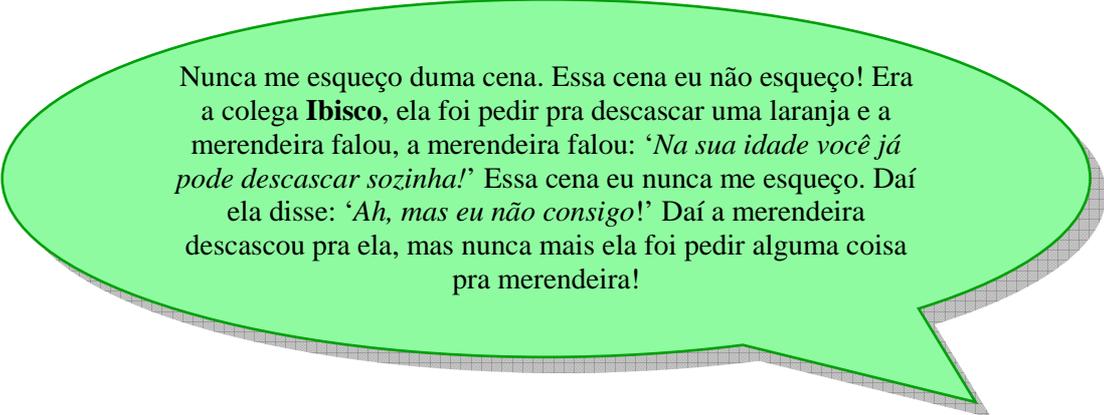
<sup>30</sup> Em (ANEXO E).

Nininha lembrou das merendas escolares: polenta com leite, polenta com molho.



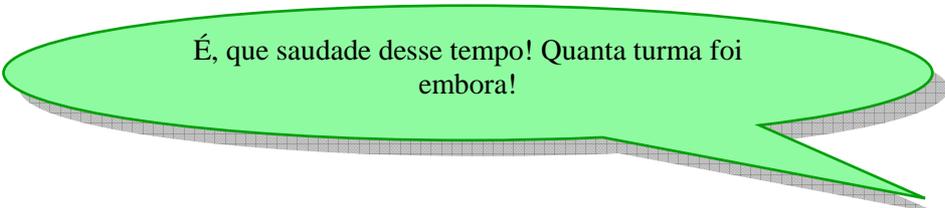
Eu adorava polenta com molho! Com leite eu já não comia! (Risos)

Nininha, então, contou um fato que disse tê-la marcado muito:



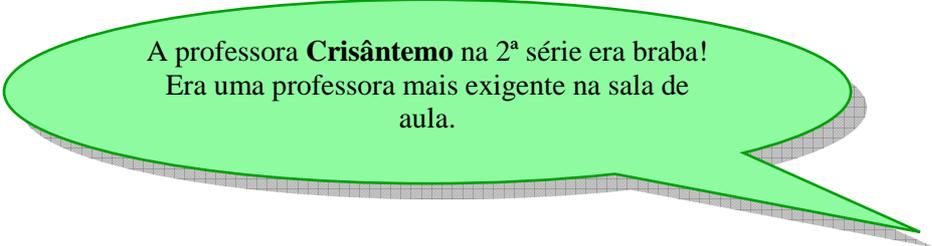
Nunca me esqueço duma cena. Essa cena eu não esqueço! Era a colega **Ibisco**, ela foi pedir pra descascar uma laranja e a merendeira falou, a merendeira falou: *‘Na sua idade você já pode descascar sozinha!’* Essa cena eu nunca me esqueço. Daí ela disse: *‘Ah, mas eu não consigo!’* Daí a merendeira descascou pra ela, mas nunca mais ela foi pedir alguma coisa pra merendeira!

De repente, Nininha desabafou:



É, que saudade desse tempo! Quanta turma foi embora!

Ao ver a imagem das professoras numa foto ela lembrou:



A professora **Crisântemo** na 2ª série era braba! Era uma professora mais exigente na sala de aula.

Então, Nininha lembrou do dia em que a colega fez xixi na sala de aula porque a professora não a deixou sair para ir ao banheiro. Nininha disse não esquecer daquele fato.

Nininha foi remexendo no Baú dos Meus Guardados e então tirou a frase:

### **A SENHORA QUE MORAVA AO LADO DA ESCOLA E FAZIA PICOLÉS**

Ah, isso eu lembro! As vezes nós fugia do colégio pra ir buscar picolés lá! (Risos). Ela fazia os picolés nos copos de iogurte. Na hora do recreio era só picolé. Era fila na frente da casa dela, todo mundo ia correndo buscar os picolés!

O próximo guardado retirado pela Nininha foi: **A SALA DOS SURDOS**

Tinha a sala dos surdos, para os surdos e para quem tinha dificuldade em falar. Eu participei dessas aulas! E até hoje eu, nas palavras com R, eu me enrolo. Eu e o Luís Guilherme, nós fazíamos juntos!

Nininha retirou do Baú um trabalhinho no qual desenhei várias coisas, entre elas, os coleguinhas e amiguinhos da escola. Ela ficou feliz ao ver que seu nome estava ali entre aqueles que eu desenhei, e exclamou:

Que bom saber que eu era uma amiga tua naquela época!

Em tom de saudade, Nininha desabafou:

Às vezes dá saudade daquele tempo, queria voltar a ser criança. Os anos vão passando...

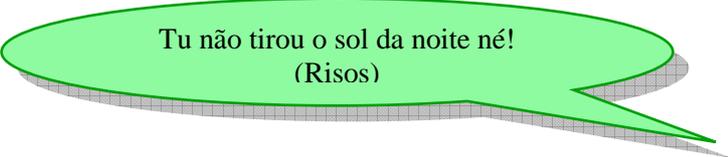
O próximo guardado:

**AJUDAR A SECAR A LOUÇA PARA AS MERENDEIRAS** fez Nininha

lembrar de algumas merendeiras com muito carinho.

E novamente ao remexer nos trabalhos feitos no pré, comentamos sobre a organização e cuidado que a professora tinha, colocando sempre o nome e a data em cada um dos trabalhos de cada aluno. Falamos também que muitos dos professores de hoje não tem esse cuidado e que a grande maioria costuma levar trabalhos praticamente prontos para os alunos somente pintarem ou completarem. Isso não acontecia conosco naquela época.

Nininha observou que, em um dos desenhos, no qual eu ilustrava a minha noite de sono, o sol permanecia lá, assim como a grama e as flores.



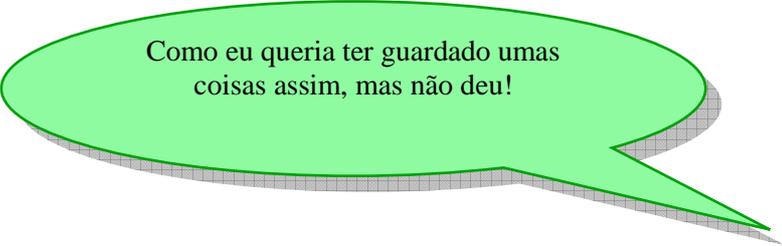
Tu não tirou o sol da noite né!  
(Risos)

Ela comentou que, quando pequena, sonhava em ser professora, mas que nada fez por aquele sonho, nem tampouco tentou estudar para realizá-lo.

No decorrer da conversa, Marilene evocou algumas lembranças que eu não tinha, por exemplo, o trabalho que fizemos, certa vez, com o miolo do rolo de papel higiênico, o qual se transformou num porta-caneta, enfeitado com palitos de picolé na sua volta.

Cantei alguns cantos daquela época para ver se Nininha lembrava, e o único que ela reconheceu e lembrou foi o do “Alecrim Dourado”.

Conversando sobre aquilo tudo, ela lamentou:



Como eu queria ter guardado umas  
coisas assim, mas não deu!

Lembrou dum passeio que fizemos no dia das crianças:

Um passeio que eu lembro que nós fizemos foi andar de trem no dia das crianças. Eu lembro! Era todo mundo faceiro que ia andar de trem pela primeira vez! Depois passou o tempo e o trem não passou mais!

Referindo-se ao guardado: **AS ORAÇÕES ANTES DE COMEÇAR A AULA**

ela comentou:

Eu lembro das orações antes de começar a aula. Agora acho que o pessoal perdeu um pouco o costume né!

E logo emendou:

Falando em lembrar, eu nunca me esqueço que tu chupava o dedo!

Tu lembra? (Risos) Mas não na escola né?!

Na escola sim!  
(risos)

Chupava na escola também?

Claro! A professora chamava a atenção: '*Vai ficar com o dedo fino!*' Daí às vezes tu botava o dedo na boca, nós falava e daí tu tirava! Essa eu lembro!

Na escola eu fazia isso! Que vergonha! (Risos)

Neste trecho, Nininha revela saber de algo que eu acreditava ser quase um segredo, a minha mania de chupar o polegar esquerdo. Mania que além de me

deixar com o dedo mais fino, acarretou em dentes tortos. Senti vergonha em saber que a Marilene se lembrava desse meu hábito.

Algumas coisas Nininha disse não lembrar, por exemplo, a briga que tive com uma coleguinha, a nossa apresentação de teatrinho para o resto da escola, o desfile caipira...

Vendo uma foto da escola, dos muros e fachada, Nininha lembrou-se de um fato também recordado pela Marlise em nosso encontro:

Quem que é uma vez caiu e quebrou o braço?

Tu lembra disso? Eu não lembro. Mas a Marlise também lembrou. Ela falou na **Hortênsia!**

A **Hortênsia!** Nós estávamos brincando na escola e ela caiu do muro e quebrou o braço.

Enquanto Nininha folhava os trabalhos e desenhos, comentei:

E como naquela época a gente achava lindos os desenhos que a gente fazia né?!

É, como a gente desenhava! Esses dias minha sobrinha tinha um trabalho pra fazer e tinha que desenhar. Ela ficou me olhando e esperando! Elas não sentam e desenham, como a gente fazia. Tem muita criança que: *Ah, não sei o que desenhar!*

Ao final da conversa, Nininha ainda comentou:

Eu vou tentar procurar o meu diploma e aquela foto do livro.

Então, perguntei-lhe se havia mais alguma coisa que ela lembrava e que não tinha falado. Ela então disse:

Ah, eu me lembro que a gente tinha que escovar os dentes, passar flúor, e dos picolés. Acho que essa aí nunca ninguém vai esquecer, dos picolés da vizinha! Esses dias até encontrei ela e a gente comentou. Ela também me chama de Nininha. Daí eu falei pra ela que eu lembro que a gente ia lá comprar os picolés e ela disse que também nunca esquece daquele tempo. Depois ela parou de fazer.

Contou ainda mais um fato:

Eu gostava de estudar. Lá de cima vínhamos numa tropa! Eu nunca me esqueço que uma vez vínhamos eu, a **Acácia**, e o **Eucalipto**. Nós brincava nos cordão da calçada, o que o meu pai não gostava muito. Nunca me esqueço que uma vez ele passou por nós e me disse assim: *‘De noite nós conversamos!’* Sei que eu cheguei em casa com medo dele e me escondi; todo mundo me procurava e eu embaixo das cobertas, daquelas cobertas de “pigina” que faziam antigamente, e eu não aguentava mais ficar embaixo daquelas cobertas, já tava me sufocando e eu me obriguei a sair de lá! (Risos) Essa nunca esqueço!

É?! E apanhou ou não?

Não, porque quando eu apareci já era tarde e tava todo mundo preocupado comigo, e eu embaixo das cobertas. (Risos) Meu pai era muito rígido!

Recordou o acidente que sofreu a caminho da escola:

Uma vez, acho que era dia dos professores. Estava vindo eu e umas colegas, aí tinha os canteiros da rua e naquela época tinha muitas flores nos canteiros. Daí pensei: *Vou pegar uma flor pra professora!* Mas atravessei a rua e não olhei para o lado, nisso vinha um ônibus e me pegou, bem no canto do ônibus. E eu de tanto medo que tinha de chegar em casa e o meu pai brigar comigo, levantei e fui pro colégio. Sei que eu cheguei no colégio toda esfolada, daí os professores ligaram pra casa e alguém veio me buscar.

Capaz?!?!

Ah, eu lembro! A minha orelha aqui por trás eu cortei e me raspei toda.

Sabe quem que lembrou disso? A Marlise. Eu não lembro. Não lembro de nada desses tombos, que caíam e se machucavam. Será que eu me apavorava e por isso não lembro?!

Realmente, essas lembranças de acidente, tombo, etc., que aconteciam na escola, não as guardo. Será que se tornaram esquecimento por escolha inconsciente minha? Quanto a isso não sei responder.

E assim nossa conversa chegou ao fim. Solicitei a Marilene uma escrita sobre aquele encontro que poderia ser entregue em outro momento. Nininha disse que escreveria, entretanto, não escreveu. Então respeitei.

## 7 – REPERCUTINDO EM MIM OS ENCONTROS COM OS ECO-EVOCADORES E REENCONTRANDO A MINHA PRIMEIRA PROFESSORA

A atividade principal de todo ser humano, onde quer que esteja, consiste em dar uma significação a seus encontros com o mundo.

Jerome S. Bruner

Os encontros, com os meus três ex-colegas repercutiram em mim de diversas maneiras, ajudando-me a entender o modo como estes imaginários estão presentes e transformados no meu hoje. Eles me fizeram lembrar, relembrar, descobrir lembranças, descobrir esquecimentos e ficar intrigada com estes esquecimentos. Alimentaram, acima de tudo, a vontade de ir adiante, ir mais a fundo, buscar outras pessoas, outras narrativas daquele tempo. O imenso carinho aparente e persistente por aquela professora da pré-escola, a minha primeira professora, fez com que eu desejasse reencontrá-la para poder dividir também com ela aquele momento único que eu estava vivendo. Reencontrá-la para mostrar a ela o **Baú dos Meus Guardados**, de modo que ela sentisse de alguma forma aquele carinho que todos nós, ex-alunos, têm por ela.

Este desejo me levou a procurar um contato com a minha primeira professora, Teresinha Warpechowski, que não atua mais como professora porque já está aposentada. Atualmente, ela é a primeira dama do município. Foi então que a contatei e combinamos um encontro, marcado para o dia seguinte. O nosso encontro aconteceu no dia 15 de Novembro de 2010, feriado, às 10 horas da manhã em sua casa. Após trocarmos abraços saudosos, sentamos na área em frente a sua casa e lá começamos a conversar.



**Figura 28** – Encontro com minha primeira professora. **Figura 29** – Remexendo o baú.

Primeiramente, falei a ela um pouco sobre a minha pesquisa e disse que ela foi um pedaço importante na minha caminhada de formação. Disse, também, que por ter sido a minha primeira professora será para sempre inesquecível. Então, começamos a conversar: contei a ela quem eram os meus colegas na época, sobre os quais ela disse, inicialmente, não recordar de todos. E isso é completamente compreensível, já que muitos foram os alunos que passaram pelas suas salas de aula.

Apresentei a ela o **Baú dos Meus Guardados**, e disse que ali dentro havia várias lembranças do tempo em que estudei na escola Santa Fé. Então, ela abriu o baú e começou a remexer os meus guardados. O primeiro guardado retirado por Teresinha foi uma fotografia que ilustrava ela me entregando o diploma no dia da formatura do pré-escolar. A professora Teresinha mostrou-se muito emocionada e feliz ao ver aquela foto e demonstrou isso ao dizer, em meio a risos de surpresa, o seguinte:

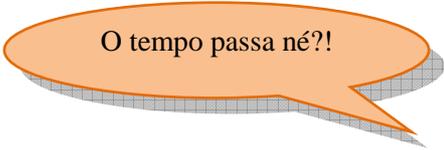
Que emoção, até queria ter essa foto, não tenho!

Prometi fazer uma cópia daquela fotografia e dar-lhe de lembrança. Outros guardados foram, aos poucos, sendo retirados do baú, olhados e tocados por aquela que soube ser mais do que uma educadora, uma encantadora.

Em meio a nossa conversa, seu marido e atual prefeito de Guarani das Missões, apareceu na área e por alguns minutos conversou comigo. A professora Teresinha, então, mostrou a ele algumas fotos.

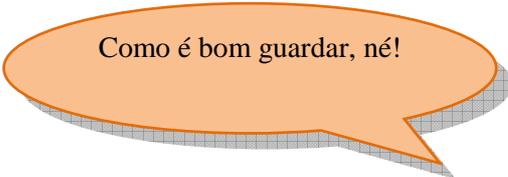
Enquanto olhava as fotos ele disse, demonstrando a admiração que sente pela sua esposa: “*A Teresinha se dedicava muito! E eu digo assim: a Teresinha foi a melhor professora alfabetizadora de Guarani*”.

Outro momento do qual a professora Teresinha se lembrou está registrado na foto do meu aniversário de sete anos de idade, comemorado na minha casa juntamente com minha turma da escola, professora e outros convidados. Disse ela, demonstrando um certo grau de saudade em sua fala:



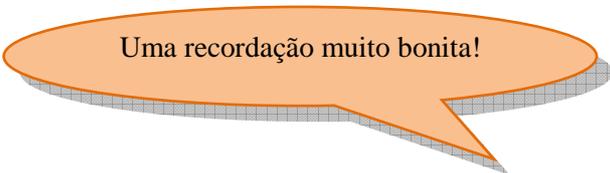
O tempo passa né?!

E continuou a remexer nos meus guardados até encontrar os trabalhos da época em que ela me deu aula. Teresinha disse lembrar-se de alguns trabalhos que ela preparava para nós, como aquele da mão em que, com uma agulha, passamos a linha em volta. Como ela disse, trabalhos daquele tipo tinham o objetivo de trabalhar a habilidade e a motricidade dos alunos. E ao ver aqueles guardados, ela exclamou:



Como é bom guardar, né!

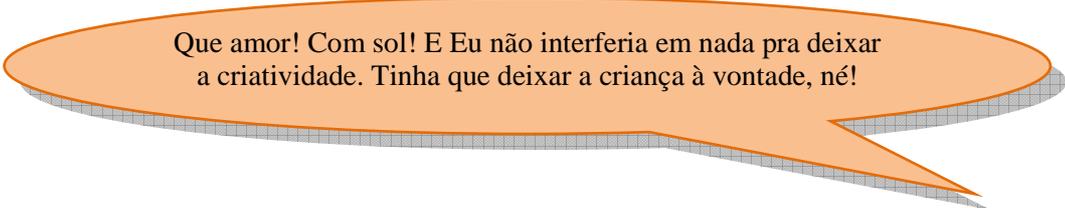
Quando viu trabalhos que foram destinados aos dias dos pais ou das mães, por exemplo, a professora Teresinha lembrou que ela perguntava aos alunos o que eles gostariam de dar como presente para seus pais, e então ela escrevia. Naquele momento, exclamou:



Uma recordação muito bonita!

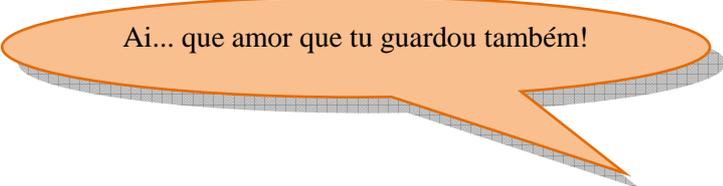
E assim fomos remexendo nos meus guardados e lembrando daqueles momentos tão bons que foram vividos na Escola Santa Fé. Falei à professora de seu cuidado com os materiais de aula. Tudo muito bem escrito, sempre com a data e o nome de cada aluno, etc. Elogiei o seu capricho e seu carinho para conosco.

Ao ver um desenho em que representei eu, criança, deitada numa cama, dormindo à noite, mas com um sol estampado no céu em meio a um gramado e flores, a professora comentou:



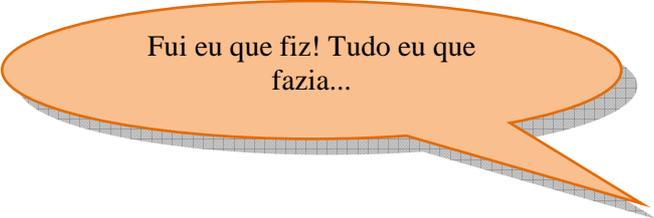
Que amor! Com sol! E Eu não interferia em nada pra deixar a criatividade. Tinha que deixar a criança à vontade, né!

Sobre isso, chamei a atenção para o quanto aquela liberdade que tínhamos em poder desenhar e pintar num papel totalmente em branco e sem limitações, o quanto aquilo, acredito, contribuiu para desenvolver a nossa criatividade e até a autoconfiança no momento em que podíamos criar a partir da nossa própria imaginação.



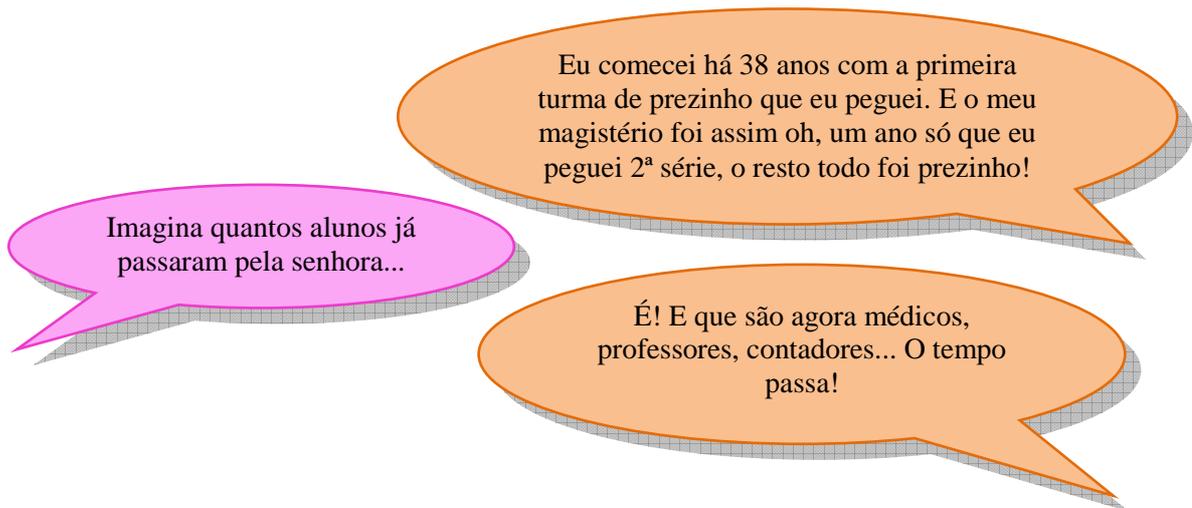
Ai... que amor que tu guardou também!

Exclamou a professora, surpresa ao ver o diploma original que recebi de suas mãos há 20 anos. E completou orgulhosa:

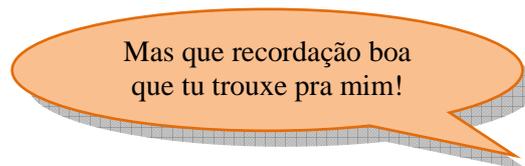


Fui eu que fiz! Tudo eu que fazia...

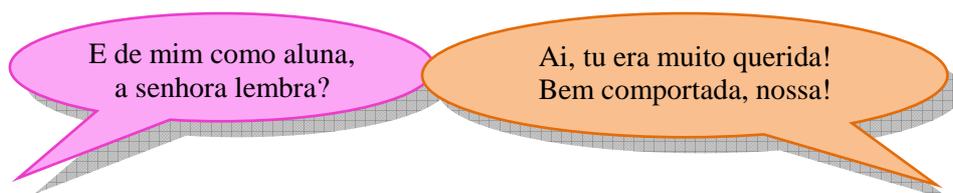
Então ela começou a contar:



E assim continuamos remexendo os meus guardados: trabalhinhos com tinta, com palitos de picolé, com lixa de fogão. Algo que me encheu de alegria foi ouvir dela:



Na sequência perguntei a ela:



É sempre muito bom ser lembrada com carinho por um ex-professor. É como se isto demonstrasse que fizemos o nosso papel como aluno, sabendo escutar, honrar e acima de tudo respeitar aquele mestre.

Melhor ainda foi perceber que aquele nosso encontro tinha feito um bem a ela, como expressado na seguinte fala:

Bah, mas foi assim, um prazer pra mim ver você se lembrar da profe, né?! E assim, nossa... Ter o capricho de guardar isso tudo. Isso é muito bacana! Pode mostrar pros filhos, né!

E assim nosso encontro foi chegando ao fim. Para registrar aquele momento pedi a ela que tirasse uma foto comigo entregando-me o diploma, do mesmo jeito que fizemos há aproximadamente 20 anos (Fig. 31).



**Figura 30** – Formatura do pré-escolar (1991)



**Figura 32** – Recebendo diploma 20 anos depois.



**Figura 31** – Diploma original.

Posso dizer que remexer em guardados, lembranças individuais e coletivas representou remexer com sentimentos, saudades, rancores, significou remexer com aquilo que estava pulsando, a VIDA! Foi assim, VIVA, que me senti nos encontros com cada um dos meus ex-colegas. Cada vez que um deles colocava a mão dentro do Baú para de lá tirar um guardado, eu sentia como se estivessem colocando a mão no meu peito, rasgando a minha pele e penetrando no meu coração!

Cada suspiro, sorriso, olhar desconfiado ou intrigado que surgia com a leitura de uma frase ou com a visão de uma foto, iam provocando em mim sensações diversas, que ora me acalmavam ora me agitavam. Eu queria saber tudo! Tudo! Cada pedaço! Pedacinhos de cada! E aos poucos, fui descobrindo... Descobrir pedaços deles, pedaços escondidos, trancafiados, que eles também descobriam ali, naquele momento, junto comigo! Pedacinhos de memória que juntos iam formando uma história, uma narrativa, uma trajetória. Pedacinhos que eu descobri deles, de mim, deles em mim, que eles descobriram neles, em mim e de mim neles.

Costumo ouvir sempre da minha orientadora que somos um aglomerado de coisas que dizem que somos, e do que fazemos com o que dizem que somos. Essa afirmação pode ter um fundo de verdade, mas, mais forte que isso, Peres (2011) nos fala, em seus escritos, sobre esse grande *reservatório do que vamos sendo*, com as imagens que estão sempre em movimento.

Não somos a professora (ou os professores) de nossa memória, mas temos em nosso reservatório muito delas e deles em nós. Aqui reside a fugacidade das temporalidades e dos imaginários como este grande reservatório do que vamos sendo. Estes estão intimamente subsumidos às “imagens-lembranças”, de que nos fala Bachelard, como forças subjetivas profundas advindas de percepções individuais (e coletivas) vividas, guardadas e ressignificadas como lembranças que estão sempre em movimento. Tais movimentos emergem das intimações do presente que, diante das novas vivências, atualizam as percepções passadas em forma de representações. Ou seja, essas “imagens-lembranças” deslocam-se do presente acionando as profundezas de regiões do passado, tornando-se dinâmicas, no instante em que a pessoa faz o contato com uma imagem similar (PERES, 2011, s. p.).

Quando penso na minha formação – humana e pessoal – não consigo separá-la da lembrança de pessoas, de vidas, de gente. Gente que caminhou junto, que narrou junto, que se afastou, que construiu uma história. Gente que abraçou, gente que bateu, gente que criticou, gente que leu, que escreveu... Gente como o Luís Guilherme, a Marlise, a Marilene, a professora Teresinha e tantos outros que

não participaram diretamente desta pesquisa, mas que tiveram suas existências lembradas em algum momento das nossas! Gente que conta, que informa, forma e se forma. Gente que fala com silêncio ou com palavras. Palavras simples que, de repente, atravessam nossa alma. Histórias como daquela senhora que vendia os tais picolés de morango e de leite com Nescau e a gente adorava! A mesma história em versões mil! A mesma história com emoções mil! Uma lembrança que talvez fosse melhor ter ficado somente na lembrança, sem reencontro. Porque nem sempre o que nos causa saudade pode causar o mesmo sentimento naquele que compartilhou a mesma vivência. E de repente o reencontro pode ferir com palavras aquela lembrança que era tão doce... doce como um picolé de infância... Sobre este pedaço, não quero nem falar. Quero calar. Silenciar.

Foi assim que estes encontros de vida foram ecoando em mim e que, nesta pesquisa, parafraseando Bachelard (2006), tornaram-se repercussão convidando-me ao aprofundamento do meu trajeto existencial de formação. Penso que meu trabalho pode tornar-se ressonante aos leitores e futuros pesquisadores de si, como convite a olhar a formação desde os primeiros anos escolares, a partir de outro ponto vista. Essas histórias de gente que narra, se narra, e, sem saber, contribui para construir o que estou me tornando e o que estou sendo a cada instante.

## 8 – JUNTANDO OS PEDAÇOS, REINVENTANDO O BAÚ DOS MEUS GUARDADOS E DESCOBRINDO UM INFINITO INCOMPLETÁVEL

E é sempre melhor o impreciso que embala do que o certo que basta!  
Porque o que basta acaba onde basta, e onde acaba não basta,  
E nada que se pareça com isto devia ser o sentido da vida.  
Fernando Pessoa

Ao ler “Biografia e Educação – Figuras do indivíduo-projeto” de Christine Delory-Momberger (2008), senti-me intimamente interrogada pelas questões que a autora coloca logo na introdução do texto e em torno das quais a sua escrita se desenrola.

Como se encontram o mundo de experiências, figuras e expectativas que a criança, o jovem e o adulto em formação trazem consigo, e o mundo de conhecimentos que as instituições educativas propõem? Existe uma relação entre a forma como os indivíduos representam sua vida e a maneira como eles adquirem competências e saberes sobre o mundo e sobre si mesmos? Como a família, a escola e a sociedade elaboram modelos e trajetórias de formação? **Como os indivíduos constroem subjetivamente o percurso e a imagem de sua existência?** (DELORY- MOMBERGER, 2008, p. 25)  
(grifos meus)

Suas questões abarcam o campo educacional e subjetivo ao mesmo tempo e definem um olhar mais humano sobre o indivíduo, através do qual sua história, sua trajetória e sua narrativa de vida formam o próprio indivíduo, a exemplo do que busquei mostrar neste trabalho. A última frase da citação acima, especialmente “Como os indivíduos constroem subjetivamente o percurso e a imagem de sua existência?”, está fortemente ligada à proposta desta pesquisa, pois a questão valoriza a história de vida e a maneira como cada indivíduo enxerga a sua própria existência. No momento em que busquei **as imagens que emergem dos reservatórios da minha memória dos três primeiros anos escolares**, penso que me utilizei da memória como a ponte que fez a ligação entre o hoje e as minhas lembranças. Não foi um lembrar por lembrar, pelo simples fato de remexer no passado, mas um lembrar intencional e consciente que pretendeu reconhecer as

impressões e marcas deixadas pelas experiências passadas e (re)significá-las no presente.

Dessa forma, também adentrei nos elementos constitutivos do imaginário como força motriz capaz de movimentar reservatórios decantados do vivido. À medida que vou remexendo no **Baú dos Meus Guardados** das minhas primeiras vivências escolares, defendo a ideia de que ambos, memória e imaginário, podem constituir-se em potências de autoformação, uma vez que possibilitam a formação do si, partindo da reflexão e apropriação sobre a sua própria história. Cabe ressaltar que esta afirmação está fundamentada em estudos cujo objeto principal é a experiência de vida na perspectiva da formação. Dentre esses estudos, trago novamente Marie-Christine Josso (2009), que nos fala da importância da distinção entre vivências e experiências. Para ela,

As vivências constituem o tecido do nosso cotidiano. Nem sempre estas vivências ficam na nossa memória ou propiciam uma ocasião de aprender qualquer coisa recente que vai ficar, enquanto recurso novo, daqui para frente.[...] **A experiência é produzida por uma vivência que escolhemos ou aceitamos como fonte de aprendizagem particular ou formação de vida.** Isto significa que temos de fazer um trabalho de reflexões sobre o que foi vivenciado e nomear o que foi aprendido. Todas as experiências são vivências, mas nem todas as vivências tornam-se experiências. É por isso que o desafio das situações educativas se encontra na imaginação de formas de aprendizagem que vão surpreendendo o aprendiz. Estas formas oferecem uma oportunidade de transformar a vivência proposta em experiência analisada, no decorrer da situação educativa. Os professores devem cultivar o seu imaginário e a sua capacidade de imaginação, para se tornarem “bons educadores”, ajustados, por um lado, à formação pessoal (existencial) dos alunos e, por outro, aos recursos que eles precisam na sociedade em que vivem. (JOSSO, p. 136- 137, 2009) (grifos meus)

A partir dessa autora, assumo que, ao escolher as minhas primeiras vivências escolares, busquei na *experiência a produção daquelas vivências como fontes de aprendizagens particulares que compuseram a formação de minha vida*. Nesse sentido, a reflexão sobre elas foi capaz de elevá-las ao nível de experiências autoformadoras. Uma reflexão que tomou como objeto todas as vivências e lembranças que já existiam e as que vieram à tona a partir dos encontros com os meus ex-colegas. Peço licença às palavras e aos escritores, para arriscar dizer que a fusão, que experienciei com esta pesquisa, foi uma espécie de “**autoformamento**”, uma mistura de autoformação com autoconhecimento. Pois as experiências autoformadoras que foram produzidas pelas vivências que escolhi e aceitei como

fontes de aprendizagem particular, me auxiliaram a compor os pedaços da minha existência e me fortaleceram ainda no trajeto do autoconhecimento.

Acredito que, ao narrar suas próprias lembranças, cada pessoa sente que se está falando também para si mesmo, como que num ato de “caminhar para si”, conforme ressalta Josso (2004), porque

Falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é ‘vivido’ na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. Contudo, é também um modo de dizermos que, neste *continuum* temporal, algumas vivências têm uma intensidade particular que se impõe à nossa consciência e delas extrairemos as informações úteis às nossas transações conosco próprios e/ou com o nosso ambiente humano e natural. (p. 48)

Delory-Momberger (2008) afirma que a biografia passou a ser um componente e um horizonte do campo educativo. Assim, a maneira como os indivíduos “biografam” suas experiências e a “maneira como integram em suas construções biográficas o que fazem e o que são na família, na escola [...], são parte integrante do processo de aprendizagem e de formação” (p. 30). A autora utiliza os termos “biografização”, como processo segundo o qual os indivíduos constroem a figura narrativa de sua existência, e linguagem, como o lugar no qual são fabricados, juntos e concomitantemente, a “história” e o “sujeito da história”. Nesse sentido, é a narrativa que dá forma ao vivido e às nossas experiências como sujeitos ativos na elaboração e experimentação de sua própria história de vida.

Busquei, através de minha questão de pesquisa elaborar e experienciar a minha própria história, também a partir dos ecos que em mim se fizeram na evocação das lembranças de três ex-colegas daquele tempo. Pois, por mais que cada vivência possua um significado único para cada indivíduo,

ao compartilhar lembranças, os tempos individuais se cruzam, formando um outro tempo coletivo, tempo presente no grupo. Este compartilhar dá lugar a uma nova solidariedade, que propicia a cada um, e ao grupo como um todo, a segurança necessária para os relatos em um espaço de valorização e compreensão (BRANDÃO, 2005, p. 4).

Magda Soares (1991) compara a vida com um bordado. Segundo ela, “o risco é de Deus, mas o bordado é nosso” (p. 29). É como se o traço da nossa vida já

estivesse lá, pronto, desenhado por Deus, mas cabe a nós segui-lo ou não com a nossa linha e agulha, com o nosso repertório, construindo aos poucos o nosso próprio bordado, a nossa própria história. A autora, lembrando as ideias de Machado de Assis, também compara a vida com uma peça de teatro, no qual os acontecimentos ocorrem sem a necessidade de ensaios, e os atores sabem os papéis sem mesmo terem lido o texto.

Vamos bordando a nossa vida, sem conhecer por inteiro o risco; representamos o nosso papel, sem conhecer por inteiro a peça. De vez em quando, voltamos a olhar para o bordado já feito e sob ele desvendamos o risco desconhecido; ou para as cenas já representadas, e lemos o texto, antes ignorado. E é então que se pode escrever – como agora faço – a “história”. (SOARES, 1991, p.28)

Este foi o meu momento de olhar para o bordado já feito. Sei que quem olhou o passado foram os meus olhos do agora, diferentes daqueles que olhavam e viviam as experiências aquelas. Hoje, esses olhos têm uma limitação outra, a limitação do ver somente através de imagens recriadas, imagens guardadas na imaginação e na memória. Por isso, tenho a certeza de que “vejo o meu passado, vejo-me, não como foi, não como fui, mas como a que sou me mostra ter ele sido e ter eu sido” (SOARES, 1991, p. 39).

Ao buscar as **imagens que emergem dos reservatórios da minha memória dos três primeiros anos escolares**, encontrei imagens da Annanda, aluna, criança e eterna aprendiz do mundo, refletida nas palavras, desenhos e sons produzidos pela Annanda de hoje. Imagens de uma criança sonhadora, que sente com muita intensidade a presença do outro em sua vida e também esqueceu/esquece outros pedaços da memória. Ao passo que fui encontrando e desvelando essas imagens da minha infância, fui também percebendo as impressões e sensações por elas deixadas, como por exemplo o orgulho de ter sido uma boa aluna, engajada e solidária ajudando a secar a louça para as merendeiras, a vergonha de ser lembrada por uma das ex-colegas por chupar o dedo em sala de aula, a sensação de liberdade e de como o tempo do recreio demorava... À medida que fui percebendo essas sensações, entendi o quanto esta pesquisa teve, para mim, um sentido que vai muito além destas linhas textuais, um sentido que transborda da experiência de vida de cada um e que toma força quando encontra “gentes” com quem compartilhá-la. Josso (2010), quando ressalta a singularidade do processo de formação, afirma que na narração que acontece em grupo, “a faculdade

de rememoração e de atribuição de sentido funciona num duplo movimento de identificação/ distanciamento entre as narrativas” (p. 68). Dessa maneira, surge a singularidade da narrativa de cada um e do sujeito que a constrói e a memória

mostra-se como instrumento fundamental na recomposição do imaginário, que realimenta a cultura, porque através dela os conteúdos vividos e retrabalhados pela subjetividade (inconscientes/latentes) são trazidos ao presente, e nele incorporados. A memória de todas as lembranças retidas (de forma mais ou menos clara, com registros conscientes e inconscientes) pode ser invocada e aparecer prontamente ou nos tomar como uma força avassaladora, muitas vezes sem ser chamada, para reconstruir uma imagem, uma história e um personagem feitos de restos, num eterno trabalho de bricolage. (BRANDÃO 2005, p. 9)

Novamente Josso (2010), em outro trecho, agora citando Henri Michaux (1981), afirma que “antes de ser obra, o pensamento é trajeto” (p. 79). O pensamento é trajeto! Pensem! Trajeto! Pensamento = trajeto. Simples e maravilhoso. Perceber que o pensamento é trajeto, para mim, significa assumir a caminhada como recurso. Recurso para se chegar lá, lá onde a chegada se transforma novamente em trajeto, e aonde o trajeto nunca acaba, pois é esse o princípio da formação.

Pierre Dominicé (2010) afirma que “aquilo em que cada um se torna é atravessado pela presença de todos aqueles de que se recorda” (p. 87) e de quem foi preciso nos distanciar. Assim, pessoas de que recordamos e que atravessam nossas narrativas fazem parte do nosso processo de formação. O autor afirma, ainda, que o que dizemos da nossa história não é idêntico em todos os momentos da nossa vida, nem em todos os contextos nos quais nos exprimimos. É como se em diferentes momentos da caminhada, diferentes pontos do trajeto, tivéssemos uma bagagem singular que nos ajuda a contar e a narrar a nossa história. Conforme caminhamos, agregamos coisas e nos desfazemos de outras, assim, vamos narrando de diferentes modos, nos diferentes pontos do trajeto, nos diferentes contextos em que nos encontramos inseridos.

Dessa maneira, a presença destes tantos outros em minha vida, ajudam a moldar e a compor o enorme quebra-cabeça da minha existência. Pois,

Somos, assim como nossas escolhas, o resultado de nossas experiências pessoais, objetivas e subjetivas, em meio a uma teia de relações sociais. São fios que se entretecem interna e externamente, formando um tecido sobre o qual acontecem as escolhas sendo, parte da trama, tecida por

nosso imaginário e o da cultura da qual fazemos parte. (BRANDÃO, 2005, p. 7)

O quebra-cabeça da minha existência, assim como uma teia, é complexo na sua simplicidade e simples na sua complexidade. Este quebra-cabeça que será sempre e infinitamente incompletável, simples e puramente, por se tratar de uma história sem fim, e que justamente por ser assim se torna mais significativa a cada pedaço. Portanto, e por enquanto, percebo que estou sendo esse amontoado de pedaços, de pessoas e de histórias que perpassam a minha vida, e desse modo, vou me tornando, me conhecendo, me formando, me autoformando, me descobrindo: **Eu – em pedaços de mim**, um infinito incompletável<sup>31</sup>.

---

<sup>31</sup> Para conhecer outros pedaços que foram sendo encontrados no percurso desta pesquisa, assista ao vídeo presente no **APÊNDICE A.2**, que foi parte integrante da apresentação final na defesa desta dissertação, que aconteceu no dia 08 de Abril de 2011, junto à Faculdade de Educação da UFPel – Pelotas. Neste vídeo, caro leitor, você com certeza se deparará com detalhes já conhecidos durante a leitura realizada até aqui, mas perceberá sempre outros e diferentes pedaços...

e atro  
 e me ma ue re  
 . Que c ue me  
 traem. chuco.  
 nsura corrijo. corrige  
 rido. Qu gridem. rrebato.  
 altratam. ondero. e ponde ue re  
 . Que m cam. Qu ontro. Q e enc  
 m. Que a Que me m. Que . Que  
 e esconde ue atrop Que me lam. Q  
 e mascaro e me mas m. Que r o. Que  
 me comple . Que cal . Que m alculam.  
 io. Que me em. Que chuco. Q me mac  
 am. Que co . Que me corrigem e esque  
 ue me agri m. Que arrebatado. Q me arre  
 . Que pondero. Que me ponderam. Que re  
 me buscam. Que encontro. Que me enc  
 e acho. Que me acham. Que conto. Que  
 dem. Que atropelo. Que me atropelam. Q  
 ro. Que me mascaram. Que revelo. Que  
 pletam. Que calculo. Que me calculam.  
 e des e atraem. Qu me traem. Que machuco. Que me mach  
 completam. e corrijo. Que me corrigem. Que esque  
 Que me censu e agridem. Que arrebatado. Que me arre  
 Que agrido. Q e agridem. Que arrebatado. Que me arre  
 me maltratam. Que pondero. Que me ponderam. Que bus  
 contro. Que me encontram. Que perco. Que me perdem.  
 e conto. Que me contam. Que escondo. Que me esco  
 pelam. Que desfaço. Que me desfazem. Que ma  
 elo. Que me revelam. Que completam. Que me  
 culam. Que atraio. Que me atraem. Que tr  
 e machucam. Que censura. Que me ce  
 squeço. Que me esquecem. Que ag  
 ebatam. Que maltrato. Que me ma  
 ito. Que me repetem. Que busc  
 Que perco. Que me perdem.  
 e escondo. Que me escon  
 me desfazem. Que masca  
 opletam. Que me com  
 e atraem. Que traio. Q  
 ura. Que me censuram.  
 ecem. Que agrido. Que  
 o. Que me maltratam. Q  
 em. Que invento. Que m  
 . Que me busco. Que m  
 um infinito incompletável.

Pedaços que revelam a incompletude da alma. Do infinito da alma. Pedacos que busco. Pedacos que me buscam. Que encontro. Que me encontram. Que perco. Que me perdem. Que acho. Que me acham. Que conto. Que me contam. Que escondo. Que me escondem. Que atropelo. Que me atropelam. Que desfaço. Que me desfazem. Que mascaro. Que me mascaram. Que revelo. Que me revelam. Que completam. Que me completam. Que calculo. Que me calculam. Que atraio. Que me atraem. Que traio. Que me traem. Que machuco. Que me machucam. Que censura. Que me censuram. Que corrijo. Que me corrigem. Que esqueço. Que me esquecem. Que agrido. Que me agridem. Que arrebató. Que me arrebatam. Que maltrato. Que me maltratam. Que pondero. Que me ponderam. Que repito. Que me repetem. Que busco. Que me buscam. Que encontro. Que me encontram. Que perco. Que me perdem. Que acho. Que me acham. Que conto. Que me contam. Que escondo. Que me escondem. Que atropelo. Que me atropelam. Que desfaço. Que me desfazem. Que mascaro. Que me mascaram. Que revelo. Que me revelam. Que completam. Que me completam. Que calculo. Que me calculam. Que atraio. Que me atraem. Que traio. Que me traem. Que machuco. Que me machucam. Que censura. Que me censuram. Que corrijo. Que me corrigem. Que esqueço. Que me esquecem. Que agrido. Que me agridem. Que arrebató. Que me arrebatam. Que maltrato. Que me maltratam. Que pondero. Que me ponderam. Que repito. Que me repetem. Que busco. Que me buscam. Que encontro. Que me encontram. Que perco. Que me perdem. Que acho. Que me acham. Que conto. Que me contam. Que escondo. Que me escondem. Que atropelo. Que me atropelam. Que desfaço. Que me desfazem. Que mascaro. Que me mascaram. Que revelo. Que me revelam. Que completam. Que me completam. Que calculo. Que me calculam. Que atraio. Que me atraem. Que traio. Que me traem. Que machuco. Que me machucam. Que censura. Que me censuram. Que corrijo. Que me corrigem. Que esqueço. Que me esquecem. Que agrido. Que me agridem. Que arrebató. Que me arrebatam. Que maltrato. Que me maltratam. Que pondero. Que me ponderam. Que repito. Que me repetem. Que invento. Que me inventam. Que me reinvento. Que busco. Que me buscam. Que me busco. Que me encontram. Que me encontro: Eu – em pedacos de mim – um infinito incompletável.

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A chama de uma vela**. Rio de Janeiro: Edit. Bertrand Brasil S.A. 1989.
- \_\_\_\_\_. **A poética do devaneio**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BARBOSA, Osmar. **Grande dicionário de sinônimos e antônimos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- BARROS, Manoel de. O apanhador de desperdícios. In: **Memórias Inventadas - A Infância**. São Paulo, Planeta, 2003.
- BRANDÃO, Vera Maria Antonieta. Memória autobiográfica metodologia de formação continuada. In: **Anais do I Congresso Iberoamericano de Psicogerontologia**. Buenos Aires, 2005.
- BRITTO, Fabiano de Lemos. **Sobre o conceito de educação (Bildung) na filosofia moderna alemã**. Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/15522/15522.PDF>>. Acesso em 18 de Janeiro de 2010.
- CÍCERO, Antonio. **Guardar**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- DELORY- MOMBARGER, Christine. **Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, Antonio; MATHIAS, Finger (orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito... Ao sujeito da formação. In: NÓVOA, Antonio; MATHIAS, Finger (orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- \_\_\_\_\_. **O caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores**. Entrevistador: Margaréte May Berkenbrock-Rosito. Revista @mbienteeducação, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 136-199, ago./dez. 2009.
- MACHADO DA SILVA, Juremir. **As Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

NÓVOA, António. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. In: NÓVOA, Antonio; MATHIAS, Finger (orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PERES, Lúcia Maria Vaz. Alguns apontamentos de narrativas autoformadoras: imagens e imaginários das aprendizes de professora In: **Anais I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO - Educação e Tecnologia: sujeitos (des)conectados?** São Leopoldo/UNISINOS, 2009.

\_\_\_\_\_. **Dos saberes pessoais à visibilidade de uma pedagogia simbólica**. Porto Alegre: FAE/UFGRS, 1999. (Tese de doutorado em educação) 157 p.

\_\_\_\_\_. (Organizadora). **Imaginário – O “Entre-Saberes” do Arcaico e do Cotidiano**. Pelotas: UFPel- Fae, 2004.

\_\_\_\_\_. Imagens-lembrança de professoras: das intimações primeiras aos saberes professorais. In: **ANAIS DA ANPED SUL** (CD ROM). Curitiba: Editora PUC-PR, 2004b.

\_\_\_\_\_. **Imaginários moventes: das professoras que tivemos à professora que pensamos ser**. Artigo no prelo

\_\_\_\_\_. Narrativas como “retalhos das imagens” (auto)formadoras: matriciamentos em movimento. In: **ATOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO**. Vol. 3, n. 2 (2008), Blumenau, p. 309-322.

\_\_\_\_\_. Recortando reflexões acerca do símbolo em Durand e Jung: algumas contribuições para o estudo do imaginário. In: **CADERNOS DE EDUCAÇÃO** (Pelotas). Pelotas Vol. 6, n. 8 (jan./jun. 1997), p. 117-126.

PERES, Lúcia Maria Vaz; KUREK, Deonir Luís. Teias de Anima: Contribuições dos estudos do imaginário para a educação. In: **Revista @mbienteeducação**. V. 1, n. 1 – Jan/Julho, 2008, São Paulo.

PERES, Lúcia Maria Vaz; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Imagens e imaginários: a dimensão simbólica do vivido e do pensado na formação de professores. In: **Cadernos de Educação**. FaE/UFPel, Pelotas (18): 153-170, jan./jun. 2002.

SOARES, Magda B. **Metamemória – Memórias: Travessias de uma Educadora**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

VIEIRA, Martha Lourenço. A metaforização da memória ou a Dialética da rememoração em Walter Benjamin. In: SILVA, Isabel de Oliveira; VIEIRA, Martha Lourenço. **Memória, Subjetividade e Educação**. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm; Três Corações, MG: Unicor, 2007.

## Sites Citados

DRAUZIO VARELLA. **Sobre a memória**. Disponível em: <<http://www.drauziovarella.com.br/ExibirConteudo/5242/sobre-a-memoria>>. Acesso em 13 de novembro de 2010.

GEPIEM. **Quem somos**. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/gepiem>>. Acesso em 27 de junho de 2010.

GUARANI DAS MISSÕES. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.guaranidasmissoes.rs.cnm.org.br/portal1/municipio/historia.asp?ildMun=100143176>>. Acesso em 16 de abril de 2010.

# APÊNDICES

## **APÊNDICE A**

**A.1 – Trabalho audiovisual: O que é Imaginário? e**

**A.2 – Vídeo integrante da apresentação de defesa desta dissertação.**

## APÊNDICE B – Autorização do ex-colega Luis Guilherme

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Trabalho:** O Baú dos Meus Guardados: Imaginários e lembranças das primeiras vivências escolares

**Pesquisadora:** Annanda Diléia Jablonski

**Orientadora:** Profa Dra Lúcia Maria Vaz Peres

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, Luís Guilherme Lappe, portador do RG nº. [REDACTED] confirmo que fui esclarecido sem qualquer constrangimento, sobre os objetivos da pesquisa acima referida bem como da forma de minha participação na mesma. Foi esclarecido ainda que minha participação nesta pesquisa é livre; o que falei nas entrevistas e escrevi posteriormente, bem como imagens (fotografias e vídeo) poderão ser publicados e divulgados; meu nome será divulgado; durante o desenvolvimento da pesquisa poderei fazer contato com a pesquisadora pelo e-mail [annandadj@hotmail.com](mailto:annandadj@hotmail.com) para qualquer esclarecimento.

Assim, aceito fazer parte desta pesquisa e autorizo a utilização e divulgação dos resultados que envolvem minha pessoa.

  
Luís Guilherme Lappe (Participante da pesquisa)

  
Annanda Diléia Jablonski (Pesquisadora)

## APÊNDICE C – Autorização da ex-colega Marlise

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Trabalho:** O Baú dos Meus Guardados: Imaginários e lembranças das primeiras vivências escolares

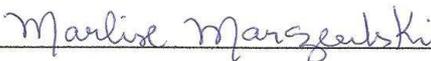
**Pesquisadora:** Annanda Diléia Jablonski

**Orientadora:** Profa Dra Lúcia Maria Vaz Peres

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, Marlise Marczewski, portadora do RG nº. [REDACTED] confirmo que fui esclarecida sem qualquer constrangimento, sobre os objetivos da pesquisa acima referida bem como da forma de minha participação na mesma. Foi esclarecido ainda que minha participação nesta pesquisa é livre; o que falei nas entrevistas e escrevi posteriormente, bem como imagens (fotografias e vídeo) poderão ser publicados e divulgados; meu nome será divulgado; durante o desenvolvimento da pesquisa poderei fazer contato com a pesquisadora pelo e-mail [annandadj@hotmail.com](mailto:annandadj@hotmail.com) para qualquer esclarecimento.

Assim, aceito fazer parte desta pesquisa e autorizo a utilização e divulgação dos resultados que envolvem minha pessoa.

  
\_\_\_\_\_  
Marlise Marczewski (Participante da pesquisa)

  
\_\_\_\_\_  
Annanda Diléia Jablonski (Pesquisadora)

## APÊNDICE D – Autorização da ex-colega Marilene

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Trabalho:** O Baú dos Meus Guardados: Imaginários e lembranças das primeiras vivências escolares

**Pesquisadora:** Annanda Diléia Jablonski

**Orientadora:** Profa Dra Lúcia Maria Vaz Peres

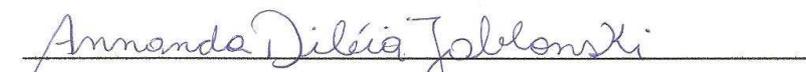
### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Eu, Marilene Dauek, portadora do RG nº. [REDACTED] confirmo que fui esclarecida sem qualquer constrangimento, sobre os objetivos da pesquisa acima referida bem como da forma de minha participação na mesma. Foi esclarecido ainda que minha participação nesta pesquisa é livre; o que falei nas entrevistas e escrevi posteriormente, bem como imagens (fotografias e vídeo) poderão ser publicados e divulgados; meu nome será divulgado; durante o desenvolvimento da pesquisa poderei fazer contato com a pesquisadora pelo e-mail [annandadj@hotmail.com](mailto:annandadj@hotmail.com) para qualquer esclarecimento.

Assim, aceito fazer parte desta pesquisa e autorizo a utilização e divulgação dos resultados que envolvem minha pessoa.



Marilene Dauek (Participante da pesquisa)

  
Annanda Diléia Jablonski (Pesquisadora)

## APÊNDICE E – Autorização da professora Teresinha

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Trabalho:** O Baú dos Meus Guardados: Imaginários e lembranças das primeiras vivências escolares

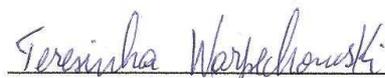
**Pesquisadora:** Annanda Diléia Jablonski

**Orientadora:** Profa Dra Lúcia Maria Vaz Peres

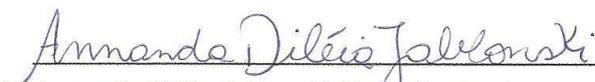
### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Eu, Teresinha Warpechowski, portadora do RG nº. [REDACTED] confirmo que fui esclarecida sem qualquer constrangimento, sobre os objetivos da pesquisa acima referida bem como da forma de minha participação na mesma. Foi esclarecido ainda que minha participação nesta pesquisa é livre; o que falei nas entrevistas e escrevi posteriormente, bem como imagens (fotografias e vídeo) poderão ser publicados e divulgados; meu nome será divulgado; durante o desenvolvimento da pesquisa poderei fazer contato com a pesquisadora pelo e-mail [annandadj@hotmail.com](mailto:annandadj@hotmail.com) para qualquer esclarecimento.

Assim, aceito fazer parte desta pesquisa e autorizo a utilização e divulgação dos resultados que envolvem minha pessoa.



Teresinha Warpechowski (Participante da pesquisa)



Annanda Diléia Jablonski (Pesquisadora)

# **ANEXOS**

## **ANEXO A – Depoimentos do primeiro contato com alguns ex-colegas.**

Por meio do site de relacionamentos da internet, *Orkut*, estabeleci o primeiro contato com alguns dos meus ex-colegas. Através de depoimentos (opção na qual as pessoas podem comunicar-se sem que as outras tenham acesso) fiz as seguintes perguntas a eles: que lembranças você tem das suas séries iniciais (pré-escolar, 1ª e 2ª séries)? Você lembra da sua turma, colegas e professores dessa época? Que relação você faria entre suas atuais vivências e as experiências que teve naquele tempo? Teria para você algum sentido reencontrar amigos, colegas e professores 17 anos depois na mesma Escola Santa Fé onde você estudou? Abaixo, suas considerações a respeito das minhas indagações.

“Na primeira e na segunda séries, me vem as lembranças dos desenhos os quais ainda tenho alguns guardado na casa da minha tia em Guarani. As cadeiras e mesinhas que hoje em dia precisaria de umas duas cadeiras pra sentar, e uma mesinha para cada perna. Hehe! A sala toda cheia de folhas penduradas do alfabeto e dos números. Dos colegas que tenho lembrança são o **Abacateiro**<sup>32</sup>, Annanda, **Cipreste** (por quem não tenho muita adoração), a **Orquídea**, o **Jatobá** e **Embaúva** (gêmeos), entre outros que nomes não recordo, mas lembro deles sim. A vida naquele tempo era tudo alegria, sempre qualquer coisa terminava em brincadeira, agora, temos muitas responsabilidades e deveres os quais naquela época eram apenas brincar. Sei que daquela época tenho amigos que alguns ainda tenho contato, outros não, muitos não tenho nem idéia pra que lado foram, mas seria legal conseguir reencontrar alguns deles, mesmo não tendo muito o que conversar seria legal.”

Luis Guilherme

“Bah, mas agora você pegou pesado, lembrar do prézinho! Hehehehe! Sinceramente não lembro de muita coisa, mas lembro de alguns colegas como você, o **Eucalipto** e o Luis Guilherme Lappe. E assim na memória não lembro. A professora era a Teresinha Warpechowski. Lembranças mesmo daquela época era que brincávamos muito, e que começamos a escrever o nome e coisa assim. E claro que gostaria de reencontrar

---

<sup>32</sup> Ver nota de rodapé 26.

esses colegas para saber que rumo tomou cada um na sua vida e relembrar aquele bom tempo!”

**Figueira**

“Então, sobre o pré -escolar é o seguinte: eu lembro de poucas coisas. O nome da profª era Teresinha se não me engano, alguns colegas que mais tinha afinidade, como o **Figueira**, o Luis Guilherme (mas esses as nossas mães eram amigas e nos visitávamos muito.) Lá em casa tinha várias árvores e nós brincávamos! Tinha também o **Abacateiro**, com quem conversava bastante no colégio mas nunca fomos um na casa do outro. A **Acácia** que era uma grande amiga e eu ia lá na casa dela comer goiaba, hehe! Tinha um guri que eu acho que era **Ipê Amarelo**, que nós trocávamos de merenda às vezes. Os gêmeos **Jatobá** e **Embaúva**, que eram uns terror. A **Violeta**, essa era meio cheinha. O **Cequoia** que eu também era muito amigo e com quem trocava fitas de vídeo game. Ah e tinha uma guria que era a mais linda do colégio que eu e o **Figueira** éramos apaixonados (coisa de criança...hehe) que eu até já falei pra ela. E de você senhorita Annanda eu lembro que nós brincávamos de casinha na caixa de areia e que você era muito inteligente e que foi um arvorezinha na apresentação de formatura....hehe! Ah, também tinha um guri que não me lembro o nome, mas que eu não gostava dele por que ele se achava demais...acho que era **Cipreste** quem sabe você lembre. Uma coisa que me marcou no Pré foi uma vez que tínhamos que costurar uma almofada e que eu não tava muito afim de fazer e tinha uma colega que também não lembro o nome e ela costurou pra mim. O Pré é a base para uma pessoa ter boas maneiras e isso que me influenciou na vida até hoje. Bom acho que é isso, e eu gostaria muito sim de poder reencontrar os colegas daquele tempo.”

**Eucalipto**

## ANEXO B – Carta escrita por Luis Guilherme.

No momento em que reviramos o baú, foi um pouco estranho relembrar muitas coisas de quando criança, uma mistura de euforia e medo, tantos momentos bons e alguns nada bons de lembrar, mas dentre tantas coisas, fugiamos das graças no recreio, as atividades em aula, pinturas, os desfiles, são coisas que participávamos, onde muitas vezes era apenas um amigo ou colega nosso querer participar para todos os outros colegas também participarem.

Tenho muita saudade daquela, pois sabia que tinha amigos verdadeiros, muitos ainda mantenho contato, ou por msg, orkut e outros faz anos que não vejo e não tenho notícias.

Não tenho um maior contato com os colegas daquela época, por talvez ter ido morar em outra cidade e as vezes até reconheço mas por não ter certeza acabo evitando de acabar conversando talvez.

E naquela época meus melhores momentos eu tinha em aula, na escola, porque em casa sempre tinha um clima muito pesado, por isso muito melhor lembrar do colégio...

Luis Guilherme Leppe

**ANEXO C – Fotografia levada ao encontro pela ex-colega Marlise.**



## ANEXO D – Carta escrita por Marlise.

O encontro que tive com a Annanda, para relembrares o tempo de escola, foi muito legal e emocionante.

Eu estudei com a Annanda na 1ª e 2ª série da Escola Santa Fé.

Quando ela me convidou para fazer a entrevista eu fiquei presu-  
supada, pois já não me lembrava das coisas da época, mas quando começamos a conversar as lem-  
branças foram voltando.

A primeira coisa a me lembrar foram dos picolés da Dona [REDACTED] vi-  
zinha da escola, que fazia picolés de leite com chocolate, e colocava em copinhos de iogurte para gelar e os palitos dos picolés eram de teque-  
rinhos. Quando dava a hora de recreio e o final da aula todos corriam para comprar.

Na 1ª série a nossa Professora foi a [REDACTED], e na 2ª série a Professora [REDACTED], esta última gostava muito da Annanda e me lembro que quando era preciso apagar o quadro, ou buscar qualquer coisa fora da sala de aula, era sempre a Annanda que fazia.

Na hora de recreio nos ges-  
tavamos de brincar na escola

(Continuação)

que dava na sala de diretoria, tínhamos que adivinhar em qual mão que estava a pedra para ir descendo a escada. Quem chegasse antes no último degrau e que comandava a bençoeira.

Me recordo também das Missas e rezas que tínhamos no refeitório da escola, sempre comandadas pela Prof. [REDACTED], que dava aula para os alunos especiais que tinha na escola. Era uma turma de surdos e mudos.

Na 2ª série tínhamos um colega especial, o [REDACTED], que sempre sentava junto com o [REDACTED] para que este lhe ajudasse nos deveres da aula.

Além da relação da escola e a Armanda e a [REDACTED], também colega da escola, tínhamos amizade fora dela. Morávamos perto e sempre brincávamos juntas.

No desfile da Semana da Pátria Sete de Setembro, desfilaram as meninas com os bambolês, e eu mais uma menina tínhamos a frente virando estrelinhas, foi muito legal. No Dia do Juízo todas de prendinhas desfilamos em cima de um caminhão todo enfeitado com um CTG, fogos de

(Continuação)

chá. Depois do desfile, o CTG  
virou fazinha no colégio onde  
nós, e todas as crianças brin-  
cavamos muito.

Foi muito legal e divertida  
relembrar dessas histórias dos  
primeiros anos de escola. Lem-  
brar dos colegas, das brincadeiras  
foi uma experiência muito  
boa.

Marlise Marzevski

**ANEXO E – Fotografia e cartão levados por Marilene ao encontro.**